
O CEO
e a Prostituta
Livro 1
L. A. JOHANSON

L. A. Johanson

o CEO e a Prostituta

Duologia Insaciáveis: Livro 1

1ª Edição

Copyright © 2019 — Lily Ann Johanson

Capa: Lily Ann Johanson
Diagramação: Laís dos Passos
Revisão: Débora Correa

Esta é uma obra de ficção. Nomes, personagens, lugares e acontecimentos descritos são produtos da imaginação do(a) autor(a). Quaisquer semelhanças com nomes, datas e acontecimentos reais são mera coincidência.

É proibido o armazenamento e/ou a reprodução de qualquer parte destas obras, através de quaisquer meios - tangível ou intangível - sem o consentimento escrito do(a) autor(a) ou da editora.

Todos os direitos reservados.

Criado no Brasil.

SUMÁRIO

Capítulo 1
Capítulo 2
Capítulo 3
Capítulo 4
Capítulo 5
Capítulo 6
Capítulo 7
Capítulo 8
Capítulo 9
Capítulo 10
Capítulo 11
Capítulo 12
Capítulo 13
Capítulo 14
Capítulo 15
Capítulo 16
Capítulo 17
Capítulo 18
Capítulo 19
Capítulo 20
Capítulo 21
Capítulo 22
Capítulo 23
Capítulo 24
Capítulo 25
Capítulo 26
Capítulo 27
Capítulo 28
Capítulo 29
Capítulo 30
Capítulo 31
Capítulo 32
Capítulo 33

Capítulo 34
Capítulo 35
Capítulo 36
Capítulo 37
Capítulo 38
Capítulo 39
Capítulo 40
Capítulo 41
Capítulo 42
Capítulo 43
LIVRO 2


Sinopse

Ava é uma jovem maltratada pela vida. Perdeu os pais ainda criança e a sua guarda foi passada para a melhor amiga de sua mãe, Olga. Enquanto adolescente, Ava foi forçada pela mãe adotiva a se prostituir para manter suas despesas. Ela viveu conformada com aquela vida por muitos anos, mas, após uma ponta de esperança se acender em seu coração, ela fugiu, deixando para trás a sua exploradora e a sua antiga cidade.

Em São Francisco, na Califórnia, Ava tentou recomeçar sua vida. No entanto, não conseguiu se esquivar da vida de prostituição, descobrindo da pior maneira como é viver na cidade grande.

Durante a rotina dos seus programas, ela conhece Dion, um homem misterioso que mudará sua vida, não necessariamente para melhor. Caindo nas teias de um romance improvável e ao mesmo tempo inevitável, Ava e Dion descobrirão que o pior perigo é aquele que se revela somente na calada da noite.


Capítulo 1

AVA

Millis, Massachusetts

— Vamos, Ava. O filho do prefeito e o amigo dele estão esperando!

A voz irritada de Olga soou atrás da porta depois de três batidas apressadas.

— Eu já te falei que eu não vou! — gritei de volta.

— Você vai sim, nem que eu arrombe essa porta e te arraste pelos cabelos!

Parada em pé e hesitante, eu senti a esperança deixar o meu corpo. Pensando nas minhas opções, sentei-me na cama e tapei meu rosto, que estava sendo tomado pelas lágrimas, quando percebi que só havia um caminho a ser seguido.

Eu ainda tinha marcado na pele o excesso de força utilizado pelo filho violento do prefeito. E agora ele tinha trazido companhia. Quem poderia prever se eu sairia viva daquela vez?

Um sopro de vento atravessou minhas reflexões pessimistas e chegou até os meus braços nus, me induzindo a olhar interessada para a janela do quarto.

— Só mais alguns minutos — respondi com uma ideia na cabeça.

Logo ouvi os passos de Olga se afastando.

Levantei-me rapidamente, indo em direção ao guarda-roupa, e abri o forro de madeira da última gaveta. Ali era o meu cofre particular, onde eu vinha guardando o dinheiro que eu pegava de Olga sem ela perceber.

Com um pouco mais de agilidade, apanhei uma mochila pequena embaixo da cama e joguei algumas roupas sem escolher. Vesti uma calça e um casaco, colocando as notas de dólares amassadas dentro da bolsa.

Eu precisava pular a janela antes que Olga aparecesse novamente. Apesar de não ter destino e nem quem me protegesse, eu precisava fugir. Aos dezoitos anos, tudo o que eu tinha era uma prisão e uma mãe adotiva que me escravizava. Então, pela primeira vez, eu tentaria tomar as rédeas da minha

vida. Arriscaria-me para ver onde aquilo daria.

Coloquei a mochila nas costas ao escutar os passos de Olga voltando. A parte sádica da minha mente me dizia que eu não iria sobreviver sem as migalhas dela e, quando encontrasse algo de muito ruim, ela faria me servir de aprendizado, me mostraria de uma vez por todas que ela tinha o total controle da minha vida.

Não permiti que aquele mau agouro se sobressaísse à minha determinação.

Antes de correr para a janela, eu parei em frente à minha cama, ainda bagunçada e com o cheiro nojento do último cliente que passou por ali, e peguei a foto debaixo do travesseiro.

— Vocês dois vem comigo — falei baixinho, com a fotografia dos meus pais na mão.

Foi o tempo de Olga mostrar a sua irritação pela minha demora.

— Ava, não me obrigue a derrubar essa porta!

Parei diante da janela com uma parte do meu cérebro ainda fazendo um pouco de barulho ao sugerir que o meu plano era totalmente estúpido.

— Você pode derrubar essa porta, Olga, mas a única coisa que vai cair é o seu domínio sobre mim — sussurrei ao relento enquanto descia janela abaixo, sabendo que, independente do resultado, eu já havia vencido ao tomar aquela decisão.



São Francisco, Califórnia

Quatro anos depois

Rafael saiu de mim e eu me senti exausta. Ele era o terceiro cliente daquela tarde quente de sexta-feira. O moreno de ascendência mexicana se levantou da minha cama e caminhou até onde havia deixado suas roupas.

Levantei-me logo em seguida e peguei o meu robe de cetim no chão.

— Você estava perfeita como sempre, Tayla. — Ele abriu a carteira e retirou algumas notas, colocando-as em cima do criado-mudo.

Tayla foi a identidade que eu assumi após fugir de Massachusetts. Eu já não queria aliar as minhas práticas ao meu nome verdadeiro.

Rafael me olhou de soslaio e eu sorri gentilmente. Então, ele retirou mais algumas notas e colocou junto com as outras.

— Isso é por eu não ter vindo semana passada.

Abri a boca para agradecer, mas ele acenou com a mão, insinuando que não era necessário. Continuei em silêncio enquanto ele se vestia.

— Então, está marcado para semana que vem? — perguntei ansiosa.

Rafael era um dos poucos clientes fixos que eu tinha. Ele sempre era muito gentil e educado, um perfeito cavalheiro na cama e fora dela. Meu único cliente bom.

— Eu ligo pra confirmar. — Balancei a cabeça em concordância e ele foi embora.

Saí preguiçosamente da cama e fui em direção ao guarda-roupa de segunda mão. Ele tinha uma cor azul harmoniosa, destoando do tom amarelo desbotado do restante do miniapartamento que eu mantinha. Retirei de lá um jogo de lençol branco, forrei a cama com o lençol limpo e coloquei o usado no cesto de roupa suja.

Atravessei o quarto e entrei no banheiro, dando-me conta de que eu teria um novo cliente em menos de meia hora.

Lavei o meu corpo sem nenhum entusiasmo, refletindo sobre o que a minha vida era e o que ela tinha se tornado. Aos dez anos, eu descobri que estava órfã e que minha guarda havia sido passada para a melhor amiga de minha mãe. Aos onze, Olga começou a discursar que eu tinha uma dívida com ela por ter cuidado de mim até aquele momento. Aos doze, eu perdi a minha inocência com um caminhoneiro da minha antiga cidade, pois, segundo Olga, minha mãe adotiva, aquela era a única forma de continuar me oferecendo comida e um lugar para dormir.

Eu ainda achava um mistério como sobrevivi àquilo tudo. Naquela

época, eu não sabia direito como a vida funcionava. Na escola, eu era a garota estranha que sentava longe das pessoas sem conseguir entender por que eu tinha que fazer as coisas que eu era obrigada e as outras garotas não.

Fechei a torneira, chegando à conclusão de que a minha vida não havia mudado muito. Apesar de conseguir fugir de Olga, eu ainda precisava vender o meu corpo para conseguir algo para comer e um lugar para dormir.

Peguei o estojo de maquiagem dentro do armarinho e comecei a pintar o meu rosto. Eu sempre usava maquiagem pesada para parecer mais velha. Apesar de ter vinte e dois anos, sem maquiagem eu parecia ter quinze. Então, para não arranjar mais problemas, eu dizia que tinha vinte e cinco anos quando me perguntavam.

Vesti uma lingerie preta de renda e coloquei o meu robe recém-comprado de estilo oriental. O cliente que viria agora era novo e eu queria impressioná-lo. Espirrei um perfume no ar para suavizar o odor de mofo, só que, mesmo eu dando o meu melhor na decoração do apartamento, algumas infiltrações e buracos na parede ainda eram visíveis.

A campainha tocou, fazendo-me suspirar insatisfeita por ter que fazer sexo com um desconhecido em troca de dinheiro. Eu continuava tentando achar empregos formais, mas, a cada negativa, a cada entrevista de emprego malsucedida, não conseguia evitar pensar que aquela seria a minha vida para sempre.

Guardei meus pensamentos e foquei no que importava no momento: agradar mais um cliente.

Aquilo era tudo o que eu tinha feito nos últimos anos.

Amarrei o robe e soltei meu cabelo. Depois do segundo toque, eu fui em direção à porta. Antes de forçar um sorriso, eu respirei fundo três vezes. No entanto, nada teria me preparado para ver quem estava do outro lado.


Capítulo 2

AVA

Olhei para o homem alto à minha frente sem conseguir deixar de mostrar o meu constrangimento. Fui fisgada por olhos de um azul límpido e ao mesmo tempo obscuros. A julgar pelo terno preto muito bem alinhado, ele tinha acabado de sair do trabalho, assim como todos os meus outros clientes daquela tarde.

— Tayla? É você, não é? — indagou, olhando-me de forma curiosa.

Fechei os olhos para dissipar os meus pensamentos. Eu tinha uma leve suspeita de que o conhecia de algum lugar, porém não conseguia me lembrar de onde.

— Sim, me desculpe, sou eu mesma. — Abri o resto da porta. — Entre, por favor.

Assim ele fez. Com as mãos no bolso, o cliente percorreu a sala e eu fiquei totalmente envergonhada por saber que as infiltrações no teto seriam alvos de sua inspeção. O chão e as paredes amareladas eram originais, mas deixava tudo com a aparência de lugar sem graça, sem vida, sujo. A cortina ficava sempre cobrindo as janelas para evitar ao máximo a entrada de poeira e para apagar um pouco daquela impressão desleixada. Dois abajures velhos desempenhavam a função de oferecer alguma claridade. De qualquer forma, meu apartamento não estava à altura de homens como aquele. Era quase cômica a discrepância social ali.

Permaneci observando aquele novo cliente, imaginando várias razões que o levariam procurar uma garota como eu. Ele poderia ser um policial querendo saber de algum traficante do prédio ou até mesmo me prender, já que a prostituição ali era crime. Ele poderia, também, ser um daqueles caras esquisitos que pagam as pessoas para espancá-las, porém algo nele me dizia que eu estava enganada no meu julgamento em todos os casos.

Voltei à realidade quando vi o homem girar em seus sapatos e passar por mim.

— Eu fiquei sabendo de você através de um amigo. — Ele tirou o paletó e sentou no sofá com as pernas abertas, jogando um braço sobre o encosto. Aquela pessoa estava mais à vontade na minha casa do que eu. —

Ele me disse que você era bonita. Achei que fosse modo de dizer, mas te vendo agora... — Percebi seu olhar frio percorrer toda a minha estatura. — Você não tem menos de dezoito, tem?

— Tenho vinte e cinco — respondi, olhando para o chão e fechando as mãos em torno de mim mesma, sentindo-me acanhada, ou talvez fosse apenas o incômodo de mentir.

— Não, você não tem vinte e cinco anos — rebateu com toda a certeza do mundo concentrada em uma única frase. Realmente desconfiei que ele não iria acreditar que eu tinha aquela idade.

— É, talvez não — falei, exibindo um sorriso, e observei-o suavizar a expressão. — Mais alguma pergunta?

— Eu tenho, na verdade.

Ok! É hora da entrevista de emprego. Tentei me preparar mentalmente para qualquer tipo de pergunta ou proposta sexual. Os sadomasoquistas estavam fora da minha lista de clientes, que também excluía usuários de drogas.

— Me diz uma coisa, Tayla, como você terminou aqui? — a pergunta dele saiu sem jeito, quase nem saiu. — Você sequer parece uma prostituta.

Aquilo era o que todo cliente novo me perguntava e, como sempre, eu não queria iniciar uma discussão sobre como o destino nos leva a um caminho tortuoso às vezes. E, não, aquele estereótipo de meia arrastão e lingeries extremamente vulgares não rolava comigo.

— Eu sou uma mulher com despesas e sem nenhum emprego, preciso ganhar a vida de alguma forma — respondi, tentando transmitir obviedade. — Você bebe? — tratei de mudar de assunto logo. Eu não gostava do tom daquela conversa.

Assisti ao homem concordar com a cabeça. Fui até a cozinha e peguei a garrafa de uísque que eu guardava somente para o primeiro programa dos clientes e voltei com dois copos.

— Qual é o seu preço? — ouvi a voz dele quando eu reapareci.

— Cem dólares a hora. — O homem cerrou os olhos, apostei que

estava me achando cara.

— Hum, eu achei que seria mais caro. Ouvi alguns amigos dizerem que uma boa profissional não sai por menos de trezentos.

Ouviu dizer? Como assim?

Comecei a achar que eu era a primeira prostituta da vida dele. Na verdade, fazia todo sentido. A maioria dos clientes já chegavam colocando as mãos na minha bunda antes de dizer qualquer coisa, porém aquele homem mantinha uma distância "segura", como se não tivesse certeza de que estava no lugar certo.

Ainda assim, por que alguém elegante e atraente como ele teria que pagar por prostitutas?

— A maioria dos meus clientes não tem condições de arcar com esse valor, mas eu aceito os trezentos se você quiser me pagar — comentei, sorrindo com malícia, sentando ao lado dele.

Apoiei um braço no encosto do sofá e passei a olhar fixamente para o homem do meu lado. Uma beleza rústica envolvia o seu rosto, olhos que diziam muito mais do que as palavras que saíam da sua boca e um porte físico que poderia fazer dele um astro de filmes de ação.

— Mas aí eu vou querer três horas. — Ao ouvir aquilo, uma quentura se espalhou pelo meu rosto, porém ele respondeu como se fosse um exímio negociador – nem mesmo vi a sombra de um sorriso que demonstrasse que ele estava brincando.

Seriedade era a palavra que eu usaria para defini-lo. A forma que ele me olhava era intimidadora e ao mesmo tempo acendia dentro de mim um sentimento encorajador. O semblante dele me passava um ar de perigo, era bizarro, entretanto eu gostava daquilo.

Terminei de tomar o conteúdo do meu copo com apenas um gole. Eu bebia somente com a intenção de me deixar mais solta e conseguir agradar os meus clientes sem vergonha ou pudores. Nem precisei que a bebida fizesse efeito e me deixasse mais à vontade, pois aquele homem com a fisionomia autoritária e misteriosa me enchia de tesão.

Os olhos observadores dele me analisavam a cada gesto ou palavra dita. Eu não fazia o mesmo porque era fácil, muito fácil, saber o que estava passando em sua mente agora.

— Bem, o seu tempo já está correndo.

Levantei e tomei o copo de sua mão colocando na superfície lisa mais próxima. Logo depois desamarrei o robe e deixei que ele deslizasse pelo o meu corpo até cair no chão. O cliente me espreitou com olhos atentos e eu os senti em cada ponto do meu corpo.

Deus, aquilo me excitava.

Montei nele em cima do sofá depois de pedir sua permissão e retirei a gravata com cuidado. Desabotoei cada botão da camisa branca sem tirar os olhos do meu cliente. Minha respiração começou a falhar a partir do momento que senti as mãos dele acariciando as minhas coxas, deslizando seus dedos suavemente pela minha pele.

Fechei os olhos para segurar a sensação vertiginosa que subia pelas minhas veias. Eu precisava manter o controle diante da situação inédita. Feito isso, enfiei as mãos dentro da peça recém-aberta, percebendo que ele estremecia ao meu toque, soltando um gemido quase inaudível e olhando-me de forma enigmática.

— O que você espera de mim? — perguntei com cuidado e um pouquinho de ousadia, alisando o seu peitoral moldado por músculos. Aquilo seria interessante. — Eu estou bem aqui e posso fazer *tudo* o que você quiser. Quero dizer, quase tudo — fiz charme.

— E o que você não está disposta a fazer? — Fitei o homem enquanto ele subia um dedo suavemente pelo vão dos meus seios.

— Não uso drogas nem pratico BDSM — respondi tranquila.

— Ótimo.

Capturei a sua mão quando ele a passou pelo meu rosto enfiando o dedo médio na boca e chupando toda a sua extensão sem tirar os olhos dele. O meu sexo friccionava em seu colo e só aquele ato espalhava chamas pelo meu corpo todo.

O que estava acontecendo comigo?

— Então, me diz o que você quer de mim? — tentei de novo.

Meu cliente prendeu a respiração me olhando com feições tensas. Eu não sabia o que aquilo significava, só esperava que ele não desistisse do programa.

— Eu quero tudo — respondeu com uma calma comedida, mas a certeza explodia em seu olhar.

Meus pelos se arrepiaram com aquela sensação. Talvez fosse o meu dia de sorte.

— E como você quer que eu te chame? — sussurrei em seu ouvido, aspirando a sua fragrância extremamente sedutora.

Ele segurou firme em minha cintura, trazendo-me para mais perto.

— Sei que seu nome não é Tayla, então pode me chamar de Collins — hesitou por um instante. Vi seus olhos baixarem até a minha boca. Eu aproximei nossos rostos um pouco mais para selar nossos lábios com um beijo provocador, mas ele me afastou delicadamente. — Ou melhor, Senhor Collins.


Capítulo 3

AVA

Consegui levá-lo ao meu quarto para termos um pouco mais de espaço livre. Com muito custo, eu o fiz se desgrudar de mim e se sentar na cama. Não queria me precipitar demais apesar de ele ter a ideia oposta.

Ajoelhei à sua frente e o toquei das pernas até o final das coxas. Meu cliente parecia o tipo de homem que não sabia esperar, que precisava ter o controle. Eu o encarei, provocando, tocando-o de uma forma que eu tinha certeza de que conseguiria as melhores reações dele.

Desde que o vi na minha porta, eu tive a pretensão de tirar cada gota de sua sanidade. Enlouquecê-lo, fazê-lo rastejar atrás de mim para conseguir mais. Eu queria que ele me desejasse, mas não para conseguir o dinheiro dele. Só queria agradá-lo como eu nunca fiz com nenhum outro cliente.

Botei minhas mãos no cós da calça dele para retirar o cinto, logo depois desci o zíper e orientei-o a se levantar para eu puxar a calça após tirar seus sapatos.

— Uau... — gemi mordendo os lábios.

A frase saiu da minha boca quando vislumbrei aquele homem só com uma cueca box preta torneando os músculos bem definidos de sua coxa e da cintura. A ereção dele se fazia bem aparente. Aquilo era muito bom para ser real.

Com a mão direita, eu o alcancei no meio das pernas onde ele não conseguia mais esconder que me queria. Ele precisava de mim. Sorri internamente com a constatação. Acariciei por cima uma vez, depois de novo. Até que ele soltou um palavrão estrangulado, com a cabeça curvada pra trás. Não contente, enfiei uma mão ali dentro procurando por aquilo que estava me dando água na boca. Lambi os lábios ao perceber que ele já estava tão duro e pronto, só esperando por um bom desfecho. Com isso, a ânsia no meio das minhas pernas ficava cada vez maior.

Eu queria senti-lo na minha boca, no entanto o meu cliente tinha outros planos naquele momento. Senhor Collins se levantou, levando-me junto com ele e deixando-me de costas. Os seus lábios acariciavam o meu pescoço enquanto as mãos seguiam para os meus seios, rodeando os mamilos com a

ponta dos dedos, suavemente. Aquilo causava uma sensação tão boa que eu perdi a noção da realidade e, quando dei por mim, já estava nua e o toque do meu cliente tomava o meu corpo todo. A boca trabalhando no meu pescoço e as mãos no restante.

— Eu estou louco para sentir o seu gosto — disse no meu ouvido. — Saber se é tão gostosa como parece.

Espantei um calafrio levantando um ombro. Peguei na mão do meu cliente e andei de costas, trazendo-o comigo até achar a cama. Deitei e o puxei para cima de mim.

Ele aceitou o convite e resolveu brincar com o meu psicológico. Suas mãos me prenderam no colchão, logo depois senti o toque molhado de sua língua percorrendo meu pescoço, passando pelos seios até chegar ao final da minha barriga. A partir daí, ele soltou as minhas mãos e alcançou o meu sexo. Meu corpo se contraiu e fechei as pernas involuntariamente.

Aquilo pegou o meu cliente de surpresa.

Seus olhos azuis me olharam estáticos e analíticos.

— Algum problema com isso? — sondou, demonstrando cautela.

— Não, é que... isso não acontece com frequência.

Eu estava falando a verdade. Meus clientes me pagavam para eu fazê-los sentir prazer, não para – tentar – me dar prazer.

— Tudo bem se eu...

Balancei a cabeça freneticamente em sinal positivo, impedindo que ele terminasse a frase, dando-lhe minha permissão. Então ele abriu as minhas pernas suavemente.

Primeiro, distribuiu beijos do joelho até a parte interna da minha coxa. Ali eu já não aguentava mais aguardar para me desfazer de prazer nas mãos daquele estranho.

Ele não foi direto ao ponto, apenas começou com toques quase imperceptíveis na minha umidade, que por si só me faziam ver estrelas. Meu quadril não parava quieto, tinha assumido o controle há muito tempo, como um instinto animal, induzindo-me a agarrar cada vez com mais força o lençol

abaixo de mim.

— Sim... sim! Senhor Collins... — gemi desenfreadamente quando ele resolveu dar atenção para o pequeno ponto que orquestrava toda aquela brincadeira.

Sua língua deixava de ser pacífica para ser voraz, deixava de ser voraz para ser pacífica e naquele psicodelismo eu só podia fechar meus olhos e sentir. Eu nunca pensei que poderia ser tão bom.

Que Deus abençoe Senhor Collins e sua língua.

Eu estava enganada. Não pensei que aquilo poderia ser tão bom até os dedos dele entrarem no jogo.

Murmurei algo sem nexo quando ele passou um dedo suavemente pela minha abertura. Pouco depois, meu corpo se contorceu quando senti seus dedos entrarem em mim. Primeiro, um apenas testando, logo após, dois para ele ter noção de quanto eu aguentava.

Que ironia.

Enquanto os dedos dele descobriam a minha intimidade, a língua voltou à ação. Sua língua trabalhou em mim de forma lenta, mas os dedos foram imbatíveis. E o resultado daquilo tudo foi uma versão ensandecida de mim mesma gritando louca de prazer, com a guarda afundada na lama e o cérebro entrando em parafuso.

Entrei em combustão. O fogo queimava, queimava e queimava sem que eu nunca ficasse satisfeita. Um gemido estridente ecoou dos meus lábios quando ele me fez gozar tão intensamente que eu não tinha nem palavras pra descrever aquela sensação.

Tudo aquilo sem o pau dele – fiquei imaginando quando ele entrasse na jogada.

Meu cliente parou quando percebeu o meu corpo trêmulo e suado sob ele. Aquele orgasmo quase me fez atingir a exaustão.

— Você é tão linda, Tayla. Em todo lugar, você é linda — ele disse aquilo tocando o meu corpo como se só aquilo lhe desse uma boa carga de prazer.

Naquele instante, a única coisa que eu queria era pedir para ele me deixar fazê-lo sentir tudo aquilo que ele tinha acabado de fazer comigo. No entanto, eu não fui rápida o bastante. Meu cliente pegou um preservativo em sua calça no chão e o prendeu entre os lábios. Deitada, eu não conseguia ver muita coisa, e com “muita coisa” eu queria dizer o seu “poder bélico”. Ri mentalmente para disfarçar o meu medo de me decepcionar. Ele separou novamente as minhas pernas e ajeitou o meu corpo para ficar na exata posição que ele queria.

Sequer o vi colocando a camisinha, mas me perguntei diversas vezes se a língua dele era tão habilidosa num beijo quanto era no sexo, se todas as mulheres estremeciam ao olhar para ele da forma que acontecia comigo, ou simplesmente quem era ele de verdade.

Senhor Collins voltou a olhar para mim e acariciou um dos meus seios. Suspirei quando ele o abocanhou brevemente, chupando até o topo.

— Põe em mim — choraminguei sem nenhum pingo de vergonha quando percebi os seus lábios descendo pela minha barriga de novo.

De certo, só aquilo era bom demais, mas era apenas a cereja do bolo. O melhor ainda estava por vir. Notando que ele queria prolongar as carícias, toquei a perna dele até achar o que ele tinha pra me oferecer. Instantaneamente entendi o porquê das preliminares. Até as prostitutas deveriam estar preparadas para um pau como aquele. Ele retesou por um instante, mas logo deixou que eu continuasse. Acariciei seu membro rapidamente, como ele já estava com preservativo, não dava para fazer muita coisa naquele momento.

Puxei de leve até ele ficar encaixado entre as minhas pernas e o pressionei um pouquinho na entrada do meu sexo. Uma sensação extasiante tomou conta de mim só por aquele pequeno contato.

Meu cliente se endireitou e, olhando-me com cuidado, ele colocou a mão em cima do montinho carente, que na maioria das vezes era negligenciado, massageando-o, e entrou em mim vagarosamente como uma tortura lasciva. Cerrei os lábios para segurar um gemido sofrível, levantando os quadris para conseguir aconchegar ele todo. Senhor Collins retirou seu pau e fez o mesmo processo, conseguindo assim ir mais fundo.

Ele era grande. Incontestavelmente grande. Ainda assim, fez tudo para eu me sentir confortável.

Era assim que deveria ter sido a minha primeira vez, pensei.

Aos poucos ele foi aumentando a pressão até conseguir chegar ao meu limite e, julgando pelas suas feições, meu cliente estava impressionado.

— Será que eu consigo ir mais fundo nessa bocetinha gulosa? — comentou e eu tive certeza das minhas objeções.

Ele entrou e saiu de mim tão facilmente; os nossos corpos se encaixavam com perfeição e sintonia. Meus seios sensíveis recebiam as carícias dele enquanto eu enterrava os meus dedos nos seus braços vigorosos e o exaltava com os olhos, suplicando para que ele não parasse.

E ele não parou. Meteu cada vez mais rápido. Era insuportável me manter alheia àquelas investidas libidinosas. Por mais que eu tentasse, não conseguiria suportar por muito mais tempo. Afundei-me no colchão, sentindo um orgasmo avassalador me tomar, estremecendo da cabeça aos pés.

Passei a mexer o quadril para aumentar aquela sensação perfeita e também porque meu cliente estava muito próximo do clímax já que seus gemidos atingiram um nível agonizante.

— Gostosa pra caralho! Puta que pariu — ele disse com dificuldade, diminuindo o ritmo, sentindo cada milissegundo daquele insaciável prazer.

Ele deu uma última estocada e parou, explodindo dentro de mim com um gemido selvagem que fez meu corpo reacender e desejar fazer tudo de novo. Tive a breve impressão de que ele estava se livrando de um peso em suas costas, como se estivesse fazendo algo proibido e agora estava conformado com o ato de perversão. A sensação do gozo quente passando por mim através da camisinha era familiar e diferente das outras vezes. Eu não estava aliviada por ter terminado, eu queria mais.

O homem pairou em cima de mim, respirando ofegante e extasiado, mas não demorou a se recompor. Ele capturou o meu olhar por um instante, estava sereno, contudo, eu já conseguia ver a sombra do homem inatingível que ele era.

Como se acordasse de um transe, o meu cliente desfez a nossa ligação e se levantou, indo em direção ao banheiro que ficava dentro do quarto.

Deixei minha cabeça cair fortemente na cama, pensando no que diabos acabara de acontecer.

Havia um formigamento progressivo em meu corpo; estava só começando. De maneira involuntária, eu passei a me tocar em lugares estratégicos para conseguir um pouco mais de prazer. Deliciei-me por um breve instante e contive-me, envergonhada, quando o cliente reapareceu na porta.

— Quanto tempo ainda tenho?

Não me dei ao trabalho de responder, apenas fui até a mesinha de cabeceira e retirei outro preservativo de lá, jogando para ele que ainda estava bem excitado. Nem sequer olhei no relógio. Fiz com que ele deitasse e praticamente me joguei em cima dele, montando-o como se ele fosse uma moto veloz. Masturbei seu pau brevemente para ele ficar no ponto de novo. Meu cliente agarrou o meu bumbum no mesmo instante, tentando ditar o ritmo. Segurei suas mãos na altura da cabeça e comecei a cavalgá-lo lentamente, procurando uma posição que nos desse mais prazer.

Balancei em cima dele, sem tê-lo por completo dentro de mim. Percorri as mãos pelo seu peitoral, acariciando, instigando. Quando senti que já estava relaxada o bastante, eu fui mais além. Apoiei nas pernas dele atrás de mim e testei a posição que eu sempre via nos filmes adultos que eu tomava como ensinamento.

Levantei os quadris, porém o pau dele saiu de mim. *Tão grande, Senhor Collins*! Com um suspiro, meu cliente o reposicionou abaixo da minha abertura e eu sentei sobre ele, franzindo as sobrancelhas e soltando o ar aos poucos.

— Devagar — ele me advertiu.

Aquilo doeu um pouco, mas eu não desisti.

Levantei os quadris novamente, tentando não romper a penetração e consegui. Continuei fazendo aquilo. Já não havia mais dor e eu me permiti aumentar o ritmo. Mantive os meus olhos fechados e não tinha a menor ideia

de como o meu cliente estava reagindo a minha atitude, uma vez que ele estava me pagando para fazer o que quisesse comigo e não o contrário.

Senti o clímax se aproximar como uma onda incontrolável, então comecei a subir e descer mais rápido, gemendo a cada vez que o tinha por completo dentro de mim, cutucando o ponto mais sensível do meu corpo. Em uma fração de segundos, eu já não conseguia perceber nada ao meu redor, só uma sensação de prazer que de tão grande me dava medo.

Agarrei fortemente na cabeceira da cama, sentindo os meus músculos se tencionarem em torno do pau dele, fazendo com que eu me rendesse para aproveitar aquele momento único.

Ainda com uma boa dose de satisfação correndo por minhas veias, eu agradeci mentalmente por não ter que fingir mais um orgasmo.

Não me lembrava de alguma vez ter sentido prazer com um cliente. Ser prostituta era apenas um trabalho. Um trabalho sujo que eu odiava, mas ao mesmo tempo era o trabalho que me mantinha e às vezes, só às vezes, era divertido.

O meu cliente continuou a se mover dentro de mim. Os nossos gemidos se fundiram em uma sinfonia perfeita e extasiante. Com os olhos fixos nos meus, ele flexionou os joelhos para pegar a minha cintura e impulsionar o seu corpo contra o meu até achar a própria libertação.

Depois de saciados, não nos movemos, ficamos alguns minutos pele contra pele, ainda inflamáveis. Só então o Senhor Collins se levantou e fez o que todo cliente fazia: vestiu as roupas e abriu a carteira.

Fechei os olhos, sabendo que mais um cliente saía satisfeito. Com o diferencial de que eu também estava.

— Devo esperá-lo na semana que vem? — indaguei, relaxando na cama.

— Eu volto amanhã.

Contente, disfarcei meu sorriso.

— Qual horário você prefere, Senhor Collins?

Ele colocou a gravata com maestria, mantendo a atenção no reflexo em

frente ao espelho.

— O dia todo.

E, assim, ele foi embora.


Capítulo 4

AVA

Peguei um pedaço de pizza na geladeira e coloquei na frigideira para esquentar. Eu não me lembrava quando tinha pedido ela, mas a cara ainda estava boa. Um micro-ondas ali fazia falta, contudo, eu me virava como podia.

Enquanto me alimentava, selecionei o contato dos meus clientes de sábado e enviei uma mensagem dizendo que eu não estaria na cidade nesse fim de semana. Nenhum deles me respondeu. No fundo, eu sabia que eles iriam procurar outras garotas, só que no momento aquilo não importava.

Voltei para o quarto e me despi para tomar banho. Eu estava exausta para dizer a verdade, mas sentia o meu corpo muito leve. Captei a minha imagem no espelho e analisei as minhas feições. Cabelos bagunçados, pele suada. Meus olhos estavam cobertos de maquiagem borrada, tirando o charme da cor castanho esverdeado deles. Mesmo assim, eu me sentia bem.

Minha visão caiu nas notas de dinheiro embaixo da caixinha de música que sequer funcionava. Conferi e percebi que o Senhor Collins me deixou mais do que deveria. Três notas de cem dólares, sendo que era para ser somente uma, já que ele ficou comigo apenas uma hora. Juntei o dinheiro e coloquei onde guardava toda a grana que recebia, em uma lata velha dentro do guarda-roupa. Talvez amanhã eu já tivesse o suficiente para pagar o aluguel.

Tomei o meu banho e, estranhamente, as reflexões sobre a vida não vieram, provavelmente porque em meus pensamentos só havia um certo cliente de olhos azuis intensos e lábios prepotentes.



O celular me despertou de um sono sem sonhos ou pesadelos. Fiz ovos mexidos e me peguei pensando no meu cliente. De novo. Ele não avisou que horas viria e eu também não falei que horas meu expediente começaria.

Ele tinha meu número e eu não tinha o dele. Aquilo me preocupava. Se

ele não viesse, eu perderia um dia inteiro de trabalho. De qualquer forma, aprontei-me. Tomei banho e sequei o meu cabelo, deixando-o mais liso do que no dia anterior. Dispensei o uso de lingerie, coloquei apenas um robe rosa de cetim e aguardei. Eram nove da manhã.

Vinte minutos mais tarde, a campainha tocou. Fui atender com uma pouco de receio de ser alguém que eu não estivesse esperando.

— Senhorita Tayla. — Um suspiro de alívio escapou dos meus lábios. Era ele.

— Senhor Collins — disse com um sorriso, tentando acalmar as batidas do meu coração.

O seu estilo era totalmente diferente do dia anterior. Ele usava um suéter liso de cor cinza escuro, as mangas foram puxadas para cima deixando os seus antebraços fortes à mostra. A calça jeans preta e o tênis conferiam-lhe um ar despojado.

Ele passou a língua sugestivamente pelos lábios e imagens da tarde passada bombardearam a minha mente. Fiquei ali parada feito uma tonta, desejando aquele homem de uma forma quase insuportável.

Não sabia exatamente o que dizer ou fazer com a visão esplendorosa daquele ser na minha frente. Não deveria ser assim, uma prostituta tinha que saber o que fazer quando um cliente chegasse. A verdade era que eu gostaria de saber interpretá-lo, assim como ele fazia comigo o tempo todo, para tentar descobrir do que ele gostava e agradá-lo melhor. Eu não conhecia o meu cliente. Bem, obviamente não deveria conhecer mesmo, mas eu queria tanto.

Deixei as reflexões de lado e fiz a coisa mais óbvia quando percebi que ele se aproximava. Retirei o robe da forma mais sedutora que consegui quando tinha certeza de que estava na mira do seu olhar. Percebi que ele dava passos lentos e graciosos para me alcançar. Mantive meus olhos abaixados como um jeito de demonstrar que ele tinha permissão para fazer o que quisesse comigo.

Um par de segundos depois, eu senti sua mão em meu queixo, forçando-me a olhá-lo. O que eu via em seus olhos era um mar azul obscuro no qual, se eu não tomasse cuidado, poderia me afogar. Senhor Collins me

passava uma sensação de calmaria, mas que de repente se transformava em tormenta. Uma completa loucura.

— Você parece mais retida que ontem... — a sua voz grave me fez estremecer. Balancei a cabeça, negando a sua afirmação.

— Impressão sua. — Corri minhas mãos para dentro do suéter dele, recebendo uma reação instantânea. — Algum problema?

— Nenhum, só queria ter certeza que não estou aqui para fazer algo que você não queira.

Era assim que eu me sentia com os outros clientes, mas não com ele. Apesar de tudo, aquilo me pegou desprevenida. Quem se importava com as vontades de uma prostituta?

De alguma maneira não compreendida, ele me deixava vulnerável, transpondo barreiras que ninguém jamais chegou perto. Às vezes, eu conseguia ver no reflexo de seus olhos uma garota inocente, a garota que eu costumava ser.

Senhor Collins chegou ainda mais perto e fixou os olhos na minha boca. Lutei para não levantar a cabeça e fazer nossos lábios finalmente se encontrarem, mas aquele era um limite que eu não podia ultrapassar. Já bastava a maluquice de ontem. Tive sorte dele ter voltado.

Minhas mãos, que estavam no peitoral dele, foram descendo lentamente até a barriga e pouco abaixo dela. Ele contraiu o abdômen de excitação enquanto contornava as curvas do meu bumbum, brincando, espremendo-os com a mão. Desabotoei sua calça e a desci até o meio de suas coxas. O brilho de agrado nos olhos do meu cliente demonstrava que eu estava no caminho certo.

Inesperadamente, ele me ergueu do chão como se eu não pesasse muito e me empurrou para a parede mais próxima. Com uma obsessão tremenda, ele se enterrou em mim ali mesmo.

Rápido. Furioso. Inconsequente.

Aquele homem me possuiu de forma bruta e aquilo elevava ainda mais o meu desejo. Gritei, arranhando suas costas, flexionando o meu quadril a

medida que ele afundava no meu sexo. Não importava o quão rápido e forte ele fazia aquilo, nunca era o suficiente.

No meio daquela loucura toda, a minha audição focou em uma batida ritmada. Uma olhadinha para o lado e me dei conta de que havia um quadro na parede que batia sempre que ele pressionava o seu pau em mim. De fato, a parede parecia que ia ruir com a força física exercida sobre ela.

Voltei a atenção para o monumento de homem que me fodia numa superfície vertical. Aquilo era selvageria e, naquele dia, eu percebi que eu gostava de selvageria.

Eu sentia as mãos do meu cliente deslizando pelo meu bumbum por causa do suor, porém ele não parava. Ele só tinha um objetivo, que era ter o seu pau enfiado em mim o maior tempo possível. Por outro lado, tudo o que eu desejava desde o momento em que ele foi embora no dia anterior era que ele me revirasse por dentro de novo.

— Você me fode tão... tão gostoso — falei com a voz entrecortada. Eu queria que ele ficasse ciente do furor que me causava.

— É? — ele perguntou, mas soou mais como um gemido. — Eu posso tentar fazer melhor?

Um sorriso se formou na minha boca e assenti com a cabeça.

Meu cliente abriu mais as minhas pernas e as levantou de forma que elas ficassem penduradas em seus braços. Ele me penetrou agora com menos intensidade, saboreando cada arremetida. Mapeando dentro de mim. Cada vez que ele me tocava lá era como atiçar a força de um vulcão.

Sem tirar os olhos de mim para admirar o quão entregue eu estava, ele foi aumentando o ritmo gradativamente até nossos corpos assumirem um sincronismo perfeito. Com as mãos, ele puxava o meu quadril em direção a sua ereção, controlando suas investidas.

O rosto suado e apreensivo dele me fez sentir presunçosa. Aquilo estava sendo causado por mim.

— Estou quase lá. Quero que você goze junto comigo, Tayla — ordenou. — Quando você quiser! — avisou, colocando o controle do nosso

melhor momento em minhas mãos.

— Então, por favor, mais rápido! — pedi ensandecida, tentando me mexer junto com ele.

O choque entre nossos corpos ficou ainda mais veloz enquanto eu sentia os músculos dele se retraírem, dando uma dica de que ele não aguentaria por muito mais tempo.

Percebi o clímax querer me tocar, uma onda elétrica de prazer tomou o meu corpo, aquilo foi o suficiente pra eu me contrair toda e me deleitar naquele orgasmo perfeito.

— Ah, meu Deus! — gritou, jorrando dentro de mim enquanto o meu corpo convulsionava de prazer.

Foi só naquele momento que percebi que não havíamos nos prevenido. Gravidez não era o problema, pois eu tomava anticoncepcional, no entanto, ele não se preocupou se eu teria algum tipo de doença sexualmente transmissível. Mesmo assim, eu estava disposta a fazer exames caso ele solicitasse.

Senhor Collins abaixou as minhas pernas e depois me colocou no chão quando os espasmos diminuíram. Perdi o equilíbrio quando senti meus pés tocarem o piso, minhas pernas tinham perdido a força. Imediatamente reparei que o meu cliente me envolveu em seus braços antes de me pegar no colo e me levar para a cama.

Instantes depois, apreciei a maciez do colchão abaixo de mim e tive as mãos dele massageando os meus músculos ainda tensos.

Tentei deter meus pensamentos, em vão, pois naquele momento só conseguia me fazer uma pergunta:

Quem é esse homem?


Capítulo 5

AVA

Coloquei o último pedaço de *nacho* na boca e fechei os olhos para apreciar o sabor do cheddar derretendo. Aquele era o meu prato mexicano predileto, mas não era sempre que eu podia me dar ao luxo de comer.

Eu estava sentada no chão da sala ao redor da mesinha, usando um roupão felpudo. Senhor Collins estava no meu sofá, usando apenas uma cueca da Calvin Klein e o seu Rolex Submariner. Ele havia acabado a refeição já há algum tempo e mexia no celular concentradamente.

Com o excesso de calorias gastos logo pela manhã, não demorou muito pra nossas barrigas roncarem. Pedir *delivery* de comida tinha sido ideia dele, mas a comida mexicana foi ideia minha.

O telefone do meu cliente tocou pela terceira vez seguida e ele nem ao menos demonstrou vontade de atender. Provavelmente tinha coisas melhores para fazer num sábado à tarde, mas estava ali comigo.

Ele digitava no celular sem se dar conta de que não estava sozinho na sala. Havia um clima estranho entre a gente que não estava ali antes. Como se o que estávamos fazendo não fosse certo.

Peguei as embalagens de comida em cima da mesinha e levei para a cozinha. Voltei para a sala e me sentei no mesmo lugar. Após longos minutos de um silêncio insuportável, eu tentei quebrar o gelo.

— Você precisa ir embora? — não consegui conter minha língua e pronunciei os meus pensamentos.

— Não, só estou resolvendo algumas coisas. — Ele tirou os olhos do aparelho e olhou-me de soslaio. — Você quer que eu vá embora?

— Não. — C*laro que não!* — Eu só me pergunto se você não tem lugares melhores para estar agora.

Com lugares melhores eu me referia a própria casa dele, com a própria família. Esposa, filhos e tudo mais. Noventa e nove por cento dos meus clientes eram casados; seria muito ingenuidade minha achar que Senhor Collins era solteiro.

Ele deixou o celular de lado e suspirou, olhando-me no chão.

— Sabe de uma coisa, Tayla, pela primeira vez na vida, eu estou exatamente onde eu queria estar.

Pisquei algumas vezes antes de soltar um suspiro um tanto assustada, um tanto encantada. Ele desencostou do sofá e fez um gesto com o dedo para eu me aproximar. Engatinhei até ele e ajoelhei entre as suas pernas.

— Você parece ter gostado do que eu disse. O que pretende fazer a respeito?

— Bem, eu pretendo fazer isso tudo valer a pena — falei, subindo as mãos por suas pernas.

Enganchei meus dedos no cós da cueca dele e puxei-a até as pernas. Agarrei o seu pau sem o menor pudor e ele endureceu instantaneamente em minhas mãos. Admirei por algum tempo o seu membro e olhei para o meu cliente com um sorrisinho pretensioso. Ao captar minha expressão devassa, o rosto dele se iluminou, mas não o suficiente para sorrir. Distribuí beijos delicados no meio de suas coxas, fazendo-o retesar, e mantive um ritmo firme masturbando-o com as mãos.

As mãos do meu cliente já estavam no meu cabelo, orientando-me para que eu o saboreasse com a boca agora. Ele respirava pesadamente em expectativa.

— Tira isso... Não gosto de te ver tão coberta — sua voz estava transbordando desejo e autoritarismo. Assim eu o fiz.

Quando voltei, ele estava com o corpo na beirada do sofá. Apoiei minhas mãos nas pernas dele e fui lambendo maliciosa e delicadamente a lateral do seu pau que estava completamente ereto, apontando para a barriga. Parti para a cabeça e abocanhei de uma vez só. Ele suspirou alto, mas eu não peguei leve. Com uma mão, comecei a acariciar a região pouco abaixo de seu pênis, a outra usei de suporte para segurar o seu pau para meus lábios cobrirem cada centímetro de sua pele sensível.

As mãos dele se emaranharam no meu cabelo novamente, guiando-me conforme a sua vontade. Capturei com a língua o líquido perolado que saiu do seu membro pulsante em minhas mãos. Depois envolvi-o com minha boca novamente, aquilo fez com que Senhor Collins se encostasse no sofá com os

braços apoiando a cabeça e deixasse que seus gemidos de prazer chegassem até mim.

— Sua boca... Meu Deus, Tayla... Assim.

Tire Deus disso, Sr. Collins.

Vê-lo excitado me excitava. Senti meus mamilos endurecerem e a minha abertura faminta, implorando por atenção. Deliciei-me mais uma vez com o gosto do meu cliente, indo o mais fundo que conseguia. As mãos dele agarraram a manta em cima do sofá e o corpo parecia querer perder o controle.

— Continua desse jeito.

Fiz o mesmo procedimento repetidas vezes, levando a minha mão esquerda até a minha intimidade molhada para conseguir aliviar minha tensão. Gemi com o pau dele na boca, mal podia esperar para me divertir com ele o restante daquele dia. Continuei com movimentos rápidos e regulares, apertando-o em minhas mãos e em seguida chupando a cabeça de seu pau.

Ele estava prestes a chegar lá.

— Engole ou cospe, Senhor Collins? —Levantei uma sobrancelha. — Ou você prefere ver a sua porra na minha cara? — perguntei sem parar os movimentos com a mão.

O homem se desencostou do sofá e olhou-me em descrença. Sabia que ele não esperava ouvir aquilo de mim, mas nessa profissão eu já havia feito quase tudo para satisfazer os clientes. Aquele fetiche não era novidade pra mim.

Aguardei ele processar a informação e voltei a saboreá-lo com a boca em um ritmo frenético e incansável sem desviar os olhos dele. Pouco depois ele tirou a minha mão e assumiu o ritmo das carícias, levantou-se e eu sentei em cima das pernas.

Fechei meus olhos quando Senhor Collins fez chover sobre mim.



Acordei com um frio ameno passando pelo meu corpo. Apalpei a cama procurando pelo meu cobertor e não o achei. Ao abrir meus olhos, percebi que não estava sozinha. Senhor Collins estava sentado nos pés da cama me observando. Questionei-me que horas eram e se ele já não deveria ter ido embora.

— Você dormiu agora na parte da tarde. — Peguei meu celular em cima do criado-mudo e conferi as horas. Eram sete da noite e eu achava que já era madrugada. Típico. — Eu estava esperando você acordar — continuou ele, levantando-se e vindo na minha direção, já vestido para ir embora.

— Você podia ter me acordado.

— Eu não cometeria esse pecado. Você dormia tão bem. — Levantei-me para pegar um robe. — Aqui está o seu pagamento. — Ele largou um envelope em cima da cama. — O pagamento de hoje e o de amanhã.

— Então amanhã você vai voltar? — perguntei sorrindo feito uma adolescente apaixonada.

— Não, amanhã eu não venho. Não posso. — Meu sorriso logo se desfez.

— Eu não estou entendendo.

Ele se afastou um pouco.

— Quero que você tire o domingo de folga. Na segunda vou tentar ver o que eu faço sobre tudo isso.

As coisas ainda não ficaram claras.

— O que você faz sobre o quê, Senhor Collins? — perguntei ainda confusa.

Ele olhou pra cima e soltou o ar lentamente, suas mãos distraidamente enfiadas nos bolsos da calça.

— É que... eu fico louco a cada vez que eu imagino outro homem te

tocando — respondeu, tentando assimilar o que acabou de dizer.

Abri a boca para falar algo, mas a fechei sem pronunciar uma palavra. Eu simplesmente não sabia o que dizer.


Capítulo 6

AVA

O domingo chegou trazendo consigo um clima ensolarado bem comum no estado da Califórnia. Acordei tarde, já que no dia anterior eu havia decidido que aceitaria a folga proporcionada pelo Senhor Collins.

Antes de levantar, refleti sobre o que aquela conversa com ele significava. Ele claramente não sabia o que estava dizendo, agiu por impulso. Eu, por outro lado, não sabia quase nada sobre ele, só que era um cliente bom e generoso, além de ser lindo e incrivelmente gostoso. Minha pele arrepiou só de pensar no dia de ontem.

Saí do banheiro com a pele os dentes brilhando. Apanhei uma calça jeans e um *body* branco dentro do guarda-roupa e vesti. Hoje eu sairia para fazer compras e alguns pagamentos. Eu não costumava sair muito de casa. Primeiro, porque eu atendia no meu apartamento e, segundo, porque sempre encontrava um cliente nas esquinas do bairro.

Fui para fora, trancando a porta que precisava de um pequeno truque para a chave não emperrar. No fim do corredor, avistei Bella se despedindo de um cliente. Ela apressou a despedida ao me ver. Quando passei por sua porta, ela me deu uma boa olhada e abriu o seu sorriso amarelo de cigarro.

— Cliente rico, né, safada? — o tom dela era debochado, porém divertido.

Segundo ela, eu só saía de casa quando fazia programa para algum cliente cheio da grana. Sorri de volta.

— Bom dia pra você também, Bella — devolvi no mesmo tom que ela havia usado. Eu era do tipo que não queria inimizades, mas também não saía distribuindo confiança.

Desci as escadas em direção ao hall da recepção do prédio. O local era digno desses lugares bem emporcalhados. Piso bege encardido, balcão improvisado e bêbados na calçada. Chamei por Juan na recepção, o dono do edifício. Ele desceu minutos depois e a primeira coisa que fez foi me cobrar. Como das últimas vezes, aguardei ele terminar o sermão, surpreendendo-me por ele saber tantas formas diferentes de cobrar a mesma pessoa.

Coloquei o montante de notas no balcão e empurrei na direção dele. O

dinheiro já estava contado. Esperei ele conferir e reclamar como eu sabia que faria.

— Você está me pagando dois meses de aluguel, mas você ainda me deve mais dois meses.

— Eu sei disso. — Observei a pele suada dele, o cabelo oleoso e a falta de dentes em sua boca. Agradeci mentalmente por nunca ter aceitado ir para a cama com ele em troca de desconto na mensalidade.

Girei meus saltos no piso descascado e voltei-me para a saída ciente de que Juan estava secando minha bunda. Retirei meus óculos escuros da bolsa na expectativa de passar despercebida e caminhei pelas ruas do bairro. O meu destino era a *Ross Dress for Less*, loja de departamentos que prometia preços baixos. Bloomingdale's, Armani e Macy's eram o meu sonho de consumo, mas aquelas eram lojas cujo preço das peças não cabia no meu bolso. Uma simples calcinha me custaria dias de trabalho árduo. Por sorte, a Ross ficava a quatro quarteirões do meu apartamento.

Tenderloin, mesmo estando no coração de São Francisco, era há muito tempo um bairro criminalizado; não era incomum avistarmos viciados e mendigos nas ruas. Tirando isso, na minha visão, o bairro abrigava pessoas honestas e trabalhadoras que não tiveram a mesma sorte na vida que os outros moradores da cidade.

Entrei na Rua Markett e fui direto para a Ross. Comecei a garimpar as melhores peças de acordo com as minhas maiores necessidades no momento: calcinhas, calcinhas e calcinhas. Eu e minha habilidade de perder calcinhas. Não tinha culpa se aquelas danadas pareciam ter pernas e sumiam por conta própria.

A andança me causou queimação nos pés, mas segui firme em cima do salto.

Saindo da sessão de *lingerie,* deparei-me com um ex-cliente abraçado a sua esposa e seus dois filhos. Ele fingiu que não me viu, mas a esposa me lançou um sorriso simpático. Coitada, se ao menos soubesse o que eu e o marido dela fazíamos.

Deus, o que eu não daria para não estar naquela situação.

Eu via como as pessoas me olhavam; pra elas era como se tivesse uma faixa na minha testa escrito “PUTA”. Ainda assim, eu me perguntava: “Quem são essas pessoas para me julgar? Elas são perfeitas?”. Eu sabia que os seus pecados eram menos graves que os meus, mas continuavam sendo pecadores.

Aqueles pensamentos vieram para me fazer lembrar por que eu odiava sair de casa.

Deixei a loja e encaminhei-me para um mercadinho perto do prédio. Pretendia comprar comida congelada, o meu talento como cozinheira era bem limitado. O trânsito estava calmo por ser domingo. Atravessei a rua após o Muni – ônibus do transporte coletivo – passar. Ele soltou uma leve camada de fumaça, mas o que me chamou atenção foi o anúncio no *outdoor* da Rua Ellis com a Stockton. Um homem de olhos azuis hipnotizantes, com os braços cruzados em posição de poder. Era um anúncio da próxima Revista *Times* seguido da frase: “Dion Volkmann, o homem do ano”.

Apoiei-me em um poste ao perceber que as minhas pernas queriam me trair. Fechei meus olhos e esfreguei a cara, mas a visão não se desfez.

Ali estava ele. Os mesmos olhos profundamente azuis. Os mesmos lábios prepotentes.

Dion era o nome pelo qual as pessoas o chamavam, no entanto eu o conhecia como Senhor Collins.


Capítulo 7

DION

— Sr. Volkmann, é o Dr. Jones na linha 1.

— Obrigado, Stacy. — A secretária repassou a chamada e eu já sabia do que se tratava a ligação do meu advogado.

— Dion, tudo bem? Só liguei para te lembrar da audiência de divórcio.

Como se eu fosse esquecer.

Encostei-me na cadeira, pensando na segunda-feira pesada que eu ainda teria pela frente.

— Eu estou ciente da audiência. Só você sabe o quanto eu esperei ansiosamente por ela, então não, eu não esqueci.

— Entendo, cara, mas como seu advogado eu preciso te orientar da melhor maneira e como seu melhor amigo eu queria que você pensasse melhor sobre esse assunto — percebi a voz dele diferente, fingida talvez.

A sessão de aconselhamento de Andrew Jones começou cedo hoje, peguei-me a pensar. Minha respiração estava audível para que ele percebesse que a minha paciência estava na *porra* de um fio.

— Pensar sobre o que exatamente, Andrew?

— Sobre toda essa coisa de separação. A dor de cabeça que dá... — ele novamente deu um tom dramático em sua voz e até aquele momento não entendi se era real ou brincadeira daquele puto.

— Quantas vezes eu vou ter que te falar que essa foi uma decisão conjunta entre Amber e eu? Você devia saber que esse é o ponto em que todo relacionamento chega um dia. O nosso foi depois de cinco anos. Os quatros primeiros foram razoáveis, mas o último foi basicamente um inferno — repeti a ladainha que ele já estava cansado de saber. — E que *merda* você quer dizer com “a dor de cabeça que dá”? Que eu saiba, é só eu assinar um papel para voltar a ser solteiro, ou você mentiu pra mim?

Era a minha ira que você queria, Andrew Jones?

— Droga, cara — rebelou-se. — Foi tudo por causa daquele assunto do bebê?

— Não, foi apenas a gota d’água — fiz uma pausa. — Achei que soubesse disso.

Eu realmente queria que Amber tivesse me dado um herdeiro. Infelizmente, não deu certo. Éramos incompatíveis até naquilo. Perguntei-me se uma criança teria salvado nosso casamento.

Não. Provavelmente nem isso.

— Não sei, Dion... Você parece incomodado com essa situação toda — Andrew insistiu.

— E porque eu não estaria? — suspirei, percebendo o quanto aquele assunto me deixava irritado. — Só quero acabar com isso o mais rápido possível. Você não sabe o quão estressante é o fim de um casamento.

— Não sei mesmo, porém eu tenho certeza que um divórcio é mais complicado.

— É claro que não sabe, Andrew. Você vai fazer quarenta anos e nunca se casou. — Ele gargalhou do outro lado da linha.

Levantei-me, trazendo o telefone sem fio comigo, e fui em direção à janela de vidro que tomava toda a parede da sala. Ao longe, eu conseguia ver a ponte Golden Gate reluzindo a luz do sol.

— Antes da audiência, venha me encontrar para acertarmos os detalhes.

— Certo — concordei, aliviado em saber que ele desistiu daquela conversa. — E sobre aquele outro assunto?

— Sobre a garota de Tenderloin?

Eu evitava ao máximo, mas a cada segundo a visão de Tayla invadia a minha mente. Tinha sido assim desde sexta. Hoje já era segunda e a coisa só piorava. Se eu fechasse os olhos, eu sentiria o cheiro de seus cabelos e os gemidos que tanto ouvi no fim de semana.

Provavelmente eu estava há muito tempo sem sexo. Tempo o suficiente para me viciar na primeira buceta que encontrei. Na verdade, foi Andrew que me deu a ideia. Depois dele insistir por algumas semanas, eu finalmente aceitei me divertir com uma profissional. Por isso, estranhei a

conversa dele de que “divórcio dá muito trabalho”.

— Você sabe que sim — retruquei.

— Bem — ouvi um folhear de papel ao fundo —, não achei muita coisa sobre ela. Vamos ver, ela mentiu sobre o nome, a idade... É uma mentirosa nata!

— Qual é a idade dela? — perguntei alarmado.

— Vinte e dois anos de puro mistério e falsidade.

Merda. Vinte e dois era um limite que eu não cruzaria se fosse sensato, mas abriria uma exceção daquela vez.

— Eu já entendi que você não gostou dela — comentei o óbvio.

— Não é que eu não gostei dela, só não gostei do que ela é — defendeu-se.

— Que é praticamente a mesma coisa.

— Dion, eu te passei o número dela para você ir até lá e descarregar a tensão. Um dia seria o suficiente, mas você já viu ela por dois dias e agora, do nada, quer contratá-la só para você — respirou. — Cara, vai com calma. Tire um tempo e se divirta. Há muitas mulheres disponíveis aqui em São Francisco.

— É por isso que contratá-la seria perfeito. Eu não quero um relacionamento sério tão cedo. Tayla, como uma prostituta, pode muito bem suprir as minhas necessidades sozinha, sem que eu tenha que me preocupar em levá-la para jantar e ter discussões mesquinhas de casal.

— Tudo bem, não sou eu quem vai te dizer o que fazer. Acontece que eu estou olhando aqui na minha bola de cristal e vou te falar que essa merda não vai dar certo. Eu não me envolveria com uma prostituta, mas já que você quer...

— Eu sei o que estou fazendo. Apenas me mande essas informações e redija o contrato que eu te pedi. Quero resolver isso ainda hoje.

Eu estava desesperadamente ansioso para estar dentro dela novamente. Não iria dar a chance de outro cara obter o que eu tive no fim de semana. A

única certeza que eu tinha era que não descansaria até ter aquela mulher inteiramente pra mim.



A audiência de divórcio foi um processo rápido. A decisão tinha sido tomada de forma amigável. Não havia partilha de bens, nem filhos menores.

Uma conversa fiada com a minha ex-esposa no final, com um nível de diálogo simplório para selar a melhor escolha de nossas vidas. Muita educação quando, na verdade, não dávamos a mínima um pro outro. Isso quando estávamos de bom humor. Se estivéssemos em um dia ruim, os nossos diálogos seriam rebaixados a ofensas gratuitas.

Enfim, não se podia salvar um casamento quando nenhuma das partes queria vê-lo salvo.

Chegando ao escritório, a primeira coisa que fiz foi verificar o meu e-mail. Busquei pelo nome de Andrew e encontrei uma correspondência recente. O assunto do e-mail era “Garota de Tenderloin”.

Rolei a página para conferir todas as informações: Ava, 22 anos, órfã, solteira. Colegial completo. Natural de Millis, Massachusetts. Peguei-me pensando em como uma garota tão jovem saiu do outro lado do país para chegar até ali sozinha. Aquilo não fazia muito sentido pra mim.

Tentei me concentrar nos meus afazeres, mas eu estava completamente intrigado na história de Tayla, ou melhor, na falta de história dela. Não havia muito sobre ela e o pouco que tinha deixava mais dúvidas do que respostas.



— Aqui está o contrato. — Peguei o documento e abri-o em minhas mãos. Depois de um divórcio e duas videoconferências com empresários turrões, eu estava quase esgotado. — Vou até Tenderloin fazer a proposta. Você sabe que eu nunca fui naquele bairro. Se me acontecer alguma coisa...

— Você não vai sozinho, eu também vou — levantei e peguei meu paletó estendido na cadeira.

— Tem certeza? E se ela estiver com cliente? — Parei o que estava fazendo e olhei para Andrew, ele estava realmente obstinado em acabar com o meu dia.

— Não vai — respondi tentando parecer confiante, mas na verdade eu não tinha toda aquela certeza.

— Que legal, vamos para Tenderloin atrás do filé mignon que agradou o grande Dion Volkmann! — tirou sarro do fato de "Tenderloin" significar "filé mignon", literalmente. — Ou seria o grande Senhor Collins?

Arrependi-me completamente de ter dado alguns detalhes sobre os meus encontros com Tayla para ele.

— Andrew, vai se foder. Sério, vai-se-foder! — Ele riu alto enquanto deixávamos a minha sala.



Estacionei o carro em frente a uma construção antiga, o prédio de Tayla. O jovem que "cuidou" do meu carro das outras vezes estava encostado na coluna de uma loja; quando ele me reconheceu, veio até mim. Andrew estremeceu ao meu lado; tive a certeza de que ele achou que seríamos assaltados ou algo do tipo.

— O mesmo de sempre, doutor? — o garoto magricela perguntou.

Confirmei com a cabeça e acionei o alarme do carro.

Entramos no prédio e não havia ninguém na recepção. Subimos as escadas, com Andrew resmungando a cada degrau. Se tudo desse certo, eu também não precisaria voltar ali. O local era no mínimo desagradável. O cheiro de bebidas e cigarros já estava impregnado no ar.

— Da próxima vez, me lembre de te arranjar uma prostituta na Marina District. — Meu rosto queimou e minhas mãos se fecharam em punho.

Era uma sensação realmente estranha que eu sentia toda vez que Andrew chamava Tayla de prostituta. Era o que ela era, mas eu continuava não gostando.

— É aqui — falei, utilizando todo o meu autocontrole para não socar a cara do meu amigo.

Bati na porta, aguardei algum tempo, mas não houve retorno. Bati novamente com mais força.

Minhas mãos suaram quando vi Andrew colar o ouvido na porta.

— O que está fazendo? — Ele apenas levantou uma mão pedindo pra eu esperar.

— Estou tentando ouvir gemidos.

Não, aquilo já era demais. Peguei Andrew pelo colarinho e prensei-o contra a parede.

— Olha aqui, se você a desrespeitar mais uma vez, eu vou te ensinar da pior maneira que não é legal me desafiar.

— Qual é, cara, eu estava só brincando — minha consciência pesou instantaneamente. Era a cara de Andrew fazer brincadeiras do tipo.

Que merda deu em mim?

A porta ao lado se abriu e eu larguei Andrew rapidamente. Tayla apareceu vestida com roupa de ginástica e fones de ouvido pendurados no pescoço.

— Senhor Collins? — ela me olhou surpresa, mas de uma forma diferente das outras vezes.


Capítulo 8

AVA

Eu não poderia estar mais assustada recebendo a visita do meu cliente em uma segunda-feira dedicada à faxina, muito menos com ele ameaçando um cara na parede do meu apartamento.

— Preciso conversar com você sobre um assunto um pouco sério. Este é Andrew Jones, meu advogado. Podemos entrar? — Analisei o homem ao lado dele, parecia querer estar em qualquer outro lugar que não fosse ali.

— Claro. Eu estava prestes a terminar a arrumação do apartamento — fui em direção à cozinha, fazendo com que eles me acompanhassem; era o único lugar que estava totalmente organizado. — Devo oferecer-lhes um café ou algo assim? — fiz a pergunta direcionada ao meu cliente.

Ele manteve seus olhos em mim de forma maliciosa. Estava magnífico em um terno azul marinho com abotoaduras de ouro. A visão daquele homem era algo impressionante, ele me hipnotizava vestido daquela forma e enlouquecia o meu corpo causando curto circuito em todos os lugares possíveis.

— Não, estamos bem. — Meneei a cabeça e pedi que eles se sentassem à mesa. Eu permaneci em pé.

— Então... sou toda ouvido — informei.

O homem de cara fechada ao lado do meu cliente se aprumou e a garganta dele fez alarde como se procurasse o tom certo.

— Senhorita Banks, eu venho apresentar-lhe uma proposta que foi solicitada pelo meu cliente — o advogado falou, retirando alguns papéis de dentro da pasta que estava carregando, junto com uma caneta. — Este documento é um contrato que propõe exclusividade e confidencialidade — levantei uma sobrancelha ao ouvir a palavra “contrato”. — Assinando, você concorda em limitar os seus *serviços* somente ao meu cliente e não poderá contar sobre a relação de vocês para ninguém.

Olhei para o Senhor Collins ainda com as sobrancelhas franzidas depois desviei o olhar.

Ele me queria só pra ele. Era isso?

Comecei a balançar o meu pé velozmente de ansiedade. Eu sabia o que era um contrato de exclusividade, inclusive já tinha recebido algumas propostas, mas nunca por um homem que tinha passado apenas um fim de semana comigo.

Desci dos meus devaneios quando percebi que os dois homens sentados à minha mesa aguardavam uma resposta.

— Não é só isso. Você receberá uma mesada mensal e uma nova moradia — meu cliente olhou para o advogado e este continuou como se estivesse sendo obrigado. — E tudo aquilo que a senhorita desejar.

— O quê? — minha voz saiu mais estridente que o necessário. Aquele foi o meu jeito de demonstrar incômodo com a proposta.

— Andrew, deixe-nos a sós — Collins falou para o advogado e eu me virei em direção a pia. Respirei fundo, mas aquilo não facilitou muito. Quando ele me deixou no sábado dizendo que precisava fazer alguma coisa sobre nós, eu não imaginava que fosse aquilo.

— Ava — assustei-me por escutá-lo me chamar pelo meu nome. Ignorei-o e fui pegar o contrato em cima da mesa. Li as informações iniciais de forma não tão calma como eu gostaria.

“Partes envolvidas: Ava Christine Banks e Dion Alexander Volkmann”.

Estremeci com a confirmação de que ele era realmente Dion Volkmann, CEO do maior banco da América. *Deus!* Bufei, sentindo a atmosfera abafada. Eu já nem me recordava do *outdoor*; havia acordado achando que fora tudo um sonho ou invenção da minha cabeça. A ideia de ter um homem como ele na minha cama era totalmente absurda.

Engoli a seco com os detalhes surgindo em minha frente. Todas as minhas informações pessoais estavam naquele papel.

— Então você — fiz uma pausa raciocinando o que eu diria — pediu para que o seu advogado revirasse a minha vida inteira? Eu não me lembro de ter te dado permissão pra isso.

Eu não gostava do meu passado. Mais do que isso, eu odiava ter que

me lembrar de tudo o que eu havia passado pra chegar até ali. Não queria que Sr. Collins soubesse como era a minha vida antes da Califórnia, eu não precisava que ele tivesse pena de mim.

Lutei contra a minha vontade crescente de desabar em lágrimas. Falar sobre o ontem era sempre um teste psicológico.

Vi Dion – *eu já podia chamá-lo assim?* – colocar as mãos no bolso da calça e abaixar a cabeça. Aquele era um gesto que ele fazia sempre que baixava a guarda. Ele praticamente demonstrou naquele instante que sabia que não deveria ter feito o que fez.

— Eu sei que deveria ter te avisado antes, mas eu não queria que você voltasse a ter essa vida.

— Porque você se importa? — rebati.

— Porque você não gosta de viver assim. Percebi isso no primeiro dia que te vi.

— Mas eu gostaria de viver assim só pra você? É isso que quer dizer? — cruzei os braços, tentando entender o que se passava na cabeça daquele homem.

Ele não respondeu, parecia ter ficado envergonhado.

— Vou ser sincero — aproximou-se devagar, deixando-me na defensiva. — Eu disse que não gostaria nem de imaginar outro homem te tocando da forma que eu te toco. —Peguei-me olhando para os seus olhos e não consegui mais me desvencilhar daquele labirinto azul. — Ava, eu te quero só pra mim. Se é que isso ainda não ficou claro. E, se você é tão inteligente quanto eu acho que é, já deve ter percebido que você é minha desde que abriu a porta pra mim na sexta passada.

Minhas pernas fraquejaram, tentei sair de perto, mas não consegui. Não consegui porque eu não queria sair de perto dele. Fechei os olhos, sentindo-me mentalmente confusa.

— Me deixe pensar sobre isso — falei, enrolando o documento em minhas mãos.

— Perfeito. Eu não deixaria você assinar sem ler o contrato todo. Se

não estiver de acordo com algo, pode me ligar no número atrás da folha. Quando tomar sua decisão final, também pode me falar por telefone e eu farei o que você quiser que eu faça. — Balancei a cabeça concordando.

Não demorou muito para ele se despedir e eu escutar a porta se fechando. Fiquei algum tempo encarando o nada, tentando absorver tudo o que tinha acabado de acontecer.



Terminei meus afazeres e mergulhei de cabeça nas cláusulas do contrato, com o celular em mãos para tirar qualquer dúvida jurídica. Li algumas coisas em voz alta para melhorar o entendimento e descobri algumas informações sobre o meu, até então, Senhor Collins.

30 anos. Divorciado.

Bom, pelo menos ele não é casado.

Alguma coisa dentro de mim se iluminou, porque antes eu tinha quase certeza de que ele era comprometido.

Abri a busca no celular e digitei o nome dele. Senti uma apreensão incomum, como se eu pudesse ser pega bisbilhotando a vida do meu cliente. As primeiras notícias que apareceram eram sobre divórcio. A ex se chamava Amber e era uma loira belíssima e elegante. Eles eram um casal perfeito. Estremeci quando vi que a notícia tinha a data de hoje.

“Dion e Amber Volkmann se divorciam após suspeitas de separação. Fontes alegam que o casal sofria com incompatibilidade há quase um ano”.

Mas o quê?!

Ele se divorciou hoje e no mesmo dia me apresentou um contrato de exclusividade. Não sabia direito o que pensar sobre aquilo. Larguei os papéis e o celular em cima da cama e deitei olhando o teto.

O toque do lençol me remeteu ao toque dele, inundando a minha mente de cenas inapropriadas. Minha pele coçava por não o sentir perto. Eu estava

encrencada.

Preciso parar de pensar nesse homem.

Mentalizei aquela frase três vezes.

Senhor Collins ou Senhor Volkmann, que seja. Eu precisava tirá-lo da minha cabeça. Aceitar a proposta dele seria a mesma coisa que aceitar um grande e gordo pacote de problemas.


Capítulo 9

AVA

A terça-feira chegou e eu não conseguia parar de pensar no maldito contrato. Tentava me convencer de todas as formas que eu não queria aceitá-lo.

Quem estou tentando enganar?

Eram quase nove da manhã. O horário das dez horas de toda terça-feira era reservado para Harry, outro cliente fixo. Estiquei o corpo na cama, desanimada só de pensar na barriga avantajada dele encostando em mim ou em fingir que o seu pau minúsculo estava me dando prazer. No entanto, ele me pagava bem já que nem a Bella queria atendê-lo. Uma prostituta não podia escolher os próprios clientes, pelo menos uma que queira sobreviver.

Tomei banho e coloquei um robe. Eram nove e meia agora. Fui para a cozinha e peguei um copo de leite para aguardar. Nem cheguei a colocá-lo na boca, estava envolvida demais com meus pensamentos.

Você tem uma escolha a fazer: Harry toda terça-feira ou Senhor Collins todos os dias?

Ri com a insinuação do meu subconsciente.

Homem obeso ou homem musculoso?

Pau pequeno ou pau grande?

O quê? Que merda era aquela?!

Uma parte do meu cérebro estava jogando pesado.

Passei as mãos pelo meu rosto. Eu precisava ter cautela. Senhor Collins podia ser um homem rico, lindo e gentil, mas eu não o conhecia completamente. Pior, não conhecia quase nada. Ele aparentava ser maníaco por controle e eu não sabia se estava pronta ou se ao menos me permitiria ter a vida controlada por outra pessoa novamente. Se eu pudesse conhecê-lo melhor, eu saberia escolher sem me arrepender depois.

Ouvi batidas na porta e suspirei dolorosamente. Fui atender, mas congelei antes de tocar na maçaneta. Mais batidas foram ouvidas e, sabendo que Harry iria me ligar, corri até a cozinha desesperada e coloquei meu

celular no silencioso. O aparelho recebeu as ligações dele sem emitir nenhum som para não gerar suspeita.

Sentei na cadeira aliviada quando as batidas cessaram.

Tirei o robe e fui direto para o guarda-roupa. Retirei a calça jeans que havia comprado há pouco tempo, a peça era de um azul claro e liso. Tirei também uma camisa social branca que eu comprei na época em que ainda achava que conseguiria um emprego decente. Peguei algumas mechas de cabelo e prendi para trás, deixando a minha franja livre. Olhei-me no espelho e tudo que vi foi uma garota inocente. Ava e não Tayla.

Coloquei o contrato e uma caneta na bolsa e saí de casa para pegar o ônibus municipal.

Já dentro da condução, eu retirei o documento e li atentamente todas as suas cláusulas. Tinha tempo para isso. O centro financeiro da cidade ficava bem afastado, praticamente à beira-mar.

Fui marcando com a caneta as partes que eu não concordava, como a parte que dizia que ele colocaria um apartamento em meu nome e que era proibido tocar nos seus assuntos de cunho pessoal, mas que o contrário aconteceria comigo. Ora, se eu podia abrir meu coração e contar tudo sobre a minha vida, por que ele não podia?

Avistei pela janela a bela cidade de São Francisco. Eu já nem me recordava como era aquela parte. Movimentada, turistas para todos os lados correndo para ver os barcos saindo do porto ou para vislumbrar os leões-marinhos que viviam tomando sol em cima dos píeres.

Desci do ônibus e fui em direção ao prédio que eu pesquisei o endereço antes de sair de casa. Cinco minutos de caminhada me levaram até a maior construção do centro financeiro. Um bonito e imponente prédio de vidro escuro espelhado, escrito “Banco Volkmann” com letras de ferro maciço. Detive-me na porta, pensando se levaria aquilo adiante.

Harry ou Senhor Collins?

Acabei entrando.

Passei direto pelo hall da recepção e fui para os elevadores. O meu

campo de visão conseguiu enxergar pelo menos cinco deles. Havia muitas pessoas aguardando em frente às suas portas, o que justificava tantos elevadores.

Eu estava fascinada. Achei que encontraria uma estrutura igual à dos bancos normais, com guardas usando detector de metal e gente reclamando da demora no atendimento. Aparentemente, os bancos propriamente ditos ficavam espalhados pela cidade e aquele prédio era destinado somente para a administração de todas as unidades.

Quando um elevador chegou, todos se amontoaram para chegar ao seu destino mais rápido que os demais. Decidi esperar o próximo e ele não demorou. Entrei nele com mais quatro pessoas.

— Com licença, sabe me dizer qual o andar do Sr. Collins? — tossi embaraçada. — Sr. Volkmann, desculpa — perguntei para o homem baixinho ao meu lado.

— Último andar — ele respondeu sem nem ao menos me olhar nos olhos.

Apertei o número do andar no painel do elevador e aguardei, tentando reunir toda a minha vergonha na cara para encarar Dion em seu local de trabalho.

Andar naquele elevador parecia mais demorado que a minha vinda até o prédio. Toda hora entravam e saíam pessoas, funcionários, chefes. Olhei o celular, eram onze e quarenta da manhã. Horário de almoço. Fazia todo sentido agora.

Esperei com muita calma até que finalmente o elevador chegou no topo. Saí com minhas pernas trêmulas – pareciam ter saído direto de um moedor. Tudo porque aquele lugar era assustadoramente luxuoso, só o piso deveria comprar o prédio que eu morava.

Fui em direção ao balcão onde duas mulheres e um homem trabalhavam.

— Olá, eu gostaria de falar com o Senhor Volkmann.

A mulher de cabelo ruivo me olhou de cima a baixo, como se medisse

a minha competência para estar ali.

— E quem gostaria?

— Ava.

— Ava de quê?

— Banks — abri um sorriso fraco.

— Senhorita Banks, tem hora marcada?

Meu sorriso murchou no mesmo instante. Claro que eu não tinha hora marcada.

— Não, mas é um assunto urgente. Preciso falar com ele agora mesmo — a senhora ruiva começou a balançar a cabeça em negativa antes mesmo de eu terminar a falar.

— Sem hora marcada, não tem como eu deixar a senhorita entrar. Está bem?

— Ainda mais com o irmão encrenqueiro dele aqui para tirar nosso chefe do sério — o homem resmungou em tom de fofoca para ninguém em específico.

— E se eu esperar? Posso esperar o tempo que for necessário — insisti com a mulher ruiva.

— Isso seria abrir uma exceção e, se eu fosse abrir uma exceção para todas as garotas bonitinhas de São Francisco que gostariam de falar com o Sr. Volkmann sem hora marcada, ele precisaria contratar mais duzentos funcionários só para dar conta da demanda.

— Sem falar que ele está solteiro agora — a outra mulher quem disse dessa vez. A pele morena reluzia, assim como a cortina de cachos em sua cabeça.

Abaixei os olhos pensando em desistir e voltar outro dia depois que ligasse para o Sr. Collins e avisasse que eu viria. Também, o que me deu na cabeça para aparecer aqui no serviço dele e ainda por cima achando que ele iria me atender na maior simpatia?

Ri mentalmente de mim mesma.

Meu Deus, como eu posso ser tão burra?

A porta no final da recepção abriu com um estrondo. Todos se assustaram. De lá saiu um homem esbravejando ameaças. Ele estava enlouquecido. Um tempo depois, Dion surgiu, com certeza muito, mais muito bravo. Eu até conseguia ver uma veia saltando em sua testa, porém ele não estava gritando como um doente como o outro homem.

— Eu vou acabar com você! Espero que guarde bem essas palavras: Eu vou acabar com você! — O homem gritou de longe, sem se aproximar de Dion.

Dion não respondeu nada, mas percebi que ele estava cerrando o maxilar. O mais provável era que ele não queria fazer uma ceninha na frente dos funcionários.

O homem foi embora e lembrei-me instantaneamente que o recepcionista falou que Dion estava com o irmão. *Apesar de terem olhos de tonalidade parecida, eles não se pareciam em mais nada*, pensei depois de reparar um pouco mais no homem que saía dali transtornado.

— Se esse cara aparecer na minha sala novamente sem eu ser avisado, eu demito os três! — ele apontou amplamente para os funcionários atrás do balcão. A voz dele não saiu gritada, mas mesmo assim transmitia uma fúria contida. Ele se virou para voltar para a sala de onde saiu, mas evitou o próximo passo e virou-se novamente. — Ava? O que você está fazendo aqui? — sua voz não era nem um pouco amistosa.

Ai, que merda!


Capítulo 10

AVA

Dion escancarou a porta para que eu entrasse. Após fechar, as suas mãos foram até o pescoço afrouxar a gravata e tirar o paletó. Afastei meus olhos dele por achar que estava lhe causando constrangimento. *Droga*. Eu não podia ter escolhido dia pior para aparecer ali.

Peguei-me a olhar discretamente o local, mas, quando me dei conta do quão suntuoso era o escritório dele, não consegui segurar minha língua.

— Como você teve coragem de aparecer no meu apartamento em Tenderloin? — perguntei indignada, sem esperar por uma resposta.

A sala de Dion era toda decorada nas cores preto e marfim. Mesa de mogno no centro, sofá de couro encostado na parede, prateleiras espalhadas estrategicamente por toda sala. No entanto, o grande destaque era a janela/parede de vidro onde era possível ver quase toda a ponte Golden Gate, uma vista tão esplendorosa que os meus olhos lacrimejaram.

Dion aguardou pacientemente meu ataque de deslumbre.

— Já percebi que gostou da vista — comentou, ficando ao meu lado. Passei as mãos nos olhos para dissipar as lágrimas se acumulando.

Ele já estava sem o paletó e com as mangas da camisa levantadas. Forcei-me a olhar para ele só para espiar como estava a sua expressão. Estava fechada como sempre, porém parecia mais calmo.

— É... eu resolvi vir aqui, mas não sabia que era um dia ruim — expliquei sem conseguir encará-lo.

— Está tudo bem — respondeu suavemente. — Você veio aqui porque já tem uma resposta pra mim?

Balancei a cabeça e disse que sim. Abaixei os olhos e brinquei com meus dedos. O cheiro do perfume dele me entorpecia, elevando a minha libido sem nem precisar me tocar. Percebi tardiamente que ele estava próximo demais de mim. Quando Dion pegou meu queixo e o levantou, meu corpo todo se arrepiou em resposta ao simples toque. Aquele era o segundo hábito que captei dele só pela linguagem corporal, Dion não gostava quando eu não olhava diretamente em seus olhos.

Abri a bolsa e tirei o contrato todo rabiscado, entregando-o a Dion e ele conferiu.

— Essas partes marcadas...

— São as partes que eu não concordo.

Ele assentiu. Virou a folha e passou os olhos procurando por minhas anotações.

— O que há de errado com essa cláusula?

— Qual? — perguntei me aproximando mais.

— Sobre as conversas pessoais. Acho importante termos conversas honestas para nos conhecermos melhor.

— Eu também acho, mas essa parte só faz referência a mim e não a nós dois.

— Ava, eu sou uma pessoa pública. Minha vida inteira está exposta na internet sem que eu possa controlar.

— Você sabe que não é mesma coisa, não sabe? — Ele olhou novamente o contrato e ficou pensativo.

— Tudo bem, vou mandar Andrew rever essa parte também. Mais alguma coisa que eu devo levar em consideração?

— Tem — respirei fundo sem saber onde aquilo iria dar. — Antes de assinar o contrato, eu gostaria de um período de experiência.

Ele deixou o contrato em cima da mesa e sorriu. Aquele era um momento histórico: a primeira vez que vi Sr. Collins sorrindo. Um sorriso malicioso, enigmático, encantador.

— Tudo será arranjado, porém, no período de experiência, você ficará instalada em um local de minha indicação, tudo bem?

— Tudo — minha voz quase saiu inaudível.

Não sabia se Dion tinha noção do quanto aquele lugar me intimidava, eu me sentia totalmente deslocada, como se aquele local me rejeitasse por eu não pertencer a ele. Olhei ao redor e apreciei cada mínimo detalhe daquela

sala. Do lado oposto ainda tinha uma espécie de bar executivo. Pensei em explorá-lo, mas me veio à cabeça que eu estava sendo invasiva demais e que Dion tinha muita coisa pra fazer além de ficar me vigiando para que eu não quebrasse nada em seu escritório.

Voltei meus olhos para ele que ainda estava com um sorriso no rosto, mas esse sorriso já era de diversão.

— Eu já estou indo para você poder trabalhar em paz. — Dion esticou as mãos e me puxou pra ele. Meu coração acelerou e fiquei sem reação.

— Agora que você está aqui... — Ele desceu as mãos pela minha cintura até chegar no meu traseiro.

— Oh — cerrei meus olhos, fingindo choque com o gesto dele.

— Nessas roupas, você nem parece aquela mulher sacana que faz coisas que até Deus duvida — ele me virou de costas contra seu peito, mantendo a aproximação com seu pau duro roçando a minha bunda e falando baixinho próximo à minha orelha.

— Aquela é a minha irmã gêmea, Sr. Collins. Ela se chama Tayla. — A risada grave dele tomou os meus ouvidos. Fiquei feliz por lhe trazer um pouco de descontração.

Abri os braços dele, libertando-me, e saí andando pela sala. Fazer sexo no escritório dele não era minha intenção, pelo menos não hoje.

— Você já sabia quem eu era no primeiro dia?

— Não. Eu sabia que te conhecia de algum lugar, mas não conseguia ligar o seu rosto a nenhum nome conhecido. Daí, no domingo eu estava voltando da Ross e vi um *outdoor* com sua foto.

— E saber que eu sou dono de uma rede bancária ajudou na sua decisão? — perguntou, encostando-se na mesa e cruzando os braços.

— Pelas suas roupas e pela educação que você tem, não é difícil deduzir que tem bastante grana. Mas você foi gentil comigo todas as vezes em que apareceu no meu apartamento, isso que mais pesou na minha decisão de aceitar um *período de experiência* — frisei a última parte para deixá-lo ciente de que a proposta ainda não estava aceita.

— Gentil? — havia um claro tom de provocação na voz dele.

— Você sabe do que eu estou falado — respondi, sentindo um calor intenso subindo pelo meu corpo. — Agora eu preciso ir embora.

— Não, só mais um instante — ele esticou o braço e pegou o telefone em sua mesa. — Stacy, contate Andrew e peça para ele vir aqui agora mesmo.

Dion não tirou os olhos de mim enquanto esperávamos o advogado chegar. Parecia um leão cuidando da presa, aquela que ele comeria só mais tarde.

— Eu tenho uma pergunta a fazer — falei repentinamente. Sentei no sofá e cruzei as pernas tentando me fazer de fina.

— Então faça.

— Como devo te chamar a partir de agora?

— Isso faz diferença? Me chame como quiser. — Assenti. Ele me olhou confuso.

O advogado de Dion chegou e estranhou a minha presença.

— Hum, você não deveria estar em reunião agora, *senhor Collins*? — questionou com o desprezo saltando da sua voz.

— Desde quando faço reuniões na hora do almoço? — o rosto do homem se transformou em uma carranca no mesmo instante. — Preciso de um novo contrato, mas agora revendo alguns pontos. — Dion empurrou o contrato velho e rabiscado para o advogado. — E um contrato com os mesmos termos só que de experiência.

— Certo. E qual será o período de experiência? — Andrew olhou pra Dion, Dion olhou pra mim.

— Uma semana. Uma semana eu acho o suficiente.

— Entendeu? — Dion questionou Andrew, este balançou a cabeça em sinal positivo a contragosto.

— Amanhã eu te trago ambos os contratos prontos. Preciso autenticar em cartório antes.

— Você pode fazer isso ainda hoje. Até o final do expediente eu quero os contratos prontos na minha mesa.

O advogado deixou a sala, eu quase consegui ver os ouvidos dele soltando fumaça de tanta raiva, assim como nos desenhos animados.

Tão logo o advogado saiu, Dion veio na minha direção e, pelo seu olhar, eu sabia o que ele queria: ele *me* queria.

O leão deve estar com fome agora.

— Dion, eu preciso mesmo ir — levantei-me e fui na direção contrária da dele, sentindo-me caçada. Não sabia se conseguiria resistir se ele chegasse mais perto de mim.

Resistir? Pra quê?

Próximo à saída, ele conseguiu me agarrar pela cintura e me prensar na porta. A respiração dele estava ofegante – *ou era a minha?* Eu não tinha neurônios o suficiente naquela hora para pensar sobre aquele detalhe.

— Espero que aproveite a sua última noite em casa porque, quando você estiver em meu território, Tayla... Eu não vou te dar nenhum descanso. — Sorri, sentindo o pau dele já rígido pouco acima da minha barriga. Respirei fundo para conseguir forças e abrir a porta.

— Então guarde isso pra mim, Senhor Collins — falei, pegando no meio de suas calças, deixando-o sem ar.

Abri a porta e peguei o caminho do elevador.

O pessoal no balcão ficou petrificado quando me viu saindo, apostaria que eu estava com o rosto corado e todos os sinais de quem acabou de dar uma rapidinha. Antes fosse. Acenei para eles antes de ir embora e consegui ouvir a insatisfação de uma das funcionárias:

— Safado, nem esperou a certidão de divórcio esfriar — arrisquei que foi a ruiva quem disse.


Capítulo 11

AVA

Quando cheguei em casa, fui direto ao guarda-roupa fazer uma pequena mala. Ficaria fora por no máximo uma semana, por isso pretendia levar somente algumas peças que eu usava no dia a dia.

Do fundo do guarda-roupa, eu retirei a lata de biscoitos velha da Jacobsens, a qual eu utilizava para guardar tudo o que eu tinha de valor. O leve cheiro de ferrugem tomou o meu nariz enquanto revirava o seu conteúdo. Havia alguns dólares e, bem no fundo, uma fotografia onde se podia ver uma família. Um homem de cabelos loiros escuros e uma mulher morena com incríveis olhos castanhos esverdeados e entre eles uma garotinha que tinha puxado a cor de cabelo do pai e os olhos da mãe. Sorri melancolicamente para a foto, mas logo uma apreensão me veio. Onde quer que meus pais estivessem, eles provavelmente não gostavam do que eu me tornei. Sabia que não. Diversas vezes cheguei a pensar que teria sido melhor se eu tivesse morrido com eles naquele acidente.

A dor da perda nunca havia ido embora, a única coisa que tinha restado deles era aquela foto. Às vezes parecia que não era suficiente, já fazia tanto tempo que eles se foram que eu já não conseguia me lembrar de como era a voz da minha mãe ou do som da risada do meu pai. Mantinha a foto guardada como se fosse o mais precioso dos tesouros, pois tinha medo de que, se eu a perdesse, eu não conseguiria mais me lembrar de como eles eram.



O fim de tarde chegou trazendo um clima estranho. Na verdade, a minha repentina mudança era o que estava me causando uma estranheza incomum. Eu simplesmente estava virando a ninfetinha de um banqueiro lindo e gostoso pra caramba da noite para o dia. Tudo aquilo era loucura, eu estava ciente disso, mas era uma loucura boa.

Depois do banho, percebi o toque estridente do meu celular em cima da cama.

— Alô?

— Tayla, sou eu — abri um sorriso instantaneamente ao ouvir aquela voz.

— Oi, Senhor Collins — eu queria passar a chamá-lo de Dion, porém ainda levaria um pouco de tempo.

— Ahn, eu estou ligando pra avisar que eu já sei onde você vai ficar. Amanhã de manhã mandarei meu motorista te buscar e levar para a sua nova casa.

— Nova casa por sete dias — lembrei a ele. Um suspiro impaciente ecoou do outro lado da linha.

— Espero que esteja pronta pra ficar um pouco mais que isso. — Sentei na cama me encostando na cabeceira, ficando completamente imersa naquela conversa.

— Isso é o que vamos descobrir — retruquei em tom de brincadeira.

— Eu vou te mostrar — ele respondeu na ponta da língua, até consegui imaginar os seus lábios prepotentes se contraindo de malícia. — Amanhã na hora do almoço conversaremos mais sobre isso. Preciso te deixar a par de tudo que eu tenho planejado para você.

Ele desligou depois de se despedir e eu fiquei tentando descobrir o que ele viu em mim e, consequentemente, o que ele queria de mim. Tinha absoluta certeza de que havia garotas mais bonitas na cidade, prostitutas ou não.

Enfiei-me dentro de um *baby doll* e deitei de barriga pra cima, esperando o sono chegar. Senti uma onda de pensamentos otimistas invadir minha mente e meu corpo. O que se passava no meu coração não tinha explicação. Nunca estive emocionalmente envolvida com nenhum homem, portanto eu não sabia nada sobre sentimentos. Eu poderia ter me apaixonado algum dia sem ao menos saber. Eu poderia estar apaixonada naquele exato instante e também não saberia.

Ouvi batidas na porta na manhã seguinte e soube na mesma hora que era o motorista de Dion. Eu havia desmarcado com todos os meus clientes, suspendendo os meus “serviços” por tempo indeterminado.

O senhor de pele bronzeada mostrou a sua careca brilhante ao tirar o quepe para me cumprimentar. Fiquei sem reação, não sabia se agarrava na barra do meu vestido e flexionava os meus joelhos ou se apenas apertava a mão dele. Aquele foi um momento embaraçoso.

— Bom dia, o senhor é? — perguntei, tentando dar a volta na situação.

— Bom dia, senhorita Ava. Eu sou o motorista do Sr. Volkmann. Pode me chamar de Carl — ele estendeu a sua mão e eu fiquei feliz em apertá-la. — Onde está a sua bagagem?

— Ah, sim. Vou pegar.

Entrei em casa e conferi se estava tudo fechado. Peguei a pequena bolsa de viagem e a entreguei para Carl. Saímos do prédio e logo saímos também de Tenderloin.

Minutos depois, estava vislumbrando a paisagem de Pacific Heights, a vizinhança mais cara de São Francisco. As ruas eram íngremes e as casas pareciam ter saído de um filme romântico do século passado, em contraste com a modernidade do setor imobiliário cheio de prédios contemporâneos e muita área verde.

Senti a mesma coisa quando entrei no escritório do Senhor Collins. Aquele lugar não era pra mim. Luxo e Ava eram coisas que não combinavam.

O motorista parou em frente a um prédio com a fachada de cor clara. Pelo que consegui ver, o prédio tinha pelo menos dez andares e a área de cada andar parecia bem grande. Carl abriu a porta do carro, mesmo eu lhe dizendo que não era necessário, e pegou a minha mala.

Como eu já esperava, aquele prédio era totalmente o oposto do meu. Limpo, bem cuidado, bem frequentado e com um toque renascentista. Decoração feita para agradar quem tinha como lazer visitar exposições de arte.

O homem no balcão nos cumprimentou, ele parecia já conhecer Carl.

— A senhorita é nova na cidade? Parece que não conhecia o bairro — perguntou enquanto subíamos de elevador.

— Não, eu moro aqui já há alguns anos. Eu só... não sou muito de sair. — O motorista concordou com a cabeça.

Aparentemente, ele sabia o que eu era, mas a sua gentileza e simpatia não deixaram eu me sentir uma mulher desprezível.

Saímos no sétimo andar. Carl me guiou até a porta no final do corredor. Ele a abriu e eu respirei fundo antes de entrar. A sensação era de que eu estava deixando tudo pra trás, prestes a começar uma nova vida.

O motorista entrou primeiro, fui logo atrás engolindo seco a cada ponto daquele apartamento que os meus olhos conseguiram captar. Fiquei parada por dois, três minutos, tentando assimilar a ideia de morar em um lugar tão... tão caro!

— Essa é a sua chave. O senhor Volkmann pediu para você se instalar sozinha. Entre onze horas e meio dia ele estará aqui — fez uma pausa. — Senhorita, está tudo bem? — Carl perguntou, provavelmente percebendo a minha expressão incrédula.

Claro que não! O seu patrão é louco!

— Está sim. Obrigada, Carl — foi o que respondi.

Esperei ele sair para explorar o restante do apartamento. Só a sala era do tamanho da minha casa inteira. A decoração era toda em tons sóbrios, o sofá que poderia abrigar um time de futebol era cinza e parecia muito confortável, a luminária no teto descia em uma pequena cascata de cristais. Havia quadros aos montes, desde rabiscos sem qualquer nexo a caricaturas realísticas.

A cozinha não era tão grande. Uma geladeira de inox de porta dupla em um canto e a pia e o restante dos eletrodomésticos em outro. Uma gama de potes de vidro estava espalhada em cima do balcão de mármore fosco. A parede foi decorada com pequenos azulejos nas cores preta e branca intercaladas.

Do lado da cozinha, havia um pequeno banheiro social. No mesmo

rumo, tinha um quartinho decorado em bege claro e branco, uma cama de solteiro jazia no centro e um pequeno armário próximo à janela. O outro quarto do apartamento era infinitamente maior que o anterior. No lugar da cama de solteiro estava uma cama *King Size*. A decoração não destoava do restante do apartamento. Edredom em uma tonalidade de cinza escuro quase preto, fotos monocromáticas e abajures modernos para todos os lados, mesmo assim, a luz naquele cômodo parecia ter sido propositalmente diminuída. *Era assim que quartos masculinos deviam parecer*, pensei. Eu não tinha muita experiência no assunto.

Sentei na cama e apreciei por um instante a maciez fora do normal do edredom. Afundei as minhas mãos nele, pensando em como tudo aquilo era demais pra mim.

A proposta do Sr. Collins não era a primeira que recebi, mas foi a primeira que eu realmente me senti tentada a aceitar. Não por causa do dinheiro, nem porque ele era tão lindo que às vezes me faltava o ar, era por algo mais. Algo que eu ainda não sabia explicar.


Capítulo 12

AVA

Fiquei em alerta quando escutei a porta se abrir. Corri direto para a sala e deparei-me com Dion parado próximo ao sofá, segurando uma sacola na mão.

— Com fome? — perguntou, tirando o paletó, depois se virou e deu uma boa olhada em mim. — Está tudo bem?

Afirmei com a cabeça.

— Eu só estava pensando em como tudo isso é demais pra mim — abri os braços, desajeitada.

— Isso tudo ainda pode ser seu — insinuou, afrouxando a gravata.

Parei para pensar em quão gorda devia ser a conta bancária de alguém para querer presentear uma estranha com um apartamento daqueles.

— Não, obrigada. A minha meta de vida é conseguir as coisas por esforço próprio.

— E não é isso que você está fazendo?

Refleti por um breve instante.

— Tecnicamente, sim, mas o que eu faço não é um emprego decente.

— Então, estou certo em achar que você não gosta do seu "estilo de vida"?

Sorri fracamente, sentindo-me corar de nervosismo.

Inferno!

Eu não sabia lidar com Dion Volkmann. Lidar com Senhor Collins era tão mais fácil.

— É, eu estou com fome — falei, mudando de assunto. Ele sorriu, sabendo exatamente o que eu estava fazendo.

Fomos para a cozinha. Dion abriu os armários, mostrando-me onde ficavam os mantimentos para caso eu quisesse preparar alguma comida quando ele não estivesse ali, tudo isso depois de eu informá-lo que não havia explorado quase nada do apartamento. Ele parecia já familiarizado com o

ambiente. Eu não sabia se achava aquilo bom ou completamente estranho.

Almoçamos em silêncio. Depois de terminar o refrigerante, Senhor Collins me levou para uma sala próxima a sacada. Eu sequer tinha notado aquele cômodo. Era um escritório bem aconchegante e já estava em uso.

Realmente estranho.

— Aqui está o contrato de experiência — ele deslizou um montinho de papéis sobre a mesa. — Leia e assine quando quiser — dei uma breve olhada para ver se os termos que eu tinha pedido para mudar haviam mudado e, sim, haviam. Assinei na linha pontilhada e devolvi para Dion, ficando com a cópia. Ele conferiu e também assinou. — Perfeito. Agora, deixe-me explicar algumas coisas que não estão no contrato, mas acho que poderia ser benéfico para nós dois.

Um pensamento safado atravessou a minha mente. Mordi a boca imaginando aqueles lábios prepotentes nos meus, ele me jogando em cima da mesa, pressionando seu corpo contra mim. Amassando os papéis, derrubando as canetas.

— Ava? — Desfiz meu devaneio envergonhada e sinalizei pra ele continuar. — Primeiro de tudo, esse contrato não quer dizer que você é minha submissa nem nada disso. Eu não vou incorporar no nosso dia a dia práticas sexuais envolvendo BDSM. — Concordei com a cabeça. — Você pode e deve me dizer o dia que não estiver a fim de fazer sexo. — Fitei os seus olhos poderosamente azuis, lógico que ele sabia que aquilo não iria acontecer. — Não há dia nem hora para eu chegar aqui e solicitar os seus serviços, como também haverá dias que eu vou solicitar que você vá para o meu escritório, por exemplo. — Arregalei os olhos. Fazer sexo em um escritório seria uma novidade pra mim. Uma novidade bem excitante, aliás. — Por fim, eu vou querer a sua companhia para comparecer em eventos, então é importante que você se comporte como alguém do mesmo nível do meio que está sendo inserida. Desse modo, eu vou apresentá-la para os meus amigos e sócios como sendo minha assistente pessoal. — Dion analisou o meu rosto. — Ficou claro, tem dúvida sobre alguma coisa?

Uma ansiedade me pegou de jeito. Eu custava sair do meu apartamento, sair para as festinhas dos magnatas da Califórnia seria um

desafio e tanto.

— Não, está tudo claro — assegurei.

— Por falar em eventos, eu tenho um importante nesse fim de semana. Vou te manter atualizada.

Ele olhou no relógio e se levantou. Já na sala, ele pegou o paletó em cima do sofá.

— Ah, já ia me esquecendo — retirou algo do bolso, tirando um cartão de dentro de um envelope e me entregou. — Isso é seu. — Observei o cartão de crédito dourado com o meu nome escrito. — Use-o para comprar qualquer coisa de que precise. Ele está vinculado à minha conta, então você não precisa mais frequentar a Ross Dress for Less — abri a boca para protestar, mas ele logo continuou. — Eu sei. Isso é demais pra você, mas não se preocupe com nada disso, apenas aproveite.

Entortei a boca concordando, porém não muito satisfeita.

— Você volta ainda hoje? — questionei antes dele sair. Aquele era o único assunto que me interessava.

— Se tudo der certo, sim.

Os seus lábios se curvaram em um sorriso convencido e ele foi embora.



Ainda na sala, eu liguei a TV e aconcheguei-me no sofá, constatando que ele era tão macio que eu me sentia flutuando em uma nuvem. Fiquei embasbacada com a quantidade de canais disponíveis. *Talk Shows*, músicas, filmes e gastronomia. Escolhi um programa sobre caçadores de crocodilo e caí em um sono confortável.

Acordei assustada sem nem saber onde estava, mas logo me localizei. Sem olhar as horas, eu me levantei e fui para o quarto. Procurei algo confortável para vestir antes de Dion chegar. Abri a porta de correr,

descobrindo que ali era o closet. Puxei a porta um pouco mais e vi algumas peças dentro: ternos, camisas brancas e alguns pares de sapato.

Eu deveria perguntar ao Senhor Collins o motivo de ter tantas roupas masculinas ali?

Abri a outra porta do quarto e finalmente encontrei o banheiro. E *que* banheiro! Era todo decorado em branco e dourado. Alguém poderia morar ali dentro de tão espaçoso. Abaixo das janelas tinha uma banheira quadrada e, mais à frente, estava o boxe do chuveiro encostado a parede.

Despi-me e dobrei o vestido recém-tirado. O chuveiro era de ativação automática, descobri isso quando cheguei mais perto e a água começou a jorrar em cima de mim. Ensaboei-me tranquila, sem nenhuma pressa, enquanto a água morna massageava minha pele. O tempo passou sem que eu sentisse. Estava tão fora de mim que não escutei Dion chegar, virada para a parede eu também não o vi. Só percebi a sua presença quando já era tarde demais, quando as mãos dele tomaram posse do meu corpo. Arfei ao senti-lo tão próximo, constatando que cada pelo meu, dos meus pés à cabeça, se arrepiou.

Suas mãos firmes desceram pela minha barriga e trilhou um caminho flamejante até o meu centro.

— Você não faz ideia do quanto eu senti falta dessa coisinha deliciosa que você tem entre as pernas — ouvir aquilo foi como ser acariciada no ponto mais sensível do meu corpo.

Recuei um pouco para colar o meu corpo ao dele e senti o seu poder viril enrijecer com a nossa proximidade.

— Parece que não foi só você, Sr. Collins — falei, rebolando suavemente contra o seu pau escorregadio atrás de mim.

Dion explorou com as mãos cada parte da minha intimidade, massageando, circulando. Tirando meu fôlego.

Prensada contra a parede, segurando-me no vidro, eu o deixei se deliciar com o meu corpo. O meu desejo era o desejo dele. O meu corpo era dele. A única coisa que ele ainda não possuía era os meus lábios. Eu poderia quebrar a cabeça pensando no porquê. Ele já conhecia o sabor de cada

mínima parte da minha estatura, mas a boca permanecia uma parte inexplorada por ele.

Provavelmente aquilo era uma regra dele, uma regra que eu estava abrindo caminho para quebrar.


Capítulo 13

AVA

— Sobre o evento que eu havia comentado com você mais cedo — balancei a cabeça para ele continuar —, vai acontecer no sábado. É uma festa da qual eu participo desde que eu me lembro. — Observei ele retirar uma calça jeans do closet. — A propósito, o momento exige uma roupa de gala.

Encarei-o preocupada e vi Dion fazer o mesmo comigo.

— Você sabe que eu nunca participei de festas assim, não sabe?

— Hm... sei, mas não é um bicho de sete cabeças. Você só precisa de um vestido longo e disposição para ouvir velhos falando sobre caridade.

Soltei uma risada mesmo sabendo que ele não estava tentando ser engraçado.

— Isso pode até ser fácil, mas não pra mim — ponderei.

Ele colocou um suéter preto e um sapato social.

— Não precisa ir se não quiser. Espero que isso esteja claro.

— Eu até quero, só tenho medo de te envergonhar — minha voz saiu baixa ao dizer a última palavra. Dion parou o que estava fazendo e me analisou.

Sem jeito, eu me emaranhei ainda mais nos lençóis que havíamos acabado de estrear.

— Por que você pensa que vai me envergonhar?

Ele se aproximou e ficou me olhando com o seu olhar inquisidor, o tipo de olhar que fazia inocentes confessar um crime. Eu poderia até ficar com medo se não me sentisse tão confortável perto dele.

— Porque você é um cavalheiro e, olha pra mim, eu estou longe de ser uma dama.

Eu realmente não queria ser a caipira que não sabia se comportar em uma festa de gala.

Dion respirou fundo e tocou o meu rosto, contornando o canto dos meus lábios. Segurei o braço dele para ele manter o toque e demonstrar que

eu apreciava aquele gesto.

— Eu não penso dessa forma. Além do mais, acho pouco provável que alguém vá falar mal da minha assistente — disse, tentando me tranquilizar. — Ava, independente de tudo, eu quero você nesse evento comigo. Consegue fazer isso por mim? — Balancei a cabeça dizendo que sim.

Aquela foi a primeira vez, desde que tudo começou, que eu não me sentia uma prostituta.



Era tarde de sexta-feira e Carl me levou até o shopping Westfield, seguindo a indicação de Dion para que eu pudesse experimentar alguns vestidos. Eu havia saído sozinha um dia antes com o mesmo objetivo e foi um completo desastre.

Caminhei pelo conglomerado de lojas onde as peças de roupas eram estranhas e os preços salgados. Tracei uma rota dentro do grande e luxuoso centro comercial com o motorista de Dion a tiracolo.

Fui em algumas lojas reconhecidas mundialmente e me senti pequena para tanta pompa e garbo. Quando eu entrava, uma enxurrada de vendedoras vinha me orientar, perguntar do que eu precisava e se eu gostava do meu champanhe puro ou com frutas.

Tentei não deixar transparecer que eu tinha medo de tocar em uma blusa e essa rasgar nas minhas mãos ou sujá-la de suor, porém não consegui. Ao passo que as vendedoras se davam conta de que eu tinha afinidade com a pobreza, elas se afastavam lentamente e cancelavam o pedido do champanhe.

Aquilo não era nenhuma humilhação pra mim. Eu não tinha como expectativa de vida ser como aquelas mulheres que passavam a maior parte do dia passeando em lojas cuja maior alegria era ser bajulada pelos vendedores. Então, pensando por esse lado, elas só estavam me ajudando.

Westfield era tão grandiosa, mas tão grandiosa, que no primeiro andar eu já estava querendo voltar pra casa de cansaço. Para a minha sorte, Carl me

falava onde tinha lojas com o tipo de roupa que eu precisava.

No terceiro andar, eu entrei em um ateliê e dispensei Carl porque gostei do que vi logo de cara e talvez demorasse mais que o necessário. A loja fazia a ponte entre sofisticação e sensualidade, entre o retrô e o moderno.

Ao entrar naquele lugar, as vendedoras não vieram até mim como um cardume, aquilo fez com que eu não me sentisse pressionada. O ambiente tinha a elegância britânica tanto na decoração quanto na beleza das peças. Era um local apropriado tanto para escolher roupas quanto para tomar um chá com a rainha.

— Posso ajudar, senhora? — uma jovem perguntou. Ela usava um terninho e parecia uma comissária de bordo.

Senti-me ainda mais à vontade ao perceber que a vendedora não tinha um sorriso forçado no rosto.

— Bem, acho que sim. Quero um vestido de gala que eu não precise ajustar, porque eu vou usá-lo amanhã.

— Entendi. Qual é o seu tamanho? — Ela saiu andando e eu a acompanhei.

— Médio — *eu acho*.

— E a senhora tem preferência de modelo ou cor?

— Não, eu só não quero nada muito chamativo.

A vendedora me levou até outro ambiente. Naquele lugar havia um enorme espaço aberto e algumas portinhas, todas elas cobertas de espelhos, eu deduzi que fossem os provadores. Mais ao fundo, havia uma mulher – que eu chutaria ter pouco mais de cinquenta anos – alisando o vestido dourado no corpo, inspecionando os seus mínimos detalhes.

— Peço que a senhora aguarde aqui enquanto eu busco algumas peças. Fique à vontade.

Sentei-me na poltrona aveludada, pensando se eu poderia ou não pegar uma xícara de café na bancada ao lado do assento ou se aquilo era apenas para os clientes Vips.

Que droga, nem de café eu gosto!

Por alguns instantes, o único som no recinto era a outra cliente reclamando do que ainda não tinha ficado bom no vestido que ela escolheu. Eu quase conseguia ver o suor de desespero brotando na testa da modista.

A vendedora que havia me atendido, da qual eu não sabia o nome, voltou empurrando uma arara cheia de roupas ainda com as capas de plástico.

— Pode vir comigo, senhora...?

— Banks.

A vendedora foi abrindo peça por peça e eu falava as que eu havia gostado. Ela então me encaminhou para o provador e pediu que eu saísse após cada troca para que eu pudesse observar melhor o vestido nos espelhos do lado de fora. Assim eu fiz.

O primeiro vestido era todo coberto de pequenas pedrinhas verdes parecidas com lantejoulas. Ele tinha um modelo simples, alcinhas finas e acinturado. Saí para me olhar no espelho e vi que o vestido talvez fosse simples demais para a ocasião. Troquei-me novamente, o vestido da vez era o vermelho que eu não fazia ideia que tinha uma fenda tão grande e um decote tão farto. Desisti dele no mesmo instante em que me olhei no espelho do lado de fora para ver mais detalhadamente. Aquele com certeza era um pouco demais para a ocasião. O último vestido era de um tom de rosa claro perolado, decote frente única e com uma fenda comportada, mas sexy. Não tive dúvidas ao me olhar no espelho. Aquele era o vestido perfeito.

— Se eu tivesse o seu corpo, eu com certeza escolheria o vermelho — alguém falou.

Virei-me para ver quem havia dito aquilo e, para a minha surpresa, era a outra cliente. Ela havia sentado no mesmo lugar que eu estava minutos antes.

Olhei para ela e a mesma devolveu o olhar tentando me encorajar.

— Não, acho que o vermelho não combina com o evento que eu vou.

A mulher se levantou e veio na minha direção. Provavelmente estava esperando o ajuste do próprio vestido.

— Qual é o seu nome? — questionou amigavelmente.

— Ava.

— Ah, que nome mais bonito — ela sorriu, ou tentou. A expressão dela quase não se modificou. *Devia ser Botox*, concluí.

— Obrigada, e o seu?

— Camille. — Também achei o nome dela bonito, mas não disse nada. Eu não era boa com elogios.

Voltei-me para o espelho. Nem a minha "anca gorda", como diria Olga, foi capaz de estragar o caimento do vestido.

— Qual evento você vai? Talvez eu possa te ajudar com isso — ofereceu.

— É um evento de caridade promovido pelo Banco Volkmann.

— Oh, — a mulher fez, ou tentou fazer, uma expressão chocada — parece que vamos nos ver novamente.

— Sério? — perguntei repentinamente, feliz em saber que pelo menos uma pessoa eu conheceria naquela festa.

— Sim. Dion Volkmann, dono do banco, é meu filho.


Capítulo 14

AVA

Dion não apareceu na sexta à noite. Ele não me ligou e eu também não tive coragem de ligar só para dizer que eu havia conhecido a mãe dele. De fato, ele me avisou que ficaria atarefado ao trabalhar e discutir alguns aspectos da festa beneficente.

Com isso, o sábado logo veio descarregando um caminhão de ansiedade nas minhas costas. A tensão para a festa só aumentava.

Eu e Camille havíamos combinado de ir para o mesmo *spa* de beleza, com muito custo ela me convenceu a passar aquele tempo juntas. Resolvi aceitar, pois Camille, apesar de não parecer, era muito descontraída e aquilo me ajudaria a não ter um ataque de nervos. Contudo, eu teria que conversar com ela tomando cuidado para não pisar em ovos e, sem querer, dizer a ela que eu era uma prostituta contratada pelo filho da própria.

Ela não me perguntou por quem ou por que eu fui convidada a comparecer no evento e eu também não senti a necessidade de dizer a ela que era assistente - de mentirinha - de Dion. Pelo menos não precisei mentir sobre aquela parte.

Ainda em casa, eu fui avisada de que Carl estava à minha espera. Peguei o vestido envolto em uma capa e saí. Quando cheguei ao *spa*, uma funcionária me guiou até a sala onde Camille estava seminua em uma maca recebendo massagem.

— Olá, querida — falou sem nem me olhar. Perguntei-me como ela sabia que era eu. Bem, talvez ela nem soubesse.

Cumprimentei de volta com afeição. A massagista que estava à minha espera pegou o meu vestido e indicou uma salinha, falando para eu tirar a roupa e colocar um roupão.

Camille levantou o pescoço quando voltei para a sala e olhou-me com semblante desapontado, como se tivesse perdido uma ótima oportunidade para algo que eu não sabia o que era.

— Você é tão linda, pena que meu filho acabou de se divorciar.

— Desculpa, o quê? — perguntei, deitando-me na maca e suprimindo

uma vontade inevitável de rir devido à situação.

— É Dion. O meu filho não é feliz — disse com muita convicção. — Ele não é feliz porque ainda não encontrou uma mulher que dê a ele um novo horizonte. Um motivo pra viver, entende?

Camille esticou o braço para pegar a taça de champanhe na mesinha ao lado e eu entendi por que ela estava com a língua mais solta.

— Não... — respondi para ela me explicar melhor.

— Você não o conhece. Ele tenta carregar o problema do mundo inteiro nas costas. Às vezes, eu preferia que ele não fosse tão rico e tivesse uma vida normal, sem se cobrar tanto — ela fez uma pausa e continuou. — Meu filho criou muitas barreiras em torno de si, eu não consigo quebrá-las sozinha. — Notei que seu semblante estava entristecido.

Era estranho pensar em Dion daquela forma, contudo, admitia que ele parecia meio perdido na primeira vez que o vi. Apesar de toda a fortuna, de toda a fama, ele aparentava ser um homem solitário. Cheio de dinheiro, mas vazio de muitas outras coisas.

Fiquei em silêncio, torcendo para que Camille falasse mais de Dion. Quando percebi que ela não iria continuar, perguntei:

— Você acha que, encontrando uma mulher que ele ame, Dion poderia ser mais feliz?

— Hm... Eu achei que, tendo uma família, ele seria feliz, porque isso de certa forma foi tirado dele. Pensei que, se ele tivesse o que não teve enquanto crescia, ele seria um homem mais alegre. Achei também que Amber daria filhos a ele, mas ela não conseguiu. O maior sonho dele é ser pai.

Meu coração se encheu de ternura ao imaginar um garotinho de olhos azuis e pequeninos lábios prepotentes.

— Ele ainda é jovem, pode encontrar alguém e ter a própria família — respondi sem nada mais a acrescentar.

— Sabe, é estranho dizer isso, querida. Quando eu te vi, eu pensei instantaneamente que você e meu filho poderiam se dar bem. Você tem um fogo... uma coisa contagiante — disse entusiasmada —, mas ele se divorciou

há poucos dias. Dion precisa de tempo para superar a separação.

Escondi a minha boca para Camille não ver o sorriso que se formou na minha cara. Aquilo era tão irônico.

Algo me diz que ele já superou, querida sogra.



Camille se mostrou uma mulher mais humilde do que eu pensava. Os olhos bem negros e o sorriso com preenchimento labial não davam a impressão de quem ela era mãe. O cabelo preto com corte Chanel emoldurando o rosto quadrado era a única semelhança dela com o filho.

Pensei no que Camille disse sobre Dion. Ao que tudo indicava, os pais dele eram separados ou talvez ele não tivesse uma relação saudável com nenhum dos dois. Perguntei-me também se ele havia se separado porque a ex-mulher não lhe deu filhos ou porque eles não se amavam. Havia também a hipótese de que a ex não quisesse filhos.

Bem, a verdade era que eu estava viciada em saber tudo sobre a vida do meu cliente.

Eu e Camille desfrutamos de tudo o que o *spa* oferecia. Fiz limpeza de pele, depilação, passamos uns minutos na banheira de hidromassagem e na sauna, tentando disfarçar muito mal que era a minha primeira vez em um lugar como aquele. Bem próximo das cinco horas nos dirigimos para o salão.

Depois de quase uma dezena de taças de champanhe, Camille parecia a maior fofoqueira do estado da Califórnia. Ela me contou quem traía quem, quais amizades estavam abaladas e quem eram as mulheres mais falsas de São Francisco. Eram pessoas que eu não conhecia, mas ela me tirou boas risadas.

— Sabe, Ava, nós mulheres não podemos ser tolas quando o assunto é homem. Há concorrência por aí e ela sempre será desleal — Camille começou mais um desabafo. — Não adianta você dar tudo de si, renegar o próprio sucesso em prol de uma pessoa que no fim vai preferir outra que

saiba chupar um pau melhor do que você — arregalei os olhos e as pedicures aos nossos pés fizeram o mesmo.

Mantive uma cara de desentendida.

Será que ela sabia sobre mim?

— O que quer dizer com isso, Camille? — comentei, mapeando o terreno.

Na verdade, eu sabia com exatidão o significado daquelas palavras. Se os homens valorizassem as suas esposas, não existiriam prostitutas no mundo.

— Você só precisa entender que eu estou farta disso — declarou em um tom sério, mas logo depois soltou uma risada bêbada.

— Certo. — Uma funcionária trouxe outra bandeja com champanhe e Camille aceitou. — Ei, que tal esperar a festa? — insinuei, sorrindo para não dar um tom de advertência, mas Camille já bebera demais.

Ela fez uma careta e deu um gole em sua taça.



— Olá, parece que temos uma garota nova no pedaço — uma mulher de cabelo ruivo chegou perto e falou diretamente pra mim. — Meu nome é Regina e, meu Deus, você vai me dar trabalho. Muito trabalho — continuou suspirando e pegando no meu cabelo sem nenhum cuidado, depois me encaminhou para o local onde outras clientes arrumavam o cabelo.

Olhei para Camille com receio e ela me deu um sorriso como se pedisse pra eu relaxar.

— Qual é o seu nome, meu bem?

— Ava.

Ainda era estranho ter que falar meu nome a cada lugar novo que eu ia, era como se eu realmente fosse nova na cidade.

— Legal. Você já tem um nome bafônico. Agora, vamos dar um jeito nesse ninho de passarinho sobre a sua cabeça.

E eu nem podia reclamar. Regina estava totalmente certa. Eu cuidava do meu cabelo sozinha. Pintava, cortava e escovava às vezes. E pelo visto fazia as três coisas bem mal.

— Você tem alguma sugestão de corte, meu bem? Ou prefere deixar à escolha do chefe?

Sorri pra ela através do espelho.

— Faça o que tiver que ser feito — repliquei sem nenhuma sombra de hesitação.

— Eu realmente gostei de você, Ava — piscou.

Ao sentir a água levemente morna molhar meus cabelos, eu comecei a imaginar a tinta marrom avermelhada deixando os meus fios, como no filme "As patricinhas de Beverly Hills", perguntei-me se Regina iria preferir deixar meu cabelo com a cor natural dele – se aquilo ainda fosse possível.

Ela terminou de lavar o meu cabelo, logo depois escutei o tilintar da tesoura trabalhando. Só esperava que ela não me deixasse careca.

Em um lavatório próximo, vi Camille sendo tratada por outra cabeleireira que parecia constrangida com algo, provavelmente com os desabafos dela. O constrangimento da mulher se transformou em horror e observei brevemente a cabeleireira segurando um maço de cabelos negros entre as mãos. *Parece que alguém vai ser demitida*. No entanto, Camille nem pareceu se importar.

Regina me liberou, secando levemente meus cabelos, avisando que faria um penteado especial nele depois que eu tomasse banho e colocasse o vestido da festa. Percebi que o meu cabelo estava com uma cor diferente, ainda assim não era possível afirmar se tinha ficado bom ou não.

Avisei Camille que iria para o quarto ao passar perto dela.

— Claro, já são seis horas. Descanse e tome seu banho. Depois daqui eu vou embora, falei para a minha ex-nora que iria ajudá-la com os últimos preparativos para a festa.

— Tudo bem, nos vemos mais tarde então. — Ela beijou a minha face e eu retribuí.

— A sua suíte é a 104, ok? As maquiadoras aparecerão às sete. *Bye* — falou, acenando enquanto eu acenava de volta.



Fechei a porta do quarto no mesmo instante em que meu telefone tocou. Era Dion.

— Oi.

— *Oi, está tudo bem?* — perguntou, parecendo afobado.

— Sim, por quê?

— *Fiz outras tentativas antes de você atender.*

— Ah, me desculpa, Dion. O lugar que eu estava é muito barulhento.

— *Não precisa se desculpar, só liguei pra saber se está tudo certo para mais tarde.*

Senti uma ansiedade em sua voz. O meu lado iludido dizia que ele estava louco para me ver, já o lado pessimista dizia que ele estava com medo de apresentar para seus colegas milionários a versão moderna da Julia Roberts – antes do banho de loja - no filme “Uma Linda Mulher”.

— Está, está tudo sob controle — falei com uma ponta de animação.

Eu estava animada para vê-lo e mostrar que não iria decepcioná-lo.

— *Ótimo, quando estiver pronta, ligue para Carl* — escutei um suspiro do outro lado da linha. — *Espero que entenda que não podemos chegar juntos.*

Era fofa a forma como ele se preocupava com o que eu achava de suas atitudes.

— Eu entendo, sim.

Quando o relógio na parede chegou às sete horas, eu tomei banho e aguardei minha fada madrinha. Não que eu fosse uma Cinderela, mas naquele dia eu sentia como se fosse.


Capítulo 15

DION

Para aquele dia, o Palácio das Belas Artes foi reservado. A festa anual “Cuidar” acontecia sempre no mesmo local, exceto no período de 2007 a 2009 em que o palácio fechou para reformas.

A Cuidar havia sido criada pelo meu pai através de uma boa dose de persuasão da minha mãe. Como advogada e assistente social, ela não conseguia fechar os olhos para os problemas do mundo. Por inúmeras vezes sentava-se à mesa de jantar e não conseguia comer, dizendo que outras pessoas naquele mesmo momento não tinham a mesma sorte que nós.

Inicialmente, a instituição ajudava crianças do sul do oriente, pois eram as mais necessitadas de cuidado. Depois, com a guerra na Síria, o mundo voltou a atenção para as crianças refugiadas e nós também.

Fazer caridade foi um processo de aprendizagem, sair da minha realidade e entender que o mundo precisava de ajuda. Aquilo foi um grande passo para a minha formação ética, estimular outras pessoas a fazerem o mesmo, também. Era insuficiente, eu sabia, mas pelo menos já era algo. Eu estava fazendo a minha parte. A Cuidar foi um acerto extraordinário. Aquela era a única coisa da qual eu me orgulhava sobre meu pai.

Entrei no salão em que estava ocorrendo a festa. As mesas estavam dispostas em círculos, deixando o meio livre para quando começasse a música os convidados dançarem. Uma vez não fizemos isso e recebemos uma enxurrada de críticas de senhorinhas corcundas e senhorzinhos de bengalas.

Algumas mesas já estavam tomadas, passei para cumprimentar cada um dos convidados. Encontrei Amber e minha mãe ao fundo. Minha ex-esposa fechou o semblante ao me ver, sua expressão estava quase cômica, como se estivesse segurando uma boa quantidade de ar na boca. Já minha mãe fez o contrário e caminhou na minha direção com uma taça de champanhe entre os dedos.

— Mãe... — repreendi.

— Eu sei, eu sei. Deixa a sua mãe se divertir um pouco, sim?

— A senhora pode se divertir sem beber uma taça a cada minuto. — Ela riu. Peguei a taça de sua mão enquanto ela enganchava o braço no meu e andamos em direção a Amber. — Está tudo certo? — perguntei a minha ex-mulher.

— Sim, está tudo certo — ironizou sem tirar os olhos do arranjo de rosas brancas em que estava mexendo.

— Hum, vou deixar os pombinhos a sós. Quem sabe vocês não se resolvem — minha mãe instigou e eu revirei os olhos. Ela saiu, pegando a taça das minhas mãos.

— Sabe que não precisa mais fazer isso, não sabe? — questionei.

Minha mãe e Amber eram quem se responsabilizava pela decoração do Palácio todo ano. Aquela foi a forma que encontrei de aproximá-las. Antes disso, elas não podiam ficar no mesmo ambiente sem causar um incêndio. Agora, eram inseparáveis.

— Eu não estou fazendo isso por você, estou fazendo pela Cuidar. — Concordei com a cabeça, admitindo que não tinha mais nenhum assunto a tratar com ela, e fui atender os convidados que estavam chegando.

Aos poucos, a nata da Califórnia chegou em seus carrões, como uma disputa não declarada para ver quem tinha mais dinheiro. Tive uma pequena conversa sobre futebol com homens da minha idade aqui, um diálogo sem muita emoção sobre a bolsa de valores com homens mais maduros ali, e assim os minutos foram passando.

Verifiquei no meu relógio, já eram quase oito da noite e não encontrava Ava em lugar nenhum. Pensei em ligar pra ela, mas antes recebi um tapinha camarada nas costas, não precisei nem me virar para saber quem era.

— Pai — um sorriso falso surgiu nos meus lábios. Os convidados não precisavam saber que os Volkmann tinham uma relação conturbada.

— Quanto tempo, filho — disse, puxando-me para um abraço. Logo o empurrei gentilmente para ele não prolongar o gesto.

Analisei a loira ao seu lado. Os seios quase pulavam do decote do

vestido vermelho. Ela me lançou um sorrisinho sem graça. Virei-me para cumprimentar outras pessoas, eu não gostava de estar na presença deles, mas meu pai pediu que eu esperasse.

— Posso falar com você em particular, Dion?

Encaminhei ele para um corredor com pouca iluminação, cheirando a alho e temperos franceses. A cozinha ficava próxima dali.

— Fala logo o que você quer — disparei.

Paul Volkmann me olhou como se fosse um velho mendigo pedindo migalhas. Na realidade, ele era um velho podre de rico que vivia pedindo migalhas, mas não era de comida nem dinheiro.

— Bruce, ele... — não permiti que ele terminasse.

Puxei o ar, mas mesmo assim não consegui conter a raiva.

— É claro que você quer conversar sobre ele. Sobre o que mais seria, não é mesmo?

— Ele me disse que foi até o banco com uma proposta e você o enxotou de lá.

Respirei fundo, sentindo um sorriso de escárnio ascender aos meus lábios por não saber reagir a tamanho absurdo.

— Sim, ele foi. Ele foi me pedir um emprego, mas acontece que ele nunca cursou uma faculdade, sequer já trabalhou na vida apesar de ter praticamente a minha idade. Ele não quis um emprego que correspondesse ao currículo dele. Ele queria estar no mesmo patamar que eu, assim — estalei os dedos — da noite para o dia, simplesmente porque o sobrenome dele é o mesmo que o meu.

— Uma oportunidade é tudo de que ele precisa — comentou calmamente.

— É sério que você vai insistir nisso? Você consegue se ouvir falando?

Meu pai me olhou como se eu estivesse lhe ofendendo. Apesar de minhas ofensas serem o mínimo que ele e Bruce mereciam.

— Porque tanto ódio assim comigo e com seu irmão? — Dei uma

risada engasgada.

Ainda sobre aquela história do mendigo, meu pai era um mendigo de aceitação. Vivia mendigando empatia e aprovação para Bruce, o seu filho bastardo, já que o homem em questão não tinha competência pra conseguir sozinho.

O patriarca Volkmann sempre foi o tipo de homem focado no trabalho, a família vinha sempre em segundo plano. Ele viveu no mundo real e nos deixou – eu e minha mãe – vivendo em uma bolha, uma maldita vida perfeita. Minha mãe parou de trabalhar para fazer trabalhos voluntários e eu ficava o dia inteiro enfiado em um colégio, aprendendo sobre números.

Não me lembrava bem ao certo quando tudo começou a mudar, só sabia que a bolha foi se desfazendo aos poucos. De uma hora para outra, começamos a receber visitas de uma mulher viúva – ela era muito bonita na época – que sempre levava o filho para brincar comigo.

Demorou alguns meses para minha mãe fazer a conexão. Ela começou a desconfiar que a mulher não era viúva coisa nenhuma e que o filho dela se parecia demais com o meu pai.

Bum. A bolha havia estourado.

Ainda não me vem à cabeça o que levou meu pai a fazer aquilo. Qual foi o intuito dele ao fazer a esposa, a amante e os dois filhos conviverem por meses? Minha mãe, obviamente, pediu o divórcio depois daquele acontecimento.

Meu pai escolheu sua outra família. Para nós, ele deixou a mansão em que morávamos e uma pensão gorda para que eu não precisasse sentir a sua falta. Não recebia a visita dele no Natal ou no dia do meu aniversário, apenas caixas e mais caixas de presente com os brinquedos da moda. Com o passar dos anos, nem isso.

Já minha mãe criou um complexo de beleza inalcançável. Passou a preocupar-se demais com a aparência por se sentir rejeitada. Começou com preenchimento labial, depois Botox para suavizar as linhas de expressão. Ela agora parece uma caricatura de si mesma, perdeu a naturalidade. Vivia tentando disfarçar que a culpa desse complexo não era pela traição do meu

pai. Acreditar naquilo seria a mesma coisa que acreditar que o céu era verde e não azul.

Durante a minha faculdade, o mundo foi assolado com boatos de crise no banco Volkmann. Quando me formei, a empresa do meu pai abriu falência. Ele esperava uma solução cair do céu. Eu apareci.

Acabei fazendo um acordo com ele. Ele me passava a parte da empresa que lhe pertencia, em troca eu daria tudo de mim para salvá-la, além de um valor considerável para ele manter o alto padrão de vida, já que ele já estava se dando por vencido. Foi um momento tenso. Não éramos pai e filho naquele instante e sim dois homens de negócios. Aquela foi a nossa primeira conversa em anos.

O resultado daquilo era evidente. Quanto à parte de Bruce, bem, eu fiz ele me vender a sua fração da empresa por uma mixaria.

— Hein, Dion? Por que tanto ódio com a sua família?

— Eu não odeio vocês. Eu só odeio o fato de ter o mesmo sangue que vocês dois correndo nas minhas veias — respondi enfim.

Saí da penumbra e deixei meu pai lá, falando sozinho. Olhei no relógio, eram oito e vinte oito. Ava já devia ter chegado. Disfarcei a minha vontade de vê-la o quanto antes. Espiei por todo o salão e não encontrei seus olhos espertos em lugar nenhum.

Um dos diretores do banco chegou para me cumprimentar e eu não consegui me concentrar na conversa. Tentei de tudo para me livrar daquele diálogo desnecessário sobre investimentos, mas fracassei.

Mirei no relógio novamente e, quando me voltei para o diretor, o rosto dele estava virado para a entrada. O rosto de todos estava virado para a entrada. No momento em que olhei para o mesmo lugar, vi o motivo de todos estarem alarmados.

Puta-que-pariu!

A minha festa havia oficialmente começado.


Capítulo 16

AVA

Eu nunca quis saber qual era a sensação de ter a alta sociedade de São Francisco e região me olhando. Eles não só me olhavam, eles me analisavam como se eu fosse a participante de um concurso de beleza.

Senhoras e senhores, bem-vindos ao concurso Miss Prostituta.

O meu senso de humor deu alarde em um momento inoportuno. Como sempre.

Fiquei uns bons dois minutos parada na entrada enquanto todo mundo estava paralisado observando a desconhecida – eu – chegar. Os *flashs* das câmeras eram poucos, mas o suficiente para eu desejar não aparecer em nenhuma coluna de jornal.

Sorri fracamente, sentindo a insegurança vir me abraçar. A minha vontade era de enfiar meu rosto entre as mãos e sair correndo dali, até ver Camille chegar perto para me acudir.

— Querida, você está des-lum-bran-te! — A taça de champanhe chacoalhou em sua mão ao passo que ela gesticulava. Parecia que ela e a bebida eram companheiros inseparáveis. — Vem, vou te apresentar a alguns solteiros endinheirados.

Só me interesso se for seu filho, pensei comigo mesma.

Afinal de contas, onde estava ele? Sentia o olhar de Dion em mim, desnudando-me mesmo sem conseguir vê-lo.

Minha sogra secreta me levou para conhecer os seus amigos abastados. Quando ela falou “solteiros endinheirados”, eu pensei em jovens bonitinhos que passavam o dia inteiro jogando golfe. Os homens a quem ela me apresentou eram todos quarentões com cara de tarados.

— Com licença — estremeci ao ouvir a voz de Dion atrás de mim. Fechei os olhos e respirei fundo para dissipar a carga elétrica que subiu pela minha espinha quando ouvi a voz dele —, eu não sabia que vocês já se conheciam.

Disfarcei sem encará-lo diretamente. O tom dele demonstrava curiosidade.

— Você a conhece também? — Camille perguntou abalada.

— Sim, ela é a minha nova assistente — Dion respondeu sem tirar os olhos de mim.

As chamas azuis poderiam me queimar, mas a verdade era que eu entrava em combustão toda vez que ele me olhava daquele jeito, como se nada nem ninguém importasse, fazendo-me sentir a única garota no mundo inteiro.

— Oh, por que você não me contou, Ava?

— Eu iria te contar só se você me perguntasse. Não achei que era algo importante — falei, utilizando a minha melhor cara de inocente, as feições de Camille suavizaram na hora.

Era estranho ter que enganar a mãe de Dion, ela era uma boa pessoa. Eu já me importava com Camille e tinha medo do momento em que ela descobrisse que eu era uma destruidora de lares, como as pessoas costumavam falar.

— Olha só pra ela, olha esses olhos. — Camille tocou o meu rosto, fazendo-me enrubescer.

— A gente se conheceu ontem em uma loja — expliquei para Dion, percebendo que a pergunta dele havia ficado sem resposta.

Permiti-me olhá-lo com mais cuidado pela primeira vez.

Ele usava um smoking que cobria com perfeição os seus músculos e sua silhueta. Dion definitivamente deveria ser proibido de sair em público exalando apelo sexual. Perguntei a mim mesma como as mulheres da festa conseguiam se segurar para não o agarrar e lamber cada parte de seu corpo.

— *Porra!* — ele deixou escapar baixinho.

Seus olhos desceram e subiram pelo meu corpo, ciente de que eu estava vendo-o fazer aquilo, devorando-me silenciosamente. Olhei para o lado e percebi que a mãe dele havia se afastado.

— Você está perfeita — Dion falou, contornando os lábios com a língua, o brio entoava em sua voz séria. — Mas loira?

Tentei disfarçar o magnetismo que ele causou em mim, mas simplesmente não consegui parar de olhá-lo. Nossos olhos pareciam ferro e ímã, uma força de atração assustadora. Fechei os olhos para conter a sensação.

— Acredite ou não, essa é a cor natural do meu cabelo. A cabeleireira só fez algumas luzes — respondi casualmente, olhando os convidados. — Eu estou tão diferente assim?

— Parece outra pessoa.

— Você também está bem bonitão dentro desse smoking. — Ele riu, mas fiquei insatisfeita por não conseguir lhe fazer justiça.

Não tinha jeito, eu era péssima com elogios.

— Que bom que você veio — ele agradeceu ainda sem desviar sua atenção de mim.

Enquanto eu corava com seus olhares, uma mão surgiu no ombro dele e uma cabeça loira, a suas costas.

— Não vai me apresentar a sua assistente? — a loira falou no ouvido dele, demarcando território descaradamente.

Dion olhou estranho para a mulher e, depois de suspirar longamente, me apresentou a ela, retirando a mão da loira de cima dele.

— Amber essa é Ava, Ava essa é Amber.

Tive um pequeno baque ao me dar conta de que aquela era a ex-esposa. Tinha me esquecido dela. Amber saiu de trás de Dion, revelando o seu vestido preto comportado, e beijou a minha bochecha.

— Camille tem razão, o seu nome é bastante exótico.

— O seu também é muito bonito — respondi, tentando ser agradável.

— Há quanto tempo vocês se conhecem? — Amber perguntou, novamente me olhando como se tivesse captado um sinal de perigo em mim.

Dei uma olhadela para Dion. Aquele encontro não estava sendo menos tenso para ele.

— A minha entrevista foi na sexta retrasada, mas eu só fui contratada nessa quarta-feira.

Dion escondeu um sorriso pelas referências que eu havia feito. Faziam oito dias que ele apareceu na porta do meu apartamento e na quarta foi o dia em que eu assinei o contrato de experiência.

— Com licença, Amber. Preciso apresentar Ava para os meus sócios. — A cara dela fechou como um tempo nublado. Desprezo era o que eu apostaria que ela estava sentindo.

Dion pegou o meu braço e enganchou no dele. Ele me conduziu para longe da ex. Vi mais alguns flashes, porém não vi nenhum fotógrafo. Eu estava apreensiva, sentia as minhas pernas travando, não porque eu estava fora do meu "habitat natural", tirando o impacto de ser recepcionada com cada rosto virado para mim, eu estava tranquila. O fato de ter uma chance, mesmo que remota, de ter um ex-cliente ali ainda tirava um pouco do meu sossego, fazendo-me às vezes querer fugir pela primeira porta que eu encontrasse.

No entanto, o que me dava mais medo era o tratamento diferencial que eu estava recebendo do meu cliente. Ele parecia ter se esquecido que eu era uma prostituta e me tratava como se eu fosse alguém especial, dando margem para algo que ambos sabíamos que não iria acontecer.

— Você está tremendo — Dion falou ao pegar minha mão e sentir a tremedeira. Olhei pra ele aflita. — Vai ficar tudo bem. — Concordei com a cabeça.

— O que foi aquilo com a sua ex-esposa? — questionei depois de me sentir um pouco mais confortável.

— Eu não sei o que aconteceu com ela. Até pouco tempo atrás ela não estava nem me olhando nos olhos.

— Ela está com ciúme, com muito ciúme — sorri me divertindo com a situação.

— Que seja — deu de ombros.

Conheci alguns homens e mulheres do círculo de convivência de Dion.

Recebi algumas cantadas baratas ao lado dele, outras nem tanto. Aquela situação o deixava incomodado, mas não ao ponto de perder a cabeça e querer criar uma confusão.

Quando partimos para cumprimentar um casal perto da cozinha, Dion apertou levemente o dorso da minha mão.

— Siga por esse corredor e entre na quarta porta à direita — ordenou no meu ouvido.

Invadi o corredor escuro que se estendia à minha frente quando não tinha ninguém vendo e entrei onde Dion havia me indicado. Era uma saleta de leitura com mobílias que cheiravam a lustra-móveis. Tinha uma pequena escrivaninha e uma estante cheia de livros e objetos que poderiam ser expostos em museu de tão antigos que eram.

Tracei com os dedos uma linha imaginária entre eles, ao mesmo tempo que tentei ler o título dos livros que eram todos em língua estrangeira. Virei-me quando Dion abriu a porta e depois trancou a mesma atrás de si.

Ele me olhou de cima abaixo segurando o queixo.

Como pode ser tão gostoso?!

— Sabe quão difícil foi para não socar aqueles imbecis que te comeram com os olhos lá fora? — falou, tirando o cinto e se aproximando. Olhei para cima como se estivesse pensando na resposta. — Bem, não foi fácil se quer saber — ele me rondou, tirou o paletó e parou atrás de mim.

A cada suspiro intenso que ele soltava, eu sentia uma inquietação crescente no meu sexo. Aquele homem poderia me fazer gozar sem ao menos me tocar.

Após algum tempo, senti suas mãos erguendo o meu vestido e deslizando pela minha pele devagar. Com o meu corpo se contorcendo, segurei firme na beirada da mesa e me curvei. Dion descobriu a minha pele nua, sem nada de peça íntima.

Uma risadinha descrente surgiu nos meus ouvidos.

— Onde está aquele fio de renda que você chama de calcinha, Ava? — sussurrou às minhas costas, o calor de sua voz emanou para o meu corpo

todo.

— Ficou em casa, Sr. Volkmann.

Eu sabia que era muito atrevimento ir a uma festa como aquela sem roupa íntima, mas aquele vestido foi feito para ser usado sem nada por baixo.

— Que safada — entoou com a voz embebida em tesão. A umidade entre as minhas coxas só aumentou. — Separe as pernas um pouco mais. — Fiz o que ele pediu. — Assim — ele circulou a minha cintura com seus braços, com a barra do vestido levantada, e passou o seu pau pela minha abertura, só por fora.

Arfei de vontade.

— Dion, por favor — deitei a minha cabeça sobre os braços em agonia.

Ele continuou com a sua tortura por algum tempo e só depois me possuiu. Logo percebi que foi diferente das outras vezes. Ele estava mais possessivo, como um lobo salivando por um pedaço da minha carne.

— Aqueles malditos lá fora queriam fazer isso com você, o que estou fazendo agora. Queria que eles pudessem me ver nesse momento — disse no vai e vem dos nossos corpos. — Mas isso nunca vai acontecer porque você é só minha. Não é?

— Sim. — Senti o vestido querer descer de volta, mas Dion foi mais rápido e o segurou com mais força enquanto se apoderava de mim.

— Então diz. — Fiquei em silêncio, querendo provocá-lo. — Diz, Ava!

Ele diminui o ritmo, mas eu não parei. Comecei a me empurrar para trás e a rebolar quando bem entendia. Aquilo foi o suficiente para ele soltar a minha cintura e cobrir a boca para não gritar os palavrões que ele estava falando baixinho.

Eu estava cumprindo o que havia dito. Eu estava enlouquecendo Dion Volkmann.

Ele retomou o controle novamente, só que agora em um ritmo mais forte. Cerrei os dentes para não gritar quando senti o orgasmo querer me

sucumbir. Dion gozou, mordendo o meu ombro. Eu entendia o que ele queria fazer, ele queria deixar a sua marca em mim, mesmo que ninguém a visse. Ele precisava saber que eu era dele e não podia ser de mais ninguém naquela festa.

— Aqui tem um banheiro, você pode se limpar. — Confirmei com a cabeça. — Precisa de ajuda?

Disse que não. Ele afivelou o cinto e colocou o paletó, destrancando a porta logo depois.

— Eu sou sua, Dion. A qualquer momento, em qualquer lugar — falei antes de ele ir embora.

— Eu sei, Ava, mas foi muito bom escutar isso.

Claro que ele sabia. Eu estava sendo paga para fazer exatamente aquilo.


Capítulo 17

AVA

— Quando eu vi o seu nome na lista, eu percebi que ainda não tínhamos definido a sua mesa. Porém a mesa ao lado da nossa estava faltando uma pessoa, então te coloquei perto do melhor amigo do meu filho. Você vai gostar dele. Ah, ele é solteiro. — Camille piscou e sorriu mostrando seus dentes brancos demais.

— Certo. Obrigada, Camille.

Ela ficou um tempo em silêncio, depois a percebi me olhando intrigada.

— Ava, você está bem? Seu rosto está tão corado.

O rubor em meu rosto só aumentou. Camille havia me fisgado logo depois que saí da salinha onde eu estava com Dion minutos antes.

— Eu só não estou acostumada a ser o centro das atenções — respondi sem graça.

— Acostume-se, querida, com a sua beleza e simpatia, nunca passará despercebida. — Camille olhou ao redor para se localizar. — Ah, é aqui.

Chegamos perto da mesa e avistei quem era o melhor amigo de Dion. Era simplesmente o advogado dele, o homem que não foi com a minha cara e nem eu com a dele. Na mesma mesa, estava Amber e um casal de idosos bem peculiar.

Pela cara que o advogado fez, parecia que ele teve um miniataque cardíaco ao me ver.

— Andrew, meu querido, esta é Ava, assistente de Dion.

Ele se levantou para me cumprimentar, como um fantoche obrigado a fazer as coisas pelo seu chefe.

— Ava, que bom encontrá-la de novo — falou com muita animação e pouca sinceridade.

— Vocês também já se conhecem? — Amber perguntou interessada do outro lado da mesa.

— Sim, fui eu que redigi o contrato dela — Andrew respondeu.

— Ela não é linda? — Andrew apenas balançou a cabeça no automático, concordando. Fechei os olhos de vergonha. Camille me apresentando para os homens da festa parecia uma criança mostrando para todos a sua nova bonequinha. Logo depois de acariciar o meu rosto, ela saiu de perto me deixando sozinha com o melhor amigo e a ex-esposa de Dion.

Acomodei-me na mesa, segurando as minhas pernas para elas não correrem para longe dali. Não havia lugar pior para Camille me enfiar.

O advogado e Amber engataram uma conversa junto com o outro casal da mesa, todos agiam como se eu não existisse. A interação entre Andrew e a ex de Dion era excepcional, para não falar suspeita. Eles se davam realmente bem.

Comecei a contar os minutos e a mexer no celular, eu já estava acostumada a ser deixada de lado. De vez em quando, Dion passava por nós e eu só o observava sem demonstrar interesse.

— Com licença — escutei Amber falar, se levantando.

— Aonde você vai? — Andrew perguntou confuso.

— Vou para a mesa do anfitrião. Os convidados ainda não se conformaram com o divórcio — ela falou, me olhando diretamente. Sorri com simpatia, mas querendo puxar os cabelos dela em pensamento. Aquela era uma provocação clara pra mim.

Todos se sentaram em suas respectivas mesas, minutos depois, o jantar foi servido.

A comida dos ricos consistia em um prato de porcelana e bem no meio alguma comida estranha, feita de alguma coisa estranha, resultando em um prato de nome estranho.

Pelo menos não era ruim.

Enquanto Andrew e o casal de velhinhos conversavam amenidades, eu olhava despistadamente na direção da mesa de Dion só para observá-lo e sempre via Amber quase se jogando no colo dele. Atitude estranhíssima. Estava claro que ela tinha ciúmes dele, mas será que se arrependia do divórcio também?

Assistir Amber agarrada a Dion como se fosse um papagaio de pirata me causou uma sensação estranha, uma reação complexa. Ela era muito bonita e estava à altura dele, mesmo assim eu queria que a atenção dele estivesse cem por cento em mim.

Sim, eu queria estar no lugar dela e, sim, eu estava com ciúmes. Admiti, como se uma luz tivesse acendido no meu cérebro.

Merda! Eu estou com ciúmes de um cliente!

Evitei refletir sobre aquele assunto, senão ficaria paranoica de vez.

Após o jantar, algumas pessoas subiram no palco para discursar. Eles falaram sobre temas realmente importantes, mas não consegui evitar ficar com sono. Só fiquei mais alerta quando Dion começou a falar.

E, meu bom Deus, como ele era lindo.

Olhar para o meu cliente era uma emoção que ficava pior a cada dia. Eu estava certa de que não deveria desejá-lo tanto quanto eu o desejava naquele momento, mesmo depois do nosso pequeno encontro secreto.

Postura ereta, olhos abrangendo todos os convidados, fala calma e confiante. Ele definitivamente nasceu para aquilo: comandar. Ter todos a seus pés. Ele me fitou algumas vezes enquanto estava na frente, ou pelo menos eu achava que sim, não dava para ter certeza.

Camille bateu palmas fortemente quando ele terminou. Ela era uma mãe orgulhosa. Perguntei-me onde estaria o pai dele. Até o momento, eu não tinha sido apresentada a nenhum outro Volkmann.



A banda começou a tocar e uma voz melancólica entoando sucessos do *Blues* foi ouvida. A pista de dança estava oficialmente aberta.

Um homem me tirou para dançar e eu não sabia se podia aceitar. Acabei indo devido à insistência dele.

O nome do homem era Daniel. Chutei que ele tinha entre cinquenta e

sessenta anos. Ele ficava me fazendo elogios o tempo todo, sobre como os meus olhos lhe chamaram a atenção e como havia gostado do meu penteado. Senti algumas vezes a mão dele deslizando pelo tecido fino do meu vestido e eu educadamente a recolocava na minha cintura.

Daniel reclamou diversas vezes de como era solitário, ganhando rios de dinheiro enquanto passava suas férias infinitas no Caribe. *Pobre velho rico.* Eu esperava que ninguém me visse rolar os olhos.

— Ava — ouvi a voz de Dion do meu lado —, está tudo bem?

Ele olhou com desconfiança para Daniel, este disfarçou e em um piscar de olhos sumiu da nossa frente.

— Ele sempre faz isso, não é? — perguntei, achando que ele era uma espécie de tarado, toda festa tinha alguém como ele.

— Você é carne nova no pedaço, só peço que não dê mole pra essa gente.

— Entendi.

Dion envolveu minha cintura e entrelaçou nossas mãos.

— Dança comigo?

— Só se você não pisar no meu pé — brinquei.

Tivemos um momento divertido, dançando e comentando sobre a festa, até outra pessoa chegar e tirar ele de mim.

Sem ter ideia do que fazer, decidi ir tomar um ar fresco. O ambiente da festa estava me dando uma sensação claustrofóbica e eu entendia que Dion não podia me dar atenção o tempo todo.

No meio do caminho, vi uma cabeleira loira extremamente lisa atravessando a multidão para me encontrar. Parei quando Amber entrou na minha frente.

O rosto dela não era nem um pouquinho amigável de início, mas ela logo forçou um sorriso doce.

— Ava, eu estava pensando... já que você é a assistente de Dion agora, talvez eu possa lhe dar algumas dicas. Te falar do que ele gosta de comer,

quais são as lojas preferidas dele, essas coisas que uma assistente pessoal deve saber sobre o patrão.

— Oh, seria muita gentileza sua, Amber. Agradeço a ajuda. Eu realmente vou precisar dessas dicas. — Avistei Dion a uns dois metros de distância com um senhor de cabelo branco, ele me olhou de volta, abrindo um breve sorriso. Tentei não reagir como uma adolescente bobinha já que a ex dele estava bem na minha frente.

Desconfiava – e muito – da atitude de Amber. Pelo jeito que ela me olhava, as suas intenções não pareciam ser muito boas, mas acabei aceitando, sabendo que ela não sairia da minha cola. Ela foi embora depois de dizer que pegou meu número com Camille e que iria entrar em contato comigo em breve.

Finalmente consegui chegar do lado de fora do Palácio. Havia algumas pessoas fumando e outras entre beijos e amassos. Fui para o lado onde não tinha ninguém. Observei as colunas envolvidas por trepadeiras e flores da estação, deduzi que, durante o dia, o local deveria se assemelhar a um templo grego. O lugar era muito bonito, mas era onde eu nunca havia pensado estar mesmo que fosse servindo mesas ou limpando a sujeira dos ricaços da cidade.

Escutei alguém se aproximar a passos vagarosos e macios.

— Está uma noite linda, não está? — Virei-me ao saber pela voz que não era Dion.

Observei a silhueta mediana chegando perto de mim. Analisei o cabelo jogado para trás e as feições tão serenas quanto as de um bebê. Sob a luz suave da lua, eu podia afirmar que não o conhecia.

— Sim, está — respondi somente por educação e passei por ele para voltar pra festa, não queria ser vista ali fora com outro homem.

Para a minha surpresa, o homem me segurou pelo braço. Olhei para ele com inquietação, tentando me soltar.

— Não precisa fingir que você está à vontade no meio desse monte de gente que nasceu em berço de ouro e, acredite, eu sei como se sente.


Capítulo 18

AVA

Puxei meu braço de forma brusca e saí andando para longe daquele homem. Eu não queria dar trela pra estranhos, ainda mais do lado de fora. Mesmo que confusa sobre o que ouvi momentos antes, eu voltei para dentro e fiquei em um canto do salão onde poucas pessoas conseguiam me ver, mas eu tinha uma visão privilegiada de quase todos os convidados.

Meus olhos revezavam para observar Dion e Camille. A mãe dele estava cada vez mais com uma alegria contagiante causada por champanhe em excesso e Dion continuava cercado de figuras femininas. Todas peitudas.

Olhei para o meu busto e soltei um suspiro de insatisfação.

Ele poderia ter qualquer uma delas se quisesse, uma por vez ou todas ao mesmo tempo. Tive a impressão de que aquelas mulheres se matariam para ter uma noite com ele, seria como ser agraciada com o bilhete premiado. Pelo menos era assim que eu me sentia.

Dion era solteiro, não tinha filhos, não precisava dar satisfação para ninguém. Muito menos pra mim. Comecei a temer o dia em que ele iria conhecer uma garota legal e querer um relacionamento sério com ela. Ele merecia. Um dia iria querer se casar e ter seus filhinhos maravilhosos. Pelo o que Camille disse, só aquilo o deixaria inteiramente feliz. No entanto, o que deixaria ele feliz talvez me deixasse triste. Eu não estava disposta a perder Dion, nem agora nem a longo prazo. Mesmo assim, eu trabalhava com a possibilidade de que ele uma hora ou outra não iria me querer mais.

— Está vendo? Você não consegue se misturar porque não é como eles — uma voz soou atrás de mim como um pensamento tormentoso.

— Ainda não ficou claro que eu não quero conversa? — respondi sem me mover.

— Tudo bem. Eu falo por nós dois — a voz dele continuou paciente. — Está vendo aquele homem ali? — O cara desconhecido se pôs ao meu lado e apontou para um senhor na pista de dança. — Ele tem um grau de deficiência auditiva causado pela idade, quando a música acabar, você ainda vai vê-lo dançando. Aquela mulher ali do lado tem mania de limpeza. Consegue vê-la olhando despistadamente para o chão, conferindo se ele ainda

está limpo o suficiente? — Meu queixo caiu quando vi a mulher fazer a mesma coisa que ele disse. Por fim, ele apontou para o homem com quem eu havia dançado mais cedo. — Ele adora seduzir jovens falando sobre as férias no Caribe e sobre não precisar trabalhar para ganhar dinheiro, mas, na verdade, ele é viúvo e vive da herança da esposa morta.

Credo!

— Como você sabe disso? — virei-me, perguntando e olhando para o homem.

Era estranho. Assim como aconteceu com Dion, eu sentia que o conhecia de algum lugar.

— Anos de convivência. Eu cresci frequentando festas assim.

— E qual é a sua relação com os Volkmann? — questionei curiosa, já suspeitando da resposta.

Procurei Dion com os olhos e não o achei, nem Camille.

— Eu me chamo Bruce, meu pai é o fundador do banco — respondeu com vaidade e eu fiz a conexão. Era ele no escritório de Dion no dia que eu fui visitá-lo, porém estava bem diferente daquele dia, estava apresentável e não soltava fogo pelas fuças.

— Ava, querida. Pode vir comigo um instante? — Camille apareceu do nada, me pegando de surpresa. Ela me afastou de Bruce e me encaminhou para um local mal iluminado.

— Está tudo bem? Onde está Dion? — não consegui conter minha preocupação.

— Você sumiu, não te encontrei em lugar nenhum.

— Eu apenas fui tomar um ar.

Eu não sabia bem onde, mas o fato era que comecei a ouvir gritos e, pela voz grave, eu soube que uma delas era de Dion. Camille tornou a falar outras coisas, deixando claro que estava tentando me distrair para o que acontecia em alguma sala dos fundos.

— Vamos voltar pra lá. Quem sabe dançar mais um pouco — ela disse,

me guiando para entrar no salão de novo, mas eu a impedi.

— Camille, o que está acontecendo? — insisti, percebendo o meu coração palpitar.

— Não é nada. É só um penetra que não deveria estar aqui.

Os gritos ficaram mais intensos e eu temi que algo ruim acontecesse. Soltei-me de Camille e corri direto para o corredor, procurando a origem das vozes exaltadas.

— Isso é, sim, sobre você. Sobre você ter essa mania podre de querer a vida dos outros, como um parasita! — um Dion furioso gritou.

Encontrei uma sala com a luz saindo da porta semiaberta. Observei por alguns instantes pela fresta.

— Não, isso não é sobre mim. É sobre você não ter gostado de eu estar conversando com aquela mulher. Isso que te deixou bravo.

— Para começo de conversa, você não deveria nem estar aqui. E qual é o problema de eu tentar livrá-la do desprazer de estar na sua presença?

Droga. Eu estava causando aquela briga?

— Problema nenhum pra mim, mas pra você com certeza. Você veio até mim porque percebeu que ela estava comendo na minha mão. Antes de você chegar, nós estávamos discutindo para onde iríamos depois dessa festa tediosa.

Ao ouvir tamanho absurdo, eu escancarei a porta e encarei os dois homens que estavam muito perto de partir para as vias de fato. Dion me olhou com sua íris queimando de ódio e Bruce fez um gesto desdenhoso ao me ver, ele nem parecia incomodado de ter mentido sobre mim.

No meio daquela tensão, percebi que alguém estava vindo pelo corredor. Pelo bater do salto no piso, deu para deduzir que era Camille.

— Dion, está tudo bem? — perguntei sem conseguir pensar em nada melhor pra falar. Ele colocou as mãos na cintura e fitou o chão penalizado.

Bruce deu uma risada forçada, mas que me arrancou calafrios de temor.

— Meu Deus, Dion! Agora eu estou entendendo tudo. Você está envolvido com essa moça, não está? Não, não, espere. Há quanto tempo vocês estão juntos? Você ao menos esperou o divórcio? — o tom dele era acusatório e cínico.

— Cala a *porra* da sua boca! — a voz de Dion trovejou pela sala, pensei que nunca havia visto alguém tão furioso quanto ele.

— Você vive falando mal do nosso pai, mas no fundo você é igual a ele — Bruce provocou mais um pouco, fingindo desgosto.

Era muito claro o seu objetivo. Tirar Dion do sério parecia ser o passatempo preferido dele.

Camille entrou na sala às pressas, tentando segurar a fúria de Dion. O problema era que fazer aquilo seria a mesma coisa que tentar controlar a força de um vulcão. Totalmente inútil.

Comecei a ver tudo em flashes. Em um momento, Dion afastou a mãe para o lado. No outro, as mãos dele estavam em punhos e, por fim, o som seco do choque entre a sua mão e a boca do irmão. Bruce não tentou nada contra ele, sequer se defendeu.

Àquela altura, ficou entendido que a briga entre eles era muito mais complexa.

Eu não consegui reagir ao ver Dion se preparando para bater no irmão novamente, apenas tapei a boca com as mãos trêmulas ao mesmo tempo em que mais pessoas entraram na sala. Um homem mais velho e Andrew seguraram Dion e uma mulher com um vestido vermelho segurou Bruce. Eles gritaram coisas que eu não conseguia entender direito devido a algazarra. Saí do lado de fora e encostei as costas na parede, tentando regular minha respiração.

Fiquei lá sem decidir se eu entraria novamente e faria alguma coisa ou se só aguardava os ânimos se acalmarem.

Andrew saiu da sala e ficou do outro lado da porta me observando.

— Olha só o que você conseguiu fazer em seu primeiro evento — o tom de incriminação da voz dele me deu repulsa. Andrew devia achar que

todas as tragédias que aconteciam no mundo eram culpa minha.

Não respondi. Apenas engoli em seco, meu coração continuava acelerado.

— Eu não sei o que você fez com Dion. Ele e o irmão são como gato e rato, mas eu nunca os vi brigarem dessa forma, foi só você aparecer.

— O que você está tentando dizer?

A gritaria na sala foi sumindo aos poucos.

— Eu estou tentando dizer que você não deveria ter dado conversa para o irmão louco dele. Se não, isso não teria acontecido.

— Mas eu não dei conversa pra ele, foi ele que ficou atrás de mim.

— Não importa, o estrago já está feito. — A porta da sala se abriu e todos saíram ao mesmo tempo. Bruce e o casal mais velho foram para um lado, Camille e Dion foram para o lado oposto do corredor. Estiquei o pescoço para observá-lo, ele ainda estava bastante atordoado. Andrew descolou da parede para ir atrás, eu fiz o mesmo, mas ele me parou. — Vá para casa e pense melhor sobre essa relação entre vocês dois. Dion não pensa mais com a cabeça de cima e eu tenho plena certeza de que essa brincadeira de vocês não dará certo, então seja sensata, Ava, e não assine o outro contrato para não arranjar mais problemas pro meu amigo.


Capítulo 19

AVA

Nem esperei chegar no apartamento para desabar em lágrimas. Carl, muito cavalheiro, me ofereceu um lenço no carro, perguntando se estava tudo bem.

Tomei banho quando cheguei em casa para desfazer o penteado e tirar a maquiagem. Depois, deitei na cama para esperar o sono vir, mas eu só conseguia chorar. Chorei porque, no final das contas, eu ajudei a provocar aquela briga mesmo sem intenção e estava realmente considerando a insinuação de Andrew de não assinar o contrato definitivo. Eu não estava pronta para sobreviver em meio a tubarões.

Bruce parecia legal no começo, mas depois se revelou um mentiroso de mão cheia. Aquilo poderia ser reflexo de uma vida vivendo nas sombras do irmão, mas também poderia ser mau-caratismo puro. O sono veio após eu chorar mais algumas vezes, porém a angústia não permitiu que eu dormisse.

No meio da noite, comecei a ouvir passos pelo apartamento. Levantei calmamente para verificar e, assim como eu desconfiava, era Dion. Ele estava sentado no sofá com um copo de uísque na mão. O seu olhar estava tão distante que durante algum tempo nem percebeu a minha presença.

— Me desculpe por acordá-la — falou ao me ver.

— Eu não estava conseguindo dormir mesmo — amenizei. — Você está bem?

Ele deu um gole na bebida, com o olhar fixo no tapete felpudo aos nossos pés.

— Dion, fale comigo. Eu estava preocupada.

Ele não queria falar e eu também não queria ficar insistindo.

— Tudo bem — falei conformada. — Tem algum problema se eu ficar aqui com você?

Os seus olhos me seguiram quando eu me sentei no sofá do outro lado da mesinha de centro.

— Não, aqui. Sente-se aqui comigo — pediu.

Fiz o que ele disse. Sentei ao seu lado, colocando os pés em cima do sofá, absorvendo a magia que era olhar para ele. Os cabelos estavam levemente desalinhados, ele ainda usava a camisa branca do smoking, as pernas abertas abrangiam um bom espaço do sofá. Tentei de tudo para não o tocar, mas falhei miseravelmente. Coloquei minha mão sobre a dele e entrelacei nossos dedos. Ele não falou nada, apenas observou o gesto, ficando pensativo.

— Ava... — se manifestou depois de um tempo, tentando recolher a mão, mas eu não soltei.

— Dion, por favor... Olha pra mim. Me deixe tentar fazer você se sentir melhor. — Ele suspirou forte. — E eu não falo só de sexo, falo de conversas, companheirismo. Nós dois somos péssimos no quesito comunicação e talvez a gente possa mudar isso — minha voz saiu confiante.

Ele finalmente me deu a sua atenção. Dion me analisou com calma e eu não consegui evitar de ter uma carga elétrica passando pelo meu corpo, me esquentando nos lugares certos.

— Me diz o que está pensando.

Raciocinei rápido e decidi dar voz ao que estava na minha mente já há algum tempo.

— Seria como um jogo ou um sistema de trocas. — Dion virou o corpo pra mim e me deu liberdade para continuar falando. — Há coisas sobre mim que você quer saber e eu idem. Pensei que nós pudéssemos ser recompensados por cada pergunta respondida. Por exemplo, eu te pergunto algo pessoal, se você responder e se eu ver que você está sendo sincero, você tem direito a me pedir qualquer coisa.

— Deixa-me ver se entendi. Se eu te perguntar alguma coisa e você responder com sinceridade, você me pede algo, é isso?

— Sim, quem responder pede. Simples.

— Hm, parece interessante — os lábios prepotentes estavam de volta. — Eu começo.

— Não, eu começo — a feição de Dion mudou de convencido para

assustado. — Não se preocupe, pra essa primeira rodada eu vou pegar leve com você — pisquei e ele suavizou a expressão. — Ok, lá vou eu. Por que "Senhor Collins"? — perguntei, jogando os cabelos pra trás.

Uma gargalhada grave tomou o apartamento na escuridão. Fiquei olhando pra ele com cara de boba sem entender nada.

— Qual é o problema? — questionei ofendida.

— Você gastou a sua primeira pergunta em algo muito bobo — ele continuou rindo. — Ava, não há nenhum mistério por trás desse nome. — Deixei meus ombros caírem em desânimo.

— Sério? Pensei que Senhor Collins fosse a sua personalidade *libertina* — nós dois rimos.

— Não. Na verdade, esse é o sobrenome de um personagem em um filme que eu via muito quando criança. Ele era foda em todos os sentidos, me lembro de querer ser como ele quando crescesse.

— Aposto que você ficou ainda melhor — Dion me olhou e depois fitou o chão, balançando o copo em uma de suas mãos. Parecia encabulado.

— Então, fui sincero na resposta?

— É, a resposta não foi a que eu queria ouvir, mas sim. Pode fazer o seu pedido.

— Ótimo! Coloque uma roupa. Nós vamos sair.

Quando eu pensei que ele ia me pedir para tirar a roupa, ele me pediu para colocar. Dion era mesmo um mistério.

Alguns minutos depois, estávamos no McDonald's do bairro vizinho, ele dava mordidas generosas em seu sanduíche – que, por sinal, era o maior do cardápio – enquanto eu me contentava somente com a porção de batatas fritas.

— Você não gosta de *fast food*? — perguntou entre uma mordida e outra.

Nunca poderia imaginar que o pedido dele da nossa brincadeira fosse me levar até uma lanchonete em plena madrugada.

— Ah, eu gosto, sim, mas ao contrário de você, eu jantei.

— Eu também jantei, mas você acha que aquele prato principal sustentaria um cara do meu tamanho? — o senso de humor dele estava perfeito.

— Claro que não — respondi rindo. — Aliás, bom saber que você tem fetiche em comer *fast food* de madrugada. — Dion me olhou intrigado.

— Eu estou tentando pensar em alguma maneira em que você poderia usar isso contra mim.

— Talvez seja para usar a seu favor — deixei no ar.



A minha mão suava pelo contato prolongado com o mármore do balcão da cozinha. Estava apoiada nele enquanto Dion me fazia gozar pela segunda vez seguida.

A noite não poderia terminar diferente.

Ele permaneceu dentro de mim, me pressionando contra o balcão e distribuindo beijos calorosos no meu pescoço suado. Ficamos assim por um bom tempo.

— Bruce disse que você estava caindo na lábia dele.

Suspirei lentamente. Sabia que uma hora ou outra ele tocaria naquele assunto.

— Você confia nele? — perguntei em contra partida.

— Nem um pouco, mas...

— Espere, essa já é a sua pergunta da primeira rodada?

— Pode ser.

— Bem, ele foi atrás de mim duas vezes e em ambas às vezes eu o dispensei, mas ele continuou a falar.

— Seguir ordens não é o forte dele.

— Não consigo entender. Dion, qual é o problema entre voc... — Ele me interrompeu antes de eu concluir.

— Eu sei o que você vai perguntar. Guarde essa para a próxima rodada. Só queria te pedir para ficar longe dele, está bem? — Ele saiu de dentro de mim e eu senti sua falta instantaneamente. — Mas eu gostei do seu jogo, parece promissor — continuou ele, fechando a calça.

Depois de pegar suas coisas, ele foi em direção à porta. Acompanhei-o com vontade de pedir pra ele não ir.

Dion parou do lado de fora e eu encostei na soleira da porta.

— Sinto muito sobre a festa mais cedo. — Ele afundou as mãos nos bolsos da calça. — Eu... não queria que você me visse daquela forma.

— Não precisa se preocupar sobre o que eu penso ou não de você.

— Mesmo assim, eu não deveria ter me comportado daquela forma na sua frente.

Ele foi embora após me deixar um sorriso gracioso. Vi seus passos lentos, quase hesitantes, ao se afastar. Queria gritar pra ele voltar e passar a noite comigo, mas as palavras ficaram presas na garganta.


Capítulo 20

AVA

Acordei com uma sequência de mensagens de Dion.

Bom dia, espero que tenha dormido bem.

Uma foto nossa está em circulação, a mídia está na minha cola.

Esfreguei os olhos para ter certeza de que era aquilo mesmo que estava lendo. Como assim uma foto nossa? Senti um mal-estar tomar todo o meu corpo.

Peço que não faça nenhuma aparição pública hoje enquanto eu resolvo isso. Também vou evitar ir até aí por alguns dias.

Te ligo mais tarde.

Com as mãos trêmulas, eu abri o site de busca no celular e joguei o nome de Dion. Infinitos resultados apareceram. Os mais recentes realmente tinham uma foto nossa, mas não mostrava o meu rosto, apenas nos mostrava em um momento descontraído: Dion sorrindo pra mim e nossas mãos se tocando levemente.

“Quem é a garota misteriosa que fez Dion Volkmann sorrir?”

Era a manchete de um site de fofoca.

Fui rolando a página, pensando em como aquilo deveria pegar mal pra ele, pois Dion se divorciou na semana passada.

— Droga! Eu sabia que não deveria ter ido àquele evento — lamentei.

Por favor, me diz como eu posso ajudar?

Mandei para Dion de volta, querendo fazer algo para ajudá-lo, porém não sabia como. Aparentemente, nem ele, porque não obtive retorno.

“Parece se tratar de uma mulher nova na cidade, uma vez que ninguém nunca ouviu falar dela antes”, dizia a matéria.

Pelo menos o meu rosto não apareceu, imaginei, Se o meu rosto tivesse aparecido e algum cliente me reconhecesse, iria dar um problema muito maior para Dion. Ele ficaria, na melhor das hipóteses, desmoralizado no seu meio de trabalho.



Os dias se passaram, eu e Dion apenas tivemos contato por telefone. Acreditava que ele viria hoje já que era o último dia do contrato de experiência.

A campainha do apartamento tocou, era a primeira vez desde que eu cheguei. Saí para atender, ciente de que era a faxineira que Dion havia contratado para limpar o local.

O meu descontentamento foi instantâneo ao abrir a porta. Meu corpo começou a tremer quando dei de cara com Olga e sua pose imponente habitual. Poderia acontecer um dilúvio ou o apocalipse que ela estaria daquele mesmo jeito, como se nada pudesse derrubá-la.

Belisquei-me para acordar do pesadelo que era estar em sua presença novamente. Minha mente não queria acreditar no que meus olhos viam. Dei alguns passos para trás hipnotizada e sem saber o que fazer.

— Todo mundo ficou se perguntando quem era a acompanhante do magnata Dion Volkmann. Já eu nem precisei ver a sua cara pra saber que era você. Eu reconheceria essa sua anca gorda em qualquer lugar — a voz dela tomou os meus ouvidos, fazendo todo aquele pesadelo se tornar real.

— Como... como você conseguiu me achar aqui? — o meu desespero era perceptível.

— Eu sei seguir rastros como ninguém e você sabe muito bem disso.

Ah, eu sabia mesmo. Olga era uma mulher bem assessorada, ela conseguia tirar informações de qualquer um, utilizando de simpatia e gentileza; perversidade se fosse preciso. Apesar de minhas pernas terem virado purê, literalmente, eu fui até a porta e a escancarei.

— Dê o fora daqui!

— Eu sabia que você iria longe, mas um banqueiro, Ava? — Olga falou impressionada, ignorando o meu pedido.

Ela caminhou em torno da sala, deixando-me ainda mais angustiada. Olga nunca me ouviu, não seria agora que iria ouvir, mesmo assim, eu tinha que tentar.

— Já disse para você sair! — meu tom era mais agressivo, ela sabia bem como tirar a minha estabilidade mental.

— Não, meu amor. Eu não vou sair daqui até conseguir o que eu quero — disse, tirando suas luvas de crochê que eram de uma delicadeza que ela não tinha.

Olhei para o chão, as lágrimas já rolavam pelo meu rosto, mas eu sequer as percebia. Não conseguia sentir nada além de ódio naquele momento. Meu corpo parecia anestesiado para qualquer sentimento bom.

Fechei a porta e me voltei para ela com total aversão. Seria muita ingenuidade minha achar que Olga saiu do outro lado do país por algum motivo que não fosse lucrar nas minhas costas.

— E o que você acha que pode conseguir de mim?

— Eu quero tudo o que você me tirou — sua voz era carregada de rancor. — Quando você fugiu, eu fiquei na miséria. Demorei muito tempo para me reerguer.

— Não é de se espantar, você tinha perdido a sua galinha de ovos de ouro e é incapaz de ganhar dinheiro honestamente — retruquei.

— Se não fosse por minha causa, você não estaria com Dion hoje. Você sabe disso, não sabe?

— Não, Olga, se não fosse por você, hoje eu seria uma pessoa digna — fiz uma pausa, mas o nó na minha garganta pediu que eu falasse mais. — Você tem noção do quanto você destruiu a minha vida? Ao menos sente algum remorso?

Todo o sofrimento que eu havia passado com ela de repente tomou voz. Ali ela não podia me dizer o que eu deveria fazer ou não. Vivi muitos anos mantida sob suas correntes invisíveis e as artimanhas que ela fazia para convencer a minha mente a ser o que ela queria que eu fosse. Eu fui fraca naquela época. Não serei mais.

Pelo menos, esperava não ser.

Ela saiu de trás do sofá e veio na minha direção. Balancei a cabeça quando ela segurou o meu queixo, mas ela segurou forte demais, tornando a minha escapada impossível sem que eu sentisse um bocado de dor.

— Eu não sinto nem um pouco de culpa, sabe por quê? Porque, como você bem disse, você era a minha galinha de ovos de ouro, mas agora você é o mapa do tesouro — seus olhos castanhos brilharam ao falar a última palavra.

Demorei para associar uma coisa com a outra. Meu estômago revirou quando entendi que ela estava se referindo a Dion.

— Você me deve, Ava. Você me deve muito dinheiro.

— Eu não te devo nada! Muito menos ele.

— Mas vai dever. Eu ainda não estipulei o valor da dívida, mas você vai me pagar cada centavo. Acho que essa é a parte que você fala “senão...”.

— Você não tem esse direito — peguei as mãos dela para implorar, talvez adiantasse alguma coisa. — Por favor, só nos deixe em paz.

— Não é uma questão de direito, Ava. É uma questão de justiça. — Ela soltou as minhas mãos como se tivesse desgosto. — Acho bom você já ir pedindo para o seu cliente abrir o bolso, ou melhor, o cofre — deu uma risadinha cínica —, senão o mundo todo vai ficar sabendo que a acompanhante de Dion Volkmann na verdade é uma prostituta. Se para atores famosos e estrelas do rock isso já pega mal, imagine para um homem de negócios.

Sentei no sofá, sentindo a consternação tomando conta da minha mente. De repente, era como se eu tivesse doze anos de novo; uma garotinha desnorteada pela falta de opções.

Daquela forma minhas suspeitas se concretizaram. Olga não me procuraria se não fosse para lucrar às minhas custas.


Capítulo 21

AVA

Saí do banheiro quando escutei a porta do apartamento abrir. Havia feito uma maquiagem leve apenas para esconder o meu rosto inchado pelo choro de mais cedo. Olga já tinha ido embora, prometendo que iria voltar para conseguir o que queria.

Forcei um sorriso e atravessei o quarto em direção à cozinha, onde Dion estava.

— Senhor Collins — observei-o abrir a geladeira e tirar uma cerveja de lá.

— Ei, está tudo bem? — Ele mudou a expressão quando me viu, largando a garrafa de lado. — Você parece... diferente.

Fui até ele e agarrei seu pescoço, trazendo-o pra mais perto. Precisava sentir o seu cheiro. Distribuí beijos audaciosos ali enquanto desfazia o nó da gravata. Logo, abri os botões da camisa branca do terno.

Fitei Dion que estava com seus olhos azuis obscuros repletos de confusão e desejo. Eu tive mais vontade de fazer o que eu iria fazer. Ficamos dias sem nos ver, queria mostrar o quanto havia sentido a sua falta.

Peguei a mão dele e o puxei atrás de mim, guiando-o para o quarto. Ele não conseguiu se conter e apanhou meus seios por cima da camisola de tecido fino, acariciando para cima e para baixo.

— Deus, Ava! O que você quer? — perguntou quando chegamos ao pé da cama.

— Eu quero você, senhor Collins. Agora — minha voz de pidona reverberou nele.

Dion passou a mão no meu bumbum sem nenhuma pressa, mas com uma vontade incontrolável. Depois, puxou a calcinha como se ela fosse um obstáculo pífio para o seu objetivo, a camisola permaneceu no meu corpo, contornando as minhas curvas da forma mais sensual possível. Então, ele me pôs de quatro na cama e eu deitei a minha cabeça sobre os meus braços. Escutei a fivela do cinto dele balançando atrás de mim, não precisava ver para saber que suas mãos trabalhavam agilmente para retirar o resto de sua

roupa.

Dion correu os dedos pela a minha abertura molhada e eu não evitei de balançar meu corpo no ritmo de sua mão.

— Eu fico duro só de imaginar você aqui, toda molhadinha me esperando. — Percebi o peso dele mais próximo. — Como você quer isso, Ava?

O ritmo de sua respiração demonstrava o quanto ele também havia aguardado para me ter novamente.

— Forte e rápido — respondi sem hesitar.

— É o meu jeito favorito também.

Soltei um gritinho quando ele puxou o meu cabelo de leve, me penetrando. Ainda não havia me acostumado totalmente com o seu tamanho.

— Tudo bem, vamos começar devagar...

Dion iniciou um ritmo torturante, mas eu precisava gozar desesperadamente após a visita repugnante de Olga horas antes.

— Mais rápido — sussurrei como uma gatinha no cio.

— Calma... — pediu, encontrando o nosso ritmo aos poucos.

Ele segurou a minha cintura com mais firmeza, enterrando os dedos na minha pele sensível. Os movimentos dele ficaram mais intensos gradativamente. Forcei-me a levantar mais o bumbum e ele prendeu os meus braços para trás com o intuito de ir mais fundo. Eu não ligava se parecíamos dois animais irracionais que só pensavam em praticar o pecado da carne. Ali, naquela cama, podíamos ser o quiséssemos sem nos preocupar com o julgamento alheio.

— Você quer me enlouquecer, Ava? — a pergunta de Dion soou mais como uma afirmação pra si mesmo. Ainda assim, não quis deixá-lo sem resposta.

— Não, você já está louco por mim — minha voz saiu por um fio enquanto o meu corpo explodia do mais genuíno prazer.

Com Dion ainda deitado, eu me agarrei a ele como se ele fosse a minha

última esperança e fui marcando o seu peito com meus beijos vermelhos de batom. Ele ensaiava um cochilo com a aparência tranquila ao mesmo tempo que passava suas mãos suavemente pelas minhas costas, abaixo da malha fina da camisola. Por um bom tempo, eu fiquei apenas o tocando, sentindo-o e beijando o seu corpo. Não demorou muito para que o nosso desejo viesse à tona novamente, até o ponto que as carícias tornaram-se insuficientes.

Alisei o pau dele e o posicionei abaixo de mim. No momento em que fiz isso, ele se sentou e eu enrosquei minhas pernas em torno dele, cruzando meus braços em seu pescoço. Dion abraçou minha cintura, me trazendo para mais perto. Cavalguei-o lentamente; minha intenção era aproveitar o máximo que podia aquele momento.

Toquei Dion no rosto, fazendo-o estremecer, mas ele não reclamou. Contornei a sua fisionomia perfeita, os seus olhos impenetráveis, seus lábios prepotentes. Tinha certeza de que ele entendia muito bem o que eu queria dizer com aquilo tudo, mas não me deu um sinal verde e eu não iria ultrapassar seus limites, pelo menos não agora.

O contato visual era intenso; não dissemos nada. O momento não era de falar e, sim, de apreciar. Sentir meu corpo unido ao dele da maneira mais primitiva, ser preenchida de forma suave pelo homem que fazia o meu corpo agir por contra própria.

Momentos depois, Dion tirou a camisola pela minha cabeça e analisou os meus seios, conferindo a forma e a textura e, depois, os envolveu com suas mãos. Ele me venerava, venerava meu corpo, a maneira como eu me mexia. Era um favor para a autoestima transar com aquele homem.

Mudei o ritmo conforme bem entendia, às vezes mais rápido, às vezes lento, porém mergulhando em um mar de prazer que só acabaria quando eu quisesse.



Voltei do banheiro, encontrando Dion ainda preguiçoso na cama.

— Você é linda *pra caralho!* — disse em tom de humor ao me ver

passear nua.

Desde a noite da festa, ele falava o que bem queria sem pensar duas vezes.

— São seus olhos — retruquei fazendo charme.

— Falando sério, eu não soube nem como reagir quando te vi na festa. — Ele me puxou quando eu cheguei mais perto da cama, a meia luz do quarto escondeu o meu rosto corando. — Mas...

Dion contornou a minha cintura, me deixando de costas contra o peito dele.

— Mas o quê?

— Você está diferente hoje. Quer me contar o que está acontecendo? — o tom de voz dele se tornou mais sério. Meu coração começou a pular dentro do peito.

— Eu não estou diferente, por que estaria?

— É o que eu quero saber. Me diz, qual é o problema? — Olhei pra ele, depois abaixei os olhos. — Essa é a minha pergunta de segunda rodada. — Mergulhei meu rosto nas mãos, totalmente derrotada.

Não, isso não...

— Não tem nada de errado, Dion — menti com o coração em frangalhos.

— Tem, sim, Ava. Você que não quer me contar. É sobre o contrato? Você não vai aceitar, é isso? Se for a questão da nossa foto na internet, já está tudo resolvido. — Ele tirou uma mecha de cabelo do meu rosto. — Me diz — pediu, depositando um beijo terno na minha cabeça.

Agora era eu quem estava sem reação. Não estava nem um pouco acostumada com aquele tipo de demonstração de carinho, ainda mais por parte dele.

— Não é nada — dei minha palavra final.

— Hum, certo. — Ele se levantou, me dando uma bela visão do seu traseiro. — Não vai ter recompensa pra você essa rodada. Uma pena...

Entristeci-me por não ser honesta com ele. Àquela altura, eu ainda não sabia o que faria sobre Olga. Não tive tempo hábil para pensar sobre o que a ameaça dela implicava. Se eu contasse a Dion o que estava acontecendo, provavelmente ele cederia à chantagem dela e eu não queria deixar aquilo acontecer.

Deitei de barriga pra cima na cama, observando Dion se arrumar para ir embora novamente. Refleti sobre se um dia seria diferente, sobre um dia em que ele não precisasse ir.


Capítulo 22

AVA

Outro dia nasceu e eu ainda não havia decidido sobre o contrato. Dion precisaria de uma resposta hoje, provavelmente na hora do almoço. Eu também não havia decidido sobre Olga. Uma questão interferia na outra. Se eu não aceitasse o contrato, provavelmente Olga desistiria de me chantagear ou, na pior das hipóteses, ela chantagearia Dion.

Droga, aquilo era a cara dela.

O pior de tudo seria perder Dion, uma vez que ele não ficaria comigo se não tivesse exclusividade. Ele era possessivo demais para deixar eu me dividir com outros clientes. Eu não podia falar por ele, mas, falando por mim, eu não estava disposta a perdê-lo.

Se eu aceitasse o contrato, seria como quebrar a corrente de manipulação que Olga exercia sobre mim, explicitando que ela não podia mais me controlar. Com Dion, eu vivia um momento em que eu fazia as minhas próprias escolhas exatamente por terem sido me apresentadas opções. Com Olga, nunca havia opções. No entanto, eu teria que pagá-la, senão, como ela bem disse, iria expor o meu relacionamento secreto com o dono da instituição bancária mais bem-sucedida do continente.

Tudo aquilo porque eu ainda levava as coisas de forma otimista. Afinal, Olga era problema meu. Seria muita falta de caráter empurrá-la para Dion como um presente de grego. Cheguei a imaginar a reação dele na minha cabeça: "Eu te contratei pra me dar sexo e não problemas".

A última coisa que eu queria era prejudicar mais pessoas, mas infelizmente não conseguia ver outra saída senão envolver Dion nisso.

Organizando as coisas na minha mente, decidi aceitar o contrato e contar sobre Olga para Dion de forma sucinta, sem citar nomes e os meus piores dias antes de chegar a São Francisco. Contaria sobre a chantagem de acordo com a sua resposta e, caso ele estivesse disposto a ajudar, talvez encontrasse uma solução para nos livrar dela.

Dion chegou no apartamento e me olhou. Eu consegui ver um sorriso contido atravessar seu rosto.

— Bom saber que não tenho que ir te buscar em Tenderloin. — Sorri

toda boba.

— Então... eu decidi que iria permanecer um pouco mais no bairro dos ricaços — respondi, aceitando a atmosfera de humor que ele trazia.

Ele entrou mais e deixou as sacolas em cima da mesa da cozinha. Pelo formato da embalagem, hoje iremos de comida japonesa.

Antes do almoço, ele me levou para o seu escritório. Eu assinei o contrato e ele também. O prazo determinado era de seis meses. Durante aproximadamente cento e oitenta dias, eu seria só dele. E eu não podia estar mais feliz com isso.



— Você morava aqui antes de decidir que eu viria pra cá? — perguntei, já na bancada da cozinha.

Aquela era uma dúvida que martelava na minha cabeça.

— Segunda rodada? — Assenti com a cabeça. — Você está pegando leve nas perguntas. Eu não vou mais amenizar pra você.

— Ah, é? Bom saber. — Fiz careta enquanto pegava outro *hossomaki,* quase deixando-o cair. Comer com aqueles palitinhos japoneses não era a minha especialidade.

— Respondendo a sua pergunta, eu não sei se posso falar que eu morava aqui antes de te trazer pra cá. Eu vivia com a minha ex-esposa, mas mantinha esse apartamento para me afastar. É complicado duas pessoas ficarem na mesma casa sem ao menos se suportar. — Olhei pra ele durante todo o momento, se ele estivesse mentindo, era definitivamente um ótimo ator.

— O que aquela mulher tem para não querer lutar por você? — pensei comigo mesma.

— O que você disse? — Dion cerrou os olhos e eu percebi que falei o pensamento em voz alta.

Olhei para a comida, sentindo meu rosto em chamas.

— Perguntei se você está morando com a sua mãe agora — respondi sem graça, quase me engasgando com o arroz.

Estava claro que Dion sabia que não foi aquilo que eu disse e eu só piorei a situação. Ele tombou o rosto e me analisou, depois meneou a cabeça e soltou um risinho brincalhão.

— Agora eu moro sozinho. — Peguei mais um bolinho de arroz e o afoguei no molho escuro – que eu não lembrava o nome – e o joguei na boca. — Olha pra mim. — Fiquei paralisada, me perguntando o que eu estava fazendo de errado agora. Dion tirou um guardanapo da sacola e o passou suavemente pelo canto da minha boca. — Olha isso, você está toda lambuzada de molho shoyu — ele falou, como se estivesse cuidando de uma criança travessa.

Cerrei os olhos pra ele um pouco irritada.

— E você acha que a sua boca não está suja? — perguntei, me divertindo com a cara dele realmente achando que estava lambuzado também. — Eu estou brincando. — Dion fechou a cara, parecia não acreditar em mim.

Que homem desconfiado, meu Deus!

Peguei o guardanapo da mão dele e passei no entorno de sua boca. *Esses lábios, Cristo! Esses lábios.* Limpei os cantinhos e mostrei o guardanapo limpo, mas ele parecia não se importar. Com o olhar fixo na minha boca, ele tornou a tocar o meu rosto, acariciando suavemente. Aquilo me pareceu um pedido ou uma permissão. Sendo assim, eu me aproximei ainda mais dele, mantendo nosso contato visual, observando se ele queria mudar de ideia. Lágrimas quase vieram aos meus olhos quando percebi que ele queria aquilo tanto quanto eu.

Estar prestes a sentir o gosto de seus lábios prepotentes era como um lembrete de que a coisa toda estava ficando mais séria do que deveria.

No meio daquele vendaval de emoções, a imagem de Olga me veio à cabeça e, consequentemente, as coisas que eu deveria conversar com ele também.

— Eu... — fechei meus olhos, sofrendo por quebrar aquele clima — preciso te contar sobre uma pessoa.

Um suspiro saiu dele instantaneamente.

— Tudo bem, eu já esperava por isso — assentiu.

Olhei para ele, tentando detectar algum tipo de controvérsia, mas, muito pelo contrário, tinha conforto e paciência. Estava tudo ali. Era o momento perfeito... até a campainha do apartamento soar. Por um instante, fiquei aliviada de poder ter mais algum tempo para me preparar.

— Eu vou atender — Dion falou, levantando-se rapidamente e indo em direção à porta, pisando duro.

Enquanto ele não estava, fiquei formando frases na minha cabeça, tentando achar a melhor forma de contar aquilo sem parecer que eu era uma aproveitadora.

— Ava? — escutei Dion me chamando momentos depois. — É pra você.

Surgi na sala e uma onda de medo passou pelo meu corpo quando vi Dion olhando para a mulher loira de meia idade com estranheza.

Era Olga.

Por Deus, o que ela está fazendo aqui?

Pensei em fingir que não a conhecia, no entanto ela passou pela porta, vindo em minha direção antes de me abraçar. Senti-me sufocada por uma cobra cascavel prestes a dar o bote.

Parado próximo à porta, Dion ainda me olhava como se me pedisse uma explicação. Afinal, ninguém podia saber onde eu estava morando.

— Querida, é tão bom reencontrá-la. — Naquele momento, Olga começou a fazer um teatrinho nojento pra Dion. — Não vai me apresentar para o seu namorado, filha? — Ao ouvir "filha", ele cruzou os braços e, com cara de quem mataria alguém com as próprias mãos, veio até mim.

— Mãe? Eu pensei que você fosse órfã, Ava.

A forma como ele me olhou me deu calafrios, não do tipo bom.

— E ela é, mas eu fui a escolhida para cuidar desse pequeno anjo quando os pais dela morreram — sua voz era visivelmente falsa. Olhei para Olga sem demonstrar nenhum tipo de afeição. Talvez Dion matasse a charada por si só.

— Você não é da cidade, é?

— Não, eu não sou. Meu nome é Olga. Você ainda não falou de mim pra ele, meu amor? — Cutucou-me de forma irritante.

— Não, eu não falei e você sabe muito bem que ele não é meu namorado.

Dion observou a minha reação, depois se afastou por alguns instantes, tirando o celular do bolso. Ele caminhou de um lado para o outro enquanto aguardava ser atendido, parecia impaciente.

— *Stacy, eu preciso que você cancele a minha reunião das duas horas. Não, eu não sei quando eu volto* — desligou e guardou o celular.

Eu o vi voltando para a sala, com uma expressão brava e decepcionada. Olga estava sentada no sofá, mexendo nas unhas distraidamente, como se esperasse a empregada trazer uma xícara de café. Já eu, encolhi-me como se aguardasse a forca.

— Sente-se aí, Ava — ele pediu com firmeza.

— Dion, por favor, me escute... — tentei falar algo, nem sabia o que dizer. Provavelmente eu perguntaria por que ele parecia tão zangado comigo.

Sentei ao lado de Olga quando percebi que ele não iria ceder. Dion sentou-se na mesinha bem na nossa frente.

Observei, com temor, ele passar as mãos pelo rosto e depois juntá-las em frente a seu corpo curvado.

— Essa é a hora em que vocês duas me explicam que *merda* está acontecendo aqui.


Capítulo 23

AVA

— Por que você acha que está acontecendo alguma coisa, senhor Volkmann? — Olga questionou, como se não entendesse o motivo dele falar aquilo. — Eu sou apenas uma mãe vindo visitar a filha.

Dion não deu atenção para o que ela disse. Seus olhos permaneciam em mim, mas não consegui encará-lo.

Meu sangue fervia de raiva e arrependimento de não ter contado para ele a minha versão antes, mas uma pessoa não colocava um dedo na própria ferida sem ter medo de sentir dor. E eu tive medo de toda a amargura que a presença de Olga trazia. Nunca seria só uma chantagem, ela daria um jeito de se enraizar entre nós até conseguir o poder e o status que ela tanto almejava, semeando dor pelo caminho.

Se antes eu não sabia como lidar com Olga, agora parecia um caso perdido.

— Eu pensei ter deixado bem claro no contrato que esse endereço não deveria ser informado para ninguém, Ava — a fala fria de Dion me fez fitá-lo de relance.

— Contrato? — a voz de Olga soou estridente. A mulher se inquietou como uma hiena diante de uma presa fácil.

— Eu não falei esse endereço pra ela, nem pra ninguém — defendi-me.

— Então como a senhora chegou aqui? Como conseguiu entrar? — ele perguntou, se virando para Olga.

Virei para ela também, queria saber como conseguiu me achar.

— Não precisa brigar com ela, está bem? — pediu, acariciando uma mecha do meu cabelo, me deixando enojada. — Ava fugiu de mim. Há anos eu não a via. Então contratei algumas pessoas para encontrá-la e cheguei nesse prédio. Aliás, o porteiro de vocês entendeu muito bem a minha situação quando disse que eu era a sua sogra.

— O quê? — a voz dele subiu algumas oitavas acima. — Acho que eu não entendi. Você disse o que para o porteiro?

Ai meu Deus, ela vai estragar tudo...

— Sim, eu disse: “Você não vai querer barrar a sogra de Dion Volkmann, vai?”, mas pedi pra ele guardar segredo — piscou.

Dion me olhou com suas órbitas azuis em chamas, muito provavelmente montando um cenário em sua mente que não refletia a realidade.

— Espere, você não pode dar ouvidos a ela, Dion. — Precisava deixá-lo ciente de que Olga era muito boa no quesito persuasão e seu poder de convencimento era algo assustador.

Dion gesticulou na minha direção, dispensando qualquer tentativa minha de fazer algo para amenizar aquela bagunça.

— Você disse que Ava fugiu de você. E por qual motivo ela fugiria? — Dion ergueu uma sobrancelha, desconfiado.

— Ah, Ava sempre sonhou alto, sempre foi ambiciosa. Eu nunca consegui dar o que ela queria, então ela deu um jeito de conseguir as coisas por conta própria.

Que papo é esse?

— Chega de mentiras, Olga! Diga logo o que você está fazendo aqui! — gritei, com a minha taxa de indignação já esgotada.

— Concordo, chega de papo furado. Eu já percebi que você não veio conferir o bem-estar da Ava. Diz logo o que você quer e resolveremos isso — Dion disse com urgência na voz.

— Pode parecer que não, mas eu vim aqui pra saber da minha filha, sim. — A cada vez que ela me chamava de filha, o meu estômago dava uma cambalhota e me vinha uma ânsia de vômito instantânea. — Foram quatro anos sem que eu tivesse uma notícia dela. Sequer sabia se ela estava viva ou morta — Olga tornou a tentar se fazer de boa mãe.

Fechei os olhos, percebendo que, se eu deixasse Olga dizer o que quisesse, ela iria envolver Dion. Aquela mulher sabia exatamente as armas que tinha em mãos.

— Ela quer dinheiro — disse para cortá-la. — Seu dinheiro — olhei

diretamente para Dion, percebendo a sua expressão de desgosto, como se já esperasse por aquilo.

Ele balançou a cabeça algumas vezes e contraiu a boca em sinal de repúdio. Eu nunca esqueceria aquela cena.

Não pude permanecer mais nem um minuto perto dele, sabendo que estava lhe contaminando com toda a sujeira em que Olga me colocou. Voltei para a cozinha, pegando um copo d'água, mas não consegui beber. O nó na minha garganta estava sufocante demais com a força que eu fazia para não soltar um grito de raiva.

— *Quanto você quer?* — ouvi a voz de Dion na sala depois de um longo silêncio.

— *Esse valor aqui.* — Até consegui imaginar Olga deslizando um papel sobre a mesa pra ele com uma quantia.

— *Qual a garantia que eu tenho de que você nunca mais vai aparecer? Ou que você não vai sair contando para todo mundo a relação que eu tinha com a sua filha?*

Tinha?

Uma imagem veio à tona. Olga me levando, obrigada, de volta a Massachusetts. Eu me vestindo feito uma bonequinha de luxo enquanto ela me servia, literalmente, para os homens ricos da cidade, como se eu fosse um fresco e suculento pedaço de carne.

Meu coração pulou dentro do peito enquanto eu sufocava o choro.

— *Não tenho como garantir isso. Você vai precisar confiar em mim* — Olga respondeu com sua voz mais séria, como se estivesse prestes a fechar um negócio.

Sentei no chão frio da cozinha com as mãos nos ouvidos para não conseguir ouvir a chantagem ocorrendo na sala. Ela o tinha onde queria. Dion não arriscaria sujar a sua reputação por minha causa.

As lágrimas caíam sem parar, molhando todo o meu rosto. Não sabia ao certo quanto tempo se passou, até eu perceber os sapatos de Dion parados no limite da porta da cozinha.

Enxuguei o rosto e me levantei, indo em sua direção.

— Dion, olha pra mim. Você não está achando que eu tive alguma coisa a ver com isso, está?

Ele ficou com o rosto abaixado, nem reagiu ao meu toque, depois me olhou brevemente e voltou a vista para o chão.

— Eu... — ele tentou me olhar de novo sem sucesso. — Desculpe, eu não consigo sequer olhar pra você agora.

Fiquei petrificada, observando os passos apressados dele para me deixar, logo escutei a porta da sala se abrindo e se fechando com um estrondo. Tampei a boca com as mãos e soltei um grito abafado.



Dion não precisou dizer que achava que eu tinha tramado junto com Olga para tirar dinheiro dele, ele havia demonstrado aquilo.

Esperei que ele voltasse à noite para que eu me explicasse, mas Dion não voltou. Aquilo bastou para que eu sentisse uma nuvem de pessimismo pairando sobre mim.

Após muito refletir, eu senti a necessidade de deixar tudo pra trás e ir ao lugar onde tudo começou. O apartamento de Dion era confortável e elegante, mas não era meu. Não ajudava que eu estivesse no apartamento de alguém que disse que não conseguia nem me olhar nos olhos.

Saí de lá levando no bolso o que eu tinha de mais precioso e parti direto para Tenderloin. Recusei o motorista e fui de ônibus, atravessando as ruas da cidade.

As lágrimas retornaram ao meu rosto quando eu percebi como era bom estar de volta a minha casa. Pensei por um instante em como eu me tornara aquela mulher sensível demais, que chorava por qualquer coisa. Eu definitivamente era mais forte que aquilo tudo.

O lugar parecia horrível e sujo em contraste com o apartamento de

Dion, no entanto era assim que eu me sentia: horrível e suja. Jamais pensei que sentiria falta das infiltrações e do odor de desinfetante de rodoviária que emanava do banheiro. Dion havia se comprometido a continuar pagando o aluguel para que eu não ficasse desamparada caso não aceitasse o contrato.

Sentei no carpete surrado aos pés do sofá. A noite estava fria. Não me preocupei em pegar um cobertor ou uma roupa mais quente, pensando que eu merecia sentir frio. Achava-me a rainha do drama por ter aquelas ideias autopunitivas.

A questão era que Dion não deveria pagar uma chantagem por minha culpa. Não diretamente minha culpa, mas, se Olga não me conhecesse, não teria como ela chantageá-lo. Ou eu deveria ter contado o meu lado antes. Pelo menos, ele não acharia que eu estava de conluio com Olga.

Ignorei os roncos da minha barriga. Eu não havia comido mais nada durante o resto do dia, tudo o que consegui fazer foi chorar. Deitei a cabeça sobre os braços, sentindo mais lágrimas deixarem uma trilha quente no meu rosto. Eu me sentia perdida no escuro, sem conseguir ver uma luz no fim do túnel.

Eu queria ter coragem para ir correndo atrás de Dion e me explicar, mas o meu medo era de que ele não quisesse me ouvir e me entregasse a rescisão de contrato junto com sua caneta tinteiro especial, pedindo para eu assinar. Não sabia se suportaria. Eu não suportava nem pensar naquela possibilidade.

Tirei a foto dos meus pais do bolso e fiquei olhando por minutos. Eles eram a minha preciosidade, mesmo que tivessem partido e me deixado neste mundo para sobreviver sozinha.

— Por que fizeram isso comigo? Por que não me levaram junto com vocês?

Aguardei por uma resposta, como se eles estivessem sentados no sofá observando o meu sofrimento.

— Por favor, mãe... Me diz o que eu faço agora?

Me diz.

Repeti aquilo como um mantra até a minha mente se perder no sono.



Acordei na superfície macia da minha cama. Precisei de alguns minutos para entender o que houve e o que eu estava fazendo em Tenderloin. Desci a coberta até minhas pernas, me sentindo confusa. Não me lembrava de ter pego um cobertor ou de ter vindo pra cama.

— Você gosta mesmo de fugir, não é? — a voz de Dion ressoou da porta e eu tornei a subir a coberta para me esconder, pensando no que diabos estava acontecendo ali. Escutei ele colocar uma sacola na mesinha de cabeceira. Julguei que eram pretzels, pelo cheiro de canela. — Levanta para tomar café. Seu estômago roncou a madrugada inteira, parecia um trator.

— Eu não quero falar com você — comecei quando o sentimento de humilhação tomou conta de mim. *É agora que ele fala que vai quebrar o contrato?* Abaixei o cobertor novamente para olhá-lo. — Aliás, como você entrou
aqui?

— Um homem chamado Juan me deu a cópia da chave quando eu disse que estava preocupado com você.

Ele abriu a sacola e me deu um copo de chá com tampa. De alguma forma, ele sabia que eu não gostava de café. Depois abriu uma caixa de pretzel ainda quentinho e colocou no meu colo. O cheiro estava delicioso e a minha barriga começou a roncar sem cessar, criando um momento constrangedor.

— Por favor, faça parar — implorou em um tom de voz engraçado.

Peguei um pedaço de pretzel e o levei à boca. Depois de saboreá-lo, eu me voltei para Dion.

— Você me odeia, por que está fazendo isso?

Observei-o sentar aos meus pés com uma expressão fatigada.

— Claro que eu não te odeio, Ava, mas ontem eu fiquei bastante confuso com aquela mulher dizendo ser sua mãe e me cobrando dinheiro para não dizer aos tabloides sobre nossa relação.

Então ainda tínhamos uma relação? Evitei me animar.

— Ela não é minha mãe! — falei com a boca cheia. — E eu não achei que deveria te contar sobre ela. Olga é problema meu.

— Me explique melhor.

Olhei para Dion apreensiva, eu definitivamente não estava em bom estado psicológico para conversar sobre aquele assunto apesar de saber que eu lhe devia explicações.

— Ava, eu não sei o que está acontecendo e eu preciso saber para me preparar para o que ela pode ou não fazer — a voz dele estava tão suave, talvez tenha caído na real e percebido que eu não tive nada a ver com a chantagem de Olga.

— Eu não quero falar sobre isso agora — implorei com as lágrimas brotando sorrateiramente.

— Acho que você não está entendendo, nós não podemos deixá-la sair ganhando.

— Eu também não quero isso, Dion, mas, por favor, só me dê um tempo.

— O que ela fez com você, Ava? — Ele captou meu olhar com ternura, talvez uma ponta de pena. — Eu só quero entender.

— Isso não importa mais — minimizei, dando de ombros.

— Importa pra mim.

Senti seu dedão roçar levemente a minha mão.

Segurei a minha vontade crescente de chorar, daquela vez por um motivo bom. A impressão que eu tinha era de que Dion estava se esforçando para me entender apesar de eu não dar a ele motivos para aquilo.

O assunto "Olga" consistia em uma ferida profunda que doía até hoje. Eu estava prestes a arrancar o *band-aid* e não faria aquilo por mim, faria para

mostrar que eu era digna da confiança de Dion. Tudo o que eu queria era que ele tivesse mais um pouco de paciência.

Sem dizer nada, eu deixei o lanche de lado, engatinhei pela cama e o abracei. Suas mãos não demoraram para me envolver.

— Confie em mim — sussurrei em seu ouvido, esperando do fundo do coração que ele confiasse.


Capítulo 24

DION

Depois de alguns dias convivendo com uma tensão estranha, as coisas voltaram ao normal entre Ava e eu. Começamos a passar mais tempo juntos, ela vinha comigo para o escritório de dois em dois dias e ninguém poderia desconfiar de nada já que ela era oficialmente minha assistente pessoal e eu havia especificado que ela trabalharia à distância a maior parte do tempo, controlando os meus afazeres fora da empresa.

Ensinei a ela algumas funções de secretária, a organizar arquivos e outras coisas básicas. Percebendo a sua inteligência e dinâmica, peguei no pé dela durante semanas para que ela voltasse aos estudos, fizesse uma boa faculdade e conseguisse a independência com a qual ela tanto sonhava. Ava ainda era muito jovem e desejava vencer na vida. Eu não tinha a menor dúvida de que iria vê-la conseguir atingir seus objetivos.

Conversávamos mais. O jogo que ela havia inventado foi muito importante para conhecermos melhor um ao outro. Sem aquela brincadeira, eu jamais saberia que a família de Ava era minúscula. Ela não tinha tios, os avós já estavam mortos, sem primos. Ela estava literalmente sozinha no mundo e fugindo da pessoa que teve a sua guarda por anos.

Por milhares de vezes eu quis dizer a ela que não estava sozinha, ainda tinha a mim. O nosso contrato, apesar de parecer algo pervertido, envolvia suporte e proteção. Ava tinha medo e eu não podia ajudá-la por sequer saber do que ela tinha medo, pelo menos na teoria, pois na prática eu ignorei aquela parte.

A presença de Olga ainda era constante. Cada vez que ela aparecia no meu escritório, a minha conta bancária ficava menor. Ela era articulada, sabia bem o que estava fazendo. Poderia jurar que eu não era a primeira pessoa que ela chantageava.

Ava ainda não abriu o jogo comigo. Tinha uma breve ideia do motivo que a levou a fugir da mãe adotiva, porém não queria pressioná-la e ao mesmo tempo pedia aos céus para que não fosse o que eu estava pensando.

Saber que ela escondia coisas de mim não me irritava, na verdade eu tinha pânico em saber que ela sofreu gravemente nas mãos daquela mulher,

porém não podia tomar decisões precipitadas, muito menos tomar as decisões por ela.

Eu prometi confiar em Ava. Só esperava que ela fizesse o mesmo por mim quando a hora chegasse. Se ela poderia ser uma caixinha de segredos obscuros, eu também tinha a minha parcela de mistérios.

Mesmo assim, eu mantinha em sigilo a investigação que solicitei contra Olga com ajuda de um amigo que trabalhava no FBI. Nenhum aspecto sobre o caso era bom. Havia informações demais, que no final não chegavam a lugar nenhum. Eu torcia para que nada naquele caso fosse verdade, mas, se estivesse certo, poderia ser o estopim para desmontar uma grande rede criminosa que deixaria até o americano mais imoral enojado.

Antes de tudo, eu precisava de um aval de Ava, precisava saber o que ela sabia sobre as atividades ilícitas de Olga, ainda que eu não quisesse envolvê-la ainda mais naquilo. A minha vontade era de construir uma redoma ao seu redor para protegê-la de todo o mal do mundo; o meu receio era de que ela já tivesse sofrido todo aquele mal.

— Eu não sabia que donos de banco eram tão populares. — Observei Ava com a revista Times da qual eu fui capa nas mãos.

Ela estava exatamente onde eu queria que estivesse. Sentada no sofá do escritório com as pernas maliciosamente cruzadas enquanto fingia tédio. Só aquilo me fazia parecer um cachorro de rua olhando a máquina de frango giratória.

— Apenas os melhores são — notei ela abaixar a revista, revelando seus olhos cerrados. Apostaria que estava me achando esnobe.

— Quando é o seu aniversário? Você precisa de uma sandália da humildade urgente. — *Sandália da humildade? Que porra é essa?* — Não sabe o que é isso, né? Pois é, você precisa mesmo de uma.

Segurei uma risada irônica olhando no meu relógio, estava quase na hora de irmos. Os funcionários da recepção foram dispensados mais cedo depois de eu avisá-los que não precisava mais deles por hoje.

Fechei a planilha de seguros que eu analisava e fui na direção de Ava.

— Sabe que horas são? — perguntei, percebendo ela descruzar e cruzar as pernas, subindo um pouco a saia descaradamente, permitindo-me apreciar suas coxas envoltas em uma meia-calça sensual.

— Hora de dar atenção para a sua assistente?

— Tão perspicaz, não é à toa que você é minha... — abaixei para dizer no ouvido dela — assistente.

Ela sorriu, umedecendo os lábios, e eu observei o seu rosto enrubescer instantaneamente. As mãos dela agarraram ferozmente o cinto da minha calça, mas eu disse que não. Seus olhos pendiam mais para o verde do que para o castanho e brilhavam de expectativa.

— Você está pronta? — perguntei, olhando-a nos olhos.

— Estou, você está? — Assenti.

Ava se levantou e retirou o meu paletó como se soubesse o que estava fazendo.

— Aquela sua funcionária ruiva ainda está aqui?

— Não, mandei todos embora. Por quê?

— Acho que ela não gosta de mim.

— Stacy não gosta de ninguém, provavelmente nem de mim.

Ela relaxou o corpo, depois me empurrou para o sofá.

— Consegue esperar mais um minutinho? — questionou esbanjando persuasão.

— Só mais um minuto, senhorita Banks. Não me deixe esperando mais que isso — respondi desapontado, sabendo que teria que esperar mais um pouco para a nossa brincadeira começar.

Ava saiu do meu campo de visão e foi em direção ao bar, aonde eu levava os meus sócios mais importantes depois de uma reunião para relaxar.

Antes do prazo solicitado, ela voltou com um copo de uísque na mão.

— Agora, sim, você está pronto! — comemorou depois de me dar a bebida.

Foi impossível esconder um sorriso de satisfação.

— O que está esperando? — perguntei, levantando uma sobrancelha.

A mulher à minha frente parecia desorientada.

— É que... é a minha primeira vez. — Cerrei os olhos e a analisei.

Eu conhecia aquela cara, ela estava atuando.

— Como isso é possível? — Ela ergueu os ombros de forma engraçada. — Está jogando comigo, não está?

Portando um sorriso arteiro, Ava tirou o celular da bolsa em cima do sofá e colocou para tocar uma música do Eric Clapton, a mais perfeita possível para a ocasião.

Dei um gole no uísque sem tirá-la da minha mira. Pude perceber ela se balançando conforme a batida da música e começar a desabotoar alguns botões de sua blusa, sempre com as feições de uma virgem puritana, mas com ações de uma deusa do sexo.

— Eu só estou tentando me justificar antes que você veja que eu sou um desastre nisso — comentou antes de se aproximar e jogar a blusa na minha cara.

Peguei a peça e a cheirei por alguns segundos, sabendo que, sim, aquela mulher estava jogando comigo e ela não jogava para perder.

Ela passou a mão pelo próprio corpo de forma provocadora até alcançar o zíper da saia. Ava me olhou de soslaio e se virou para tirar a peça com pura sensualidade. Dei mais um gole no uísque, pensando que talvez eu não conseguiria esperar ela tirar a roupa toda para atacar.

As roupas dela iam para o chão uma por uma, enquanto balançava o traseiro, me deixando hipnotizado. Pouco depois, ela se virou pra mim e eu tive que afrouxar a minha gravata.

Santa Mãe de Deus!

Quase soltei em voz alta quando me deparei com Ava vestida apenas com lingerie e cinta-liga. Ela chegou ainda mais perto e colocou um pé no meio das minhas pernas para retirar a meia-calça vagarosamente.

— Tá vendo? Eu não sou boa nisso, senhor Collins — comentou, fazendo um biquinho e me olhando bem de perto.

Mordi o lábio quando um pensamento torto cruzou a minha mente. Eu nunca imaginei que pensaria naquilo. Ava estava merecendo uma surra, mas uma surra de uma parte bem específica do meu corpo.

— Você está se saindo bem — respondi, engolindo seco com a provocação.

Não queria dar indícios para ela achar que eu estava subindo pelas paredes.

Após se livrar da outra meia-calça, ela se afastou um pouco novamente e puxou as alças do sutiã para baixo. E, então, exibiu um belo decote, balançando os ombros para chamar a atenção para aquela parte, e, só depois de me deixar babando por mais tempo, retirou o sutiã por inteiro, fazendo com que seus seios pulassem livres diante dos meus olhos cheios de cobiça.

Como recompensa por ter respondido a uma pergunta dela, eu pedi que Ava fizesse um *striptease* exclusivo pra mim. Nós merecíamos uma quebra na rotina.

— Vem aqui — pedi com a voz séria, porém a verdade era que eu não estava mais aguentando ver Ava maravilhosamente seminua na minha frente e não poder tocá-la.

Sentei ela de frente pra mim sobre as minhas pernas, sem esperar mais nenhum segundo para encostar em suas curvas minuciosamente moldadas para tirar qualquer homem do sério. Coloquei os cabelos dela para trás e toquei-lhe o corpo até chegar na exuberância dos seus seios, contornando-os com muita malícia.

Merda, aquilo tudo era meu?!

— Eu ainda não terminei — disse ela suspirando longamente, tentando ignorar seus instintos.

— Deixe que eu te ajudo com isso.

Coloquei ela de pé, ainda admirando o seu corpo. Peguei a lateral de sua calcinha e a despi totalmente, subindo os meus dedos bem devagar e

observando Ava apertar as coxas.

Ela puxou a minha mão e eu levantei. Mantendo-me sob seu feitiço, Ava me conduziu pela sala enquanto tirava minha camisa. Quando chegou até a minha mesa, ela me largou e subiu na mesa, se esparramando nela, como um banquete a ser consumido. Eu já não conseguia mais segurar o monstro insaciável dentro das minhas calças.

Deixei meu copo de lado e abaixei a calça, puxando as pernas dela mais pra perto. Admirei-a por um instante, a pele macia, a bocetinha extremamente deliciosa e molhada. Coloquei meu pau pra fora e a penetrei da forma obsessiva que eu sempre fazia, permitindo que seus gritos intensificassem os meus sentidos.

Quando eu contratei Ava, eu pensei em algo como ter sexo com uma mulher sem me incomodar em dar satisfações, levar para jantar, muito menos alimentar a promessa de um futuro, ou seja, percorrer um caminho que eu definitivamente não queria trilhar. Marcar um horário com ela foi o primeiro passo. Quando eu a vi pela primeira vez, eu só pensava em fodê-la de todas as maneiras possíveis. Agora, era ela quem estava fodendo com meu psicológico e nem sabia.


Capítulo 25

AVA

— Amanhã, eu vou precisar sair — avisei depois de observar Dion sair do banho.

— Ótimo.

— Eu vou me encontrar com Amber — continuei, vendo as feições dele mudarem em milésimos de segundos. — Está tudo bem pra você?

— Hum — contraiu a boca de um jeito fofo. — Se estiver pra você... Eu realmente gostaria que você saísse mais, mas se encontrar com Amber talvez não seja algo lá muito agradável.

— Eu sei — deixei meus ombros caírem, concordando —, mas eu já aceitei o convite dela.

Levantei da cama exibindo o meu corpo nu e fui em direção ao banheiro. Dion parou o que estava fazendo e me vigiou a cada passo dado, me deixando até envergonhada.

— Você acha que ela desconfia de algo? — perguntou.

— Eu tenho certeza que ela desconfia.

— Então não vai.

Parei na porta do banheiro.

— Também pensei em não ir, só que isso vai só aumentar as suspeitas dela.

— Tudo bem, mas prefiro que você não dê a entender o que acontece aqui nesse apartamento. O fato de eu ter te procurado antes do meu divórcio será algo que vou ter que contar a ela com cuidado.

— Foram três dias de diferença — amenizei.

— Mas eu estava tecnicamente casado com ela nesses três dias de diferença. — Concordei, mesmo sem entender como aqueles dias seriam importantes para um casal se divorciando.

O fato era que ele era realmente um homem incrível por se preocupar com os sentimentos da ex-esposa – e até comigo – mesmo que não fosse da

alçada dele.

Nossos olhares se cruzaram e, no meio daquilo, Dion apreciou um pouco mais do meu corpo, fazendo-me relembrar o que havia acontecido no escritório mais cedo e há poucos minutos na cama. O calor instalado no meu rosto irradiou para o restante da minha pele.

Segui até o box do chuveiro, com Dion ainda falando. Estranhamente, a voz dele, ao invés de ficar mais baixa, ficou cada vez mais alta enquanto eu me afastava. Entendi o porquê quando o vi tirar a calça que havia acabado de colocar para ir embora e vir atrás de mim, fechando a porta.

— O que está fazendo aqui? — questionei sem entender. — Acabou de sair do banho.

— Percebi que não tomei banho direito.

Dion entrou no box, parando bem próximo.

— E onde você ainda precisa se limpar? Talvez eu te ajude com isso — coloquei um dedo na boca, percebendo as suas mãos capturando seu membro.

— Bem aqui. — Fitei seus olhos persuasivos com um sorriso, sabendo exatamente aonde ele queria chegar.



— Agradeço por ter vindo, Ava.

Respirei o ar salgado de Marina *District*, bairro costeiro da cidade. A brisa me encontrava na confeitaria onde Amber me pediu para esperá-la. Antes de ela chegar, eu pensei na reação de Dion no momento em que eu disse que tinha um encontro com a ex-esposa dele.

— Imagina, por que eu não viria? — falei, olhando bem em seus olhos escuros para não deixar ela me intimidar.

Depois de um tempo me encarando, Amber abaixou os olhos e eu tive certeza de que o assunto que ela queria tratar comigo não era o que tinha me

falado na festa.

— Eu vi a foto de vocês dois — começou.

Bingo!

— Olha, Amber, as coisas não são bem assim... — Tentei tomar o controle da situação.

— Não, olha você, Ava. Apenas uma semana depois do divórcio e eu preciso ver Dion cheio de sorrisos para você publicamente — sua voz não tinha ódio, talvez mágoa.

— Eu realmente não sei do que você está falando.

— Você está com ele — não foi uma pergunta.

Sim, eu estou, mas não posso dizer, obviamente.

— Não, eu não...

— Nem tente negar — ela me cortou, não me deixava terminar uma frase. Vi seus olhos se encherem de lágrimas. — Eu só quero saber há quanto tempo isso está acontecendo, porque eu nunca imaginei que Dion pudesse me trair. — Amber abriu a pequena bolsa Louis Viton e retirou um lenço de lá, enxugando as lágrimas delicadamente.

Olhei atônita aquela cena. Eu cheguei a pensar que nosso encontro se resumiria em baixaria, puxões de cabelo e palavrões.

— Eu conheci Dion pouco antes de vocês se divorciarem.

— E não aconteceu nada antes do divórcio?

— Ahn... — gaguejei. — Não.

Dion já havia me orientado que ele conversaria sobre aquilo com ela depois.

— Você jura? — ela me colocou na parede tão delicadamente quanto um rolo compressor. — Jura que não aconteceu nada antes do divórcio, Ava?

— Juro, Amber — respondi, enfim me sentindo mal por mentir, mas aquele assunto não era meu.

A expressão de Amber suavizou imediatamente com a negativa e logo

surgiu um sorriso em seu rosto.

— Obrigada — agradeceu, encontrando a minha mão em cima da mesa.

Ela desfez o toque quando percebeu que havia me deixado desconfortável. Pouco depois, fizemos nossos pedidos.

A conversa que se sucedeu dali em diante tinha o mesmo assunto da primeira, porém o clima já não estava mais tenso, atingindo momentos cômicos às vezes. Dion parecia o centro do nosso mundo, no entanto não deveria ser, nem meu, nem dela. Ele não era nosso.

Apesar do papo ser descontraído, eu me vigiava para não pisar em ovos. Amber aparentemente sabia sobre a nossa relação, porém eu não confirmei aquilo em nenhum momento e ela parecia querer muito me pegar na mentira.

Escutei atentamente sobre os tons de gravatas que Dion mais gostava. Estampa, nunca; tons básicos, sempre. As suas frutas preferidas eram as cítricas e ele tinha asco por banana e abacate. Coisinhas simples do dia a dia, mas que uma assistente pessoal deveria saber, segundo Amber.

Ela não parecia ser má pessoa, só estava em um momento ruim. Colocando-me no lugar dela, eu provavelmente reagiria bem mal se visse meu ex-marido se engraçando com outra na minha frente. Aquilo me fez levantar um questionamento.

— Você ainda o ama? — a pergunta saiu sem que eu pudesse registrar.

Amber abaixou sua visão, depois olhou pela janela.

— Bem, eu e Dion nos casamos por pressão de nossos pais, mas... com ele, eu vivi os melhores momentos da minha vida, aprendi as vantagens e dificuldades de uma vida a dois. O amor cresceu conforme o tempo, mas diminuiu conforme o tempo também.

Ela ainda o amava. O brilho em seus olhos denunciava.

— Estamos separados há pouco mais de um mês agora, mesmo assim eu fiquei com uma ponta de inveja, pois ele demonstrou mais afeto com você naquela festa do que em cinco anos de casamento comigo. — O sorriso dela

era infeliz. Pensei em algo pra falar, mas não pensei rápido o suficiente. — Não precisa falar nada. Está tudo bem.

Pagamos as nossas contas sem que eu replicasse o que Amber havia falado por último. Apenas me lembrei que na festa eu era quem estava invejando-a por estar ao lado de Dion, como uma pessoa importante em sua vida.

— Ava, eu quero me desculpar se por acaso eu te tratei mal, realmente não foi a minha intenção — saímos da confeitaria, prestes a nos despedir.

— Está tudo bem, Amber. Eu também nunca tive a intenção de te ofender de nenhuma forma.

Ela se aproximou mais um pouco.

— Manda um abraço para Dion por mim. Cuida bem dele — ela deixou um beijo seco na minha bochecha e se afastou com a mão na boca, parecia estar chorando novamente.

Fui para o lado contrário, sabendo que aquela foi a conversa mais estranha de toda a minha vida.



Tentei de todas as formas digerir a conversa com Amber enquanto voltava para casa. Peguei táxi para ir e voltar; aparecer naquele encontro com o motorista de Dion seria malvisto.

O mais inusitado foi perceber que ela ainda o amava. Podia não parecer, mas e se Dion ainda a amar também?

Ah...

Entrei no apartamento com a cabeça explodindo de tanto pensar. Às vezes, me vinha a ideia de estar atrapalhando algo entre eles ou simplesmente servindo de tapa buraco na relação dos dois e que em um momento ou outro Dion descobriria que ainda amava a ex-esposa e voltaria para ela.

Fui para o quarto tirar a roupa e colocar uma mais confortável. Eu

ainda não tinha adquirido o hábito de usar saia lápis e muito menos blusas sociais, combinado ao calor de São Francisco era praticamente uma tortura térmica.

Escutei a campainha tocando poucos minutos depois de chegar. Abotoei rapidamente os botões que eu havia desabotoado e tirei o salto. Fui em direção a porta pensando em quem poderia ser. Aquele apartamento tinha de tudo, menos um olho mágico para espiarmos quem estava à frente da porta.

Girei a maçaneta para me deparar com a figura patética de Bruce. Olga estava atrás dele.


Capítulo 26

AVA

— Ava, meu bem. — Ela foi empurrando a porta e entrando. — Você passou por nós na recepção e nem viu.

— O que ele está fazendo aqui? — questionei, olhando de um para o outro.

Era o que estava parecendo?

— Ah, eu encontrei esse pobre rapaz lá embaixo. Ele disse que queria falar com você.

— Olga, você...?

— Tá querendo saber se eu contei que você é a cadelinha do nosso querido Dion? — disse no meu ouvido. — Claro que não, até parece que eu iria denunciar a minha fonte de riqueza.

Andei pela sala até pegar o interfone na parede da cozinha. Antes que eu discasse o número da recepção pedindo ajuda dos seguranças para escorraçar aquela velha dali, Olga apareceu por trás e arrancou o telefone da minha mão.

— Não se preocupe, meu amor. Só estou aqui pra avisar que em breve eu vou dar um pouco de sossego pra você. Daqui uns dias, vou voltar para Massachusetts para resolver algumas pendências, mas não pense que me esquecerei do nosso acordo. Ah, e avisa Dion que está sendo muito bom fazer negócios com ele.

Olga pegou o meu pulso e me puxou para o meio da sala. Bruce ainda estava lá, olhando para baixo como um maldito submisso, coisa que ele não era.

— Muito bem, agora deem o fora daqui.

— O meu recado já está dado, mas Bruce ainda precisa falar com você. — Olga pegou a sua bolsa em cima do sofá e se encaminhou para fora. — Prazer em conhecê-lo, querido — acenou para o irmão de Dion.

Assim que Olga fechou a porta, eu voltei para pegar o interfone. De forma alguma eu iria ficar sozinha com aquele infeliz.

— Ei, espere — pediu ao me ver colocar o fio de volta. — Eu quero falar com você.

— Já eu não quero ouvir nada que você tenha a dizer.

— Só queria pedir desculpas por aquele dia na festa.

Olhei para o homem cerrando os olhos, totalmente em dúvida se ele era o tipo de pessoa que pedia desculpas.

— Você mentiu para o seu irmão sobre mim.

Procurei o número da recepção, mas sequer tinha ligado pra lá ainda.

— Podemos conversar sobre isso se quiser.

— Não, não podemos. Muito menos aqui.

— Está com medo de Dion pensar alguma besteira? — Visualizei o homem novamente.

— Porque eu teria medo? A minha relação com seu irmão é apenas profissional — blefei.

Bruce concordou com a cabeça, mas as feições dele denunciavam que ele não tinha engolido a minha história.

— Tudo bem. Eu só quero conversar. Dion ficará sabendo só se você quiser.

Tirei o interfone do gancho depois de achar alguns números de ramais anotado em um papel.

— Como você sabia que eu estava aqui?

— Eu não sabia, vim aqui porque um dos moradores é meu amigo e vi sua mãe perguntando sobre você na recepção.

— Ela não é a minha mãe. — Ele me devolveu um olhar de desculpas.

— Ava, eu estou aqui porque queria pedir desculpas por ter mentido que nós teríamos um encontro depois da festa, mas é que... Dion me tirou do sério.

— O que eu vi foi o contrário.

— Eu e meu irmão temos as nossas diferenças e, por mais que eu tente reparar, ele sempre dá um jeito de aumentar essas diferenças.

— Ah, você tenta? Como?

— Eu tento conversar, trabalhar com ele, estar o mais próximo que eu posso porque, querendo ou não, Dion é tudo o que eu gostaria de ser.

Uma das minhas sobrancelhas se ergueu quando comecei a captar algumas coisas no discurso dele.

— Por que vocês são tão distantes? — queria ter feito a mesma pergunta para Dion, mas acabei não fazendo, achando que não era a hora certa.

— Porque eu sou o filho bastardo e nosso pai preferiu ficar comigo e com minha mãe. — Desviei os olhos, pensando que aquilo poderia fazer um pouco de sentido. — Ele me odeia porque pensa que eu e minha mãe acabamos com a família dele.

— E o que eu tenho a ver com isso tudo?

— Meu irmão demonstrou um grande interesse em você na festa. Queria que tivesse cuidado. — Voltei-me para ele. — Dion não é assim tão bom quanto parece.

— Ah não? — questionei com falsa preocupação. — Como ele é, então? Tipo “A Rainha Má”?

— É o tipo de pessoa que não mede esforços pra conseguir o que quer. Nesse ponto até que somos iguais — desviou os olhos.

— Sabe o que está parecendo?

Bruce deu alguns passos e se sentou no sofá sem ser convidado.

— Não. O que está parecendo?

— Você parece um fofoqueiro oportunista. Veio aqui só para falar mal do seu irmão e não para se desculpar.

O homem me mediu de forma asquerosa e ali eu soube que tinha achado o ponto para trazer aquele Bruce da festa beneficente de volta.

— Mas não sou eu quem está escondendo segredos... — disse como se ponderasse, mas foi mais como uma isca e ele conseguiu me pegar.

— Do que você está falando?

— De pessoas que tentam esconder as próprias sujeiras de forma bem porca. Agora, Tayla, venha aqui e me conte. — *Tayla? Por que ele me chamou de Tayla?* Fechei os olhos, tentando achar o ar enquanto saía de perto do sofá. — Vamos lá, *Tayla* — ele disse novamente, levantando a sobrancelha como provocação. — O que uma *prostituta* faz aqui no apartamento de um banqueiro?

Cruzei os braços e o olhei desafiadoramente.

— Isso não é da sua conta — percebi que não adiantaria negar as concepções que ele já tinha tomado para si. — Você veio aqui para choramingar sobre seu irmão e conseguiu. Agora, por favor, vá embora. Ou vou ter que chamar os seguranças? — apontei para a porta em vão.

— Seguranças? Pode chamar, eu conheço todos eles e faço você ser a errada da história em um instante. Eu só quero conversar.

Meu celular. Onde está meu celular?

Tentei lembrar, porque, de fato, aquele homem começou a me assustar.

— Eu não quero mais conversar. Você nem deveria estar aqui.

— Nem você — retrucou debochado.

Tentei novamente lembrar onde havia deixado meu celular, porém não consegui pensar friamente.

— Apesar de que faz sentido você estar aqui. Talvez você consiga fazer dele um homem completo. — Ainda sentado no sofá, ele colocou o indicador no queixo como se tivesse resolvido um grande enigma. — Ah, sim, agora faz sentido. Deixe-me adivinhar, você assinou um contrato e agora é a prostituta oficial dele — não perguntou, afirmou. — E se eu te disser que existe uma intenção subliminar por trás desse acordo?

Cruzei os braços e o observei melhor, sem acreditar em sua audácia.

— Acho que você está ficando maluco. Não, na verdade, você já é

maluco.

Fui para perto da porta para abri-la e mandá-lo cair fora, mas parei no meio do caminho quando ele continuou com suas insinuações.

— Que horas seu cliente chega? — engoli em seco tentando imaginar o que faria para aquele homem ir embora. Bruce não tinha cara de que iria ceder tão cedo. — Acho que vou aguardar ele se juntar a nós.

Uma sensação aflitiva passou pelo meu corpo. Aquilo não tinha um aspecto bom. Tinha certeza de que ele faria Dion perder a cabeça novamente. Estávamos em um momento tão bom pra ser estragado por seu irmão problemático.

— Quem você pensa que é pra infernizar a vida das pessoas dessa forma? Você vai embora e vai deixar Dion em paz! — gritei, apontando o indicador pra ele.

— Oh, há pouco tempo estava me chamando de louco, mas agora parece estar dando razão à minha loucura — ele se levantou e veio na minha direção, fazendo-me recuar.

— Deixe ele em paz, é tudo o que eu peço.

— Talvez exista um preço pra eu fazer isso...

— Então me diz logo o que é preciso!

— O que você está disposta a fazer para eu deixá-lo em paz? — ele disse, cobrindo meu corpo com olhares nojentos.

Dei mais um passo pra trás, aterrorizada pelo rumo que aquela conversa havia tomado.

— Talvez eu faça você pagar algum dia, mas hoje o que você precisa saber é que Dion está te enganando, te usando para atingir seus objetivos. E, quando conseguir, ele vai te devolver para a sarjeta de onde te tirou.

As palavras equivocadas dele me pegaram de surpresa, ainda assim estava muito tentada a questioná-las.

— Ele está tentando me enganar como exatamente? Hipoteticamente falando, é claro.

— Ah... algo como um sonho, — continuou em tom de fofoca — o que Amber não conseguiu dar a ele. Um herdeiro, por exemplo — ele analisou a minha expressão incrédula.

— Um filho? Não, Dion e eu não vamos ter uma criança — ri como se tudo aquilo fosse uma piada sem graça.

Ele estava mesmo louco. Eu nunca ouvi Dion falar comigo sobre filhos. Além do mais, eu tomava anticoncepcional, não teria lógica ele querer que eu engravidasse tomando pílula.

— Você é ridículo, não é à toa que é um fracassado — usei na voz todo o desprezo que tinha por ele.

Ao terminar a última palavra, Bruce me alcançou e me empurrou até a parede de forma agressiva. Minha cabeça bateu enquanto ele me prendia com os braços. Lutei em vão sem consegui me soltar.

— Posso até ser, mas em algum momento você vai dar razão a esse fracassado. Há um motivo bem podre por trás desse contrato. Como eu sei? Dion adora enganar as pessoas que não estão no mesmo nível intelectual que ele. Você não o conhece direito, garota. Dion não sairia com uma prostituta sem ter um plano bem sujo por trás, confie em mim — ele cuspia as palavras na minha cara. — Daí, quando você der a ele uma bela e saudável criança e achar que está tudo bem, mesmo ele dizendo que te ama, ele tomará a criança de você. Porque ele é da elite, faz milhões em dinheiro por dia e você... bem, você é a vadia de Tenderloin, destruidora de lares, mulher imoral. Dion não vai deixar uma *prostituta* criar o filho precioso dele.

Ele continuou me segurando contra a parede, tentando forçar o meu corpo e minha mente a acreditar nele. Impulsionei a minha perna direita e mirei meu joelho no vão de suas coxas. Segundos mais tarde, ele estava no chão, agonizando e falando maldições sobre mim.

— Você vai pagar por isso, sua puta nojenta! — Revirei os olhos.

Já haviam me chamado de coisa pior.

— Então você vem até aqui causar confusão e queria que eu fizesse o quê? Sentasse e abanasse o rabinho como um animal adestrado?

— Você pode fingir que não, mas eu consigo ver a sementinha de dúvida ser plantada na sua cabeça. Sei que fará a coisa certa, Ava, sei que você irá atrás da verdade e então vai ver que eu não estou mentindo.

— Eu não vou nem perder o meu tempo — dei de ombros.

Bruce se ajoelhou no chão, bufando ao ver que seu veneno não teve efeito.

— Eu detesto aquele homem, mas devo admitir, ele é um gênio. — Abri a porta enquanto ele se levantava. — Olha, você é bem bonitinha, mas eu não pagaria pra te comer — riu. — Aliás, eu *nunca* pago.

Fechei a porta após ele sair, só assim pude respirar aliviada.

Direcionei-me automaticamente para o telefone, disquei o número da recepção assim que o localizei no pedaço de papel pregado na parede.

— Alô, meu nome é Ava, do 714. Eu gostaria de saber se é possível eu conseguir que uma pessoa nunca mais entre nesse prédio sem autorização.

— Senhora, todas as pessoas que entram no prédio são autorizadas.

— Engraçado, porque acabaram de aparecer duas pessoas aqui sem serem convidadas?

— Reconheço que pode haver falhas na segurança. Qual é o nome da pessoa que gostaria de colocar na lista negra, senhora?

— O nome dele é Bruce. Bruce Volkmann.

— Lamento, senhora, mas a entrada do senhor Volkmann foi autorizada por outro morador.

Droga!

Desliguei o interfone quando me dei conta de que a minha reclamação de nada adiantaria.

Mesmo não confiando em Bruce, ele estava certo em dizer que

conseguiu colocar uma pulguinha incômoda atrás da minha orelha. Por causa disso, eu acabei dando mais uma olhada no contrato para verificar se algum detalhe tinha passado despercebido por mim. Não havia nada de suspeito. A raiva que eu sentia do irmão de Dion se direcionou para mim mesma.

Como eu pude ser estúpida de quase acreditar naquele crápula?

Ainda presa em pensamentos, notei a porta do apartamento se abrir de forma brusca.

— Ava? — escutei Dion chamar lá da sala, a voz dele estava tensa.

— Oi, o que está acontecendo?

Ele estava afobado, consegui ver o suor em sua camisa. Parecia até que ele subiu os sete lances de escada correndo em vez de subir de elevador.

— Você está sozinha? — perguntou ele, olhando pelos cantos da sala e da cozinha.

— Estou, não tem mais ninguém aqui.

— Ah, graças a Deus... — falou, finalmente suspirando aliviado. — Desculpa se te assustei, mas me ligaram dizendo que havia um intruso no andar. — *Ele estava falando de Bruce?* — Veio alguém aqui?

Pensei rápido, me questionando se diria tudo a ele.

— Antes de mais nada, eu queria te perguntar uma coisa. É totalmente aleatório, mas muito importante pra mim.

Dion cerrou os olhos sem entender nada. O seu peito subia e descia velozmente de cansaço.

— Se é importante pra você...

— Há algo que você não me contou sobre o nosso contrato ou qualquer que sejam os seus planos para comigo?

— Como assim, não estou entendendo.

— Situação hipotética: se por acaso você quisesse ter um filho comigo pelo contrato, você me diria, certo?

— Essa é a situação hipotética mais esdrúxula que já ouvi, mas não,

Ava, eu não pretendo fazer nada além do que está no contrato, que inclusive você leu e assinou.

— Eu sei, como eu disse, isso é só um cenário hipotético para saber se você me contaria caso decidisse fazer algo assim.

— Eu diria — assegurou. — Algo mais que queira me contar?

Se Dion não estava planejando me engravidar pra depois me jogar na sarjeta, quem me disse aquilo não tinha a menor importância.

Neguei com a cabeça e me aproximei dele, brincando com os botões de sua camisa.

— Você ainda precisa voltar para o serviço? — olhei para ele com compaixão e vi os seus olhos voltarem ao azul límpido e sereno, como os ventos que sopravam para desfazer o tempo nublado.

— Não, faltava pouco tempo pra eu largar.

— Que notícia ótima. Vem comigo. Vou te dar um banho. — Aqueles lábios maravilhosos se curvaram em um sorriso encantador. — Você precisa de um, com todo respeito.

— Eu vou querer mais do que um banho, senhorita Banks.

— Não sei se você merece, — me fiz de difícil, percebendo que, quando eu estava com ele, todos os problemas pareciam desaparecer — mas, me fala, você subiu as escadas correndo? Porque parece que subiu.

— Digamos que sim. Um elevador não é rápido o suficiente quando queremos salvar uma donzela em apuros — falou galanteador.

— Acho que você deve continuar procurando a sua donzela, Sr. Collins, porque eu definitivamente não sou uma — declarei, puxando-o para o quarto.


Capítulo 27

AVA

Naquela noite, Dion e eu continuamos com a nossa brincadeirinha de perguntas e respostas. Eu perguntei sobre o lance entre ele e o irmão e ele respondeu sinceramente ao falar em como foi difícil reerguer a empresa do pai para Bruce querer se apropriar sem ter nenhum direito.

O irmão dele gostava de chamar atenção e só conseguia fazer aquilo incomodando as pessoas. Eu sentia orgulho de Dion por ter conseguido conquistar o seu espaço por esforço próprio, sem usar ninguém de degrau. Ele tinha uma bela história. Teria um belo futuro também.

Futuro. Aquela palavra me fazia sonhar de olhos abertos. Cansei de me pegar fantasiando em ser a Sra. Volkmann ou Sra. Collins, sei lá. Casa, filhos, família. Um campo verdejante que seria palco para piqueniques e brincadeiras ao ar livre de nossos filhos. Sentia-me ridícula com aqueles pensamentos, mas tudo ficou pior quando Bruce deu a entender que Dion queria muito um filho. Poderia até ser verdade, porém me escolher para ser a mãe seria um pouco demais. E eu não queria me iludir sobre ter o mérito de ser mãe de um filho dele.

Apesar disso, não pude deixar de notar que havia alguns assuntos em que Dion, mesmo sendo sincero em suas respostas, deixava lacunas para outras interpretações ou simplesmente as deixava vazias. Naquele aspecto, não éramos diferentes.

Dion era um homem riquíssimo, já eu era uma prostituta, então como obter um parâmetro sobre as coisas que deveríamos falar um para o outro? Não era como se tivéssemos virados amigos de infância, confidentes de qualquer hora. Havia um contrato no meio e eu não pretendia contar todos os dias da minha vida pra ele se o nosso objetivo não era aquele. Talvez algum dia avançássemos aquela etapa, mas enquanto isso eu me contentava com o que tinha.

— Minha vez de perguntar. Você já se apaixonou por um cliente? — Estranhei a pergunta e passei a olhá-lo com inquietude.

— Olha, — fitei o teto, pensando em como responder aquilo — acho que paixão é uma palavra muito forte se tratando da vida que eu levo.

— Sim ou não?

— Não — fui enfática, mas ele entortou as sobrancelhas como se discordasse.

— E algum cliente já se apaixonou por você?

Soltei uma risada e pensei nos ex-clientes que juraram que iriam largar as esposas pra ficar comigo.

— Tenho uma lista interminável.

A expressão dele era de choque.

— Sério? — Assenti com um sorriso afetado.

— Ficaria impressionado.

Observei Dion se levantar e, antes que ele sumisse na escuridão, me olhou acima dos ombros.

— É... faz sentido — não entendi o que ele quis dizer.

Pensei sobre o assunto no qual ele havia tocado. Logo pude ver a silhueta dele voltando. Ele trazia uma jarra de água e, antes de deitar na cama, me deu um copo.

— Acho que Amber te ama ainda — comentei quando ele descansou ao meu lado.

— Acha? — perguntou de forma irônica. — Ela sabe fingir muito bem.

Arregalei os olhos, percebendo uma conotação sexual.

— Talvez seja boa em esconder os sentimentos. E você, ainda a ama?

— Essa não é a pergunta certa, porque eu *nunca* amei minha ex-esposa.

— Então por que se casou com ela?

— Negócios — respondeu friamente.

Observei sua expressão, achando que ele poderia estar mentindo, mas não.

— Quer dizer que você faz qualquer coisa por negócios?

Dion relaxou na cama, colocando um braço pra trás. Deitei minha cabeça ali de forma automática.

— Fui assim quando era mais jovem. Me casei porque geralmente os investidores não confiam em empresários novatos e solteiros, por não passarem a impressão de responsabilidade e disciplina. Então, eu me casei. Ascendi com o banco, porém, quando eu chegava em casa e para Amber, eu olhava ao redor e pensava “é só isso?”.

Quando eu era pequena, meus pais sempre diziam que dinheiro não trazia felicidade, hoje aquela frase fez total sentido pra mim.

— E quanto a filhos, vocês nunca quiseram ter? — Ouvi ele suspirar e soube que estava entrando em um terreno perigoso.

Ainda não consegui tirar da cabeça as acusações de Bruce. Eu não tinha motivo nenhum para acreditar nele, mas e se por algum motivo superbizarro ele estivesse falando a verdade?

— Não acho que deveríamos estar falando disso. É complicado... — desconversou, virando-se e cobrindo meu corpo com o dele.

— Complicado como? Você quem não quis ou ela?

— Acho que nós dois queríamos, mas acabou sendo tarde demais.

Ajeitei meu corpo para encaixar melhor aos braços de Dion, com a constatação de que ele com certeza queria ter filhos.



No relógio já se passavam da meia noite, e Dion não havia ido embora. Eu agradecia aos céus a cada minuto que eu tinha a mais com ele. Eu queria adormecer sabendo que pela manhã o teria por perto, mas aquilo nunca iria acontecer, deveria me conformar. Não era difícil deixar a minha imaginação fluir quando ele estava abraçado a mim de conchinha. Nem me lembrava quando nos abrimos para aquele tipo de afeto e, obviamente, eu não era louca de reclamar.

Quase não me mexia para ele adormecer ou "esquecer" de ir embora, porém ainda sentia seus suspiros no meu pescoço. Ele não dormiria tão cedo e aos poucos fui sentindo-o querendo se animar de novo e me estimular junto.

As luzes do quarto estavam apagadas, mas a lua cheia enchia o cômodo de luz, criando um ambiente romântico sensual. Virei a cabeça para fitá-lo, apenas senti o seu hálito tão perto de mim. O seu pau rígido se moveu perto do meu bumbum, acendendo desejos estranhos.

Continuei procurando por seus lábios na penumbra, mas os perdi. Eu queria tanto beijá-lo.

Dion parecia perdido em seus próprios desejos. O pau dele roçando onde ele nunca ousou me dizia o que ele queria, mas não tinha coragem de dizer ou fazer.

Peguei a mão dele e a guiei até onde a minha vontade por ele transbordava, orientei os seus dedos até a minha abertura e mexi meus quadris junto com ele, deixando o desejo acender nossos instintos. Com a mão direita, eu peguei na grossura do seu membro e o acariciei brevemente, depois o posicionei entre o meu bumbum na pequena abertura.

Dion retesou quando percebeu o que eu estava fazendo.

— Não é isso que você quer? — virei a cabeça para observá-lo.

— Eu não quero te machucar — ele respondeu com o rosto bem perto do meu, com a voz baixa como se estivesse sussurrando um segredo.

Tive uma vontade imensa de rir.

— Você não vai me machucar — disse para tranquilizá-lo, esfregando o seu membro bem no centro do meu traseiro. Ele soltou o ar vagarosamente quando fiz aquilo. —Não é a minha primeira vez.

— Eu quero muito te foder por aqui, Ava, mas e se eu não conseguir me controlar?

— Eu não quero que você se controle, Dion.

Peguei o seu pau e o introduzi dentro de mim, a princípio, bem superficialmente e, depois, deixei que ele fizesse por si só. Levantei a perna um pouco para ele ver que poderia ir mais fundo, mas não tirei os olhos dele.

Mesmo no quarto escuro, eu conseguia ver o quanto ele estava afobado, tentando se segurar. Deixei transparecer que eu também sentia prazer sendo tomada daquela forma por ele.

Dion me penetrou graciosamente, segurando a minha perna para controlar as investidas. Experimentou ir mais longe e eu sabia que ele não iria durar muito. Orientei ele a ir mais rápido e ele concordou. Nossos corpos extremamente suados deslizaram com perfeição um sobre o outro.

— Assim — gemi quando percebi que o orgasmo estava chegando pra mim também.

Ele se segurou o quanto pôde, aproveitando cada momento daquela agradável descoberta.

— Ava, eu vou gozar pra caralho — mal acabou de gritar e explodiu dentro de mim e o simples fato de ouvi-lo se perder me levou a minha própria libertação.



— Você não fez seu pedido ainda — falei, vendo Dion se arrumar para ir embora. Infelizmente.

— Vou pensar em algo. — Percebi o quanto ele estava distante e fiquei me questionando o que eu fiz de errado.

Provavelmente, deve ter achado que eu peguei pesado nas perguntas.

— O que é? — questionou, me olhando sério.

Desviei meus olhos dos dele. Não conseguia pensar em nada quando ele me olhava daquele jeito. Saí do meio da cama e sentei na beirada, colocando o meu robe.

— Eu, às vezes, queria perguntar algumas coisas para você, mas sei que você se sentiria tão desconfortável quanto eu falando de determinados assuntos.

— Por isso você criou o jogo, não foi?

— Sim, porém tem certas coisas que, se forem perguntadas de forma tão mecânica, tornam-se banais. — Um ponto de interrogação pairou na cabeça dele.

Ok, nem eu sabia que podia falar tão formalmente assim.

— E o que você quer saber?

— É que... a gente já fez todo o tipo de coisa em cima dessa cama, mas nunca... nós nunca... — *Que inferno!* A palavra não saía.

— Nos beijamos, é isso? — ele completou e eu concordei com a cabeça.

Logo depois, os seus lábios se curvaram em prepotência, não da forma que eu gostava. Ele não sorriu.

— Olha, Ava... eu te contratei por um motivo bem óbvio e isso não inclui ficar de beijinhos e abraços por aí feito namorados, o que nós não somos.

— Eu sei disso, Dion, mas um simples beijo pode tornar tudo muito melhor — argumentei.

Desci da cama para ficarmos frente a frente.

— Pode ser simples para você, mas não é pra mim. Uma transa não precisa envolver amor ou sentimentos necessariamente. No entanto, do meu ponto de vista, beijos são mais especiais. Eles requerem mais do que uma simples troca de saliva — ele realmente acreditava naquilo, não parecia ser uma desculpa. — Eu não sei se você me entende, Ava, e eu sinto muito não poder te oferecer isso, mas eu não quero envolver duas coisas que pra mim são completamente diferentes.

Ele me analisou por alguns instantes.

A minha vontade de chorar só não era maior que a minha vontade de que um buraco se abrisse aos meus pés e me engolisse.

— Espero que entenda — finalizou, pegando a chave do seu carro em cima da mesinha de cabeceira, encaminhando-se para fora do quarto.

— Não, eu não entendo, — virou-se pra mim — mas respeito.

Voltei-me para o banheiro tentando parecer desinteressada com o resultado da conversa. A verdade era que eu sentia a esperança se rompendo dentro de mim, como um cristal falso se quebrando depois de cair ao chão. Era a minha ilusão de que talvez eu virasse mais que uma prostituta para Dion se desfazendo.


Capítulo 28

AVA

Sinto o frio do quarto me tocar. Minha cabeça está dolorida e a minha visão turva. Ergo-me na cama, percebendo uma sombra parada em frente à porta, massageio meus olhos para ver se a visão se desfaz, mas a sombra fica cada vez mais perto. Encolho-me instintivamente quando sinto o colchão se afundar na altura dos meus pés.

— Dion, é você? — Fico sem resposta.

Estou confusa demais e com medo demais para fazer algo. Minha cabeça pesa como se eu tivesse tomado uma garrafa inteira de uísque e meu corpo não reage com a mesma rapidez aos comandos do meu cérebro.

O que está acontecendo?

Acorda, Ava!

Meu corpo é puxado para o meio da cama e eu sinto minhas pernas serem abertas sem que eu consiga fazer parar.

— Dion, por que... por que você está se escondendo?

Pergunto novamente, sem a certeza de que algum som sai da minha boca, enquanto sinto aquelas mãos segurarem os meus braços para que eu não proteste. Lágrimas deixam os meus olhos e uma tristeza me domina.

Por que ele está fazendo isso comigo?

— Por favor, Dion. Você está me deixando com medo — tento me soltar, mas meu corpo permanece sem forças, inútil.

Um olhar tormentoso vem até mim enquanto eu me desespero tentando entender o que está acontecendo.

— Dion não está aqui.

A resposta da sombra flutua na escuridão, assim como minha mente.



Acordei assustada com mais um pesadelo que tem tornado as minhas

madrugadas tenebrosas. Livrei-me rapidamente do *baby-doll* suado e fui para debaixo do chuveiro. Lá, eu pensei em como o nosso subconsciente poderia pregar peças mesmo em sonhos. Havia uma semana que eu sonhava com uma sombra invadindo a minha intimidade.

Eu nem queria entender aquela maluquice, só queria que parasse logo.

Os últimos dias foram basicamente eu e Dion fingindo que a conversa sobre o beijo nunca aconteceu. Havia dois dias que conversávamos apenas o essencial. Eu tentava transparecer ao máximo que não estava chateada nem nada do tipo, mas, a cada momento passado, parecia uma tortura perceber que funcionaríamos melhor daquela forma: corpos quentes se satisfazendo na cama e sentimentos dignos de um robô.

Ainda não tinha certeza se algo mudou pra ele, no entanto havia mudado para mim. Eu comecei a vê-lo somente como um cliente, um cliente qualquer. Apesar de ser extremamente difícil não me deixar envolver pelo seu toque ou pela forma que ele me tratava na cama ou não.

Eu estava ciente de que não devia exigir nada dele no que se referia a romance, mesmo assim eu tirei as vendas dos meus olhos, permitindo enxergar que a nossa relação não era um conto de fadas.

O que não mudou foi o sexo. Transávamos com o mesmo furor do primeiro dia. Eu dava o que ele queria, o satisfazia como e quantas vezes ele quisesse, porém, se eu podia ter somente o seu corpo, era justo que eu lhe oferecesse apenas o meu corpo.

Vez ou outra, Olga voltava no apartamento para me atormentar e me tomar dinheiro. O valor que eu recebia de Dion na conta ia todo pra ela porque ela não aceitava menos. A minha mãe adotiva dizia que ainda me rondava como forma de me lembrar que ela permanecia sendo uma ameaça. Sabia que Dion estava tramando uma retaliação contra ela, mas não me contou nada até o momento.

Se antes eu pensava que, caso alguém tentasse me fazer algum mal, Dion vestiaria uma armadura de super-herói e me salvaria, hoje eu pensava que tudo o que ele poderia fazer contra Olga seria dar um jeito de reverter a "dívida" que ele se propôs a pagar a fim de obter seu dinheiro de volta.

A ex-esposa de Dion me ligou várias vezes tentando marcar mais encontros comigo. Como eu acreditava que ela queria chorar as pitangas no meu ombro, eu não aceitei nenhuma vez, com medo de *eu* acabar chorando no ombro dela, apesar de que eu queria muito montar um grupinho das garotas que tiveram o coração partido por Dion Volkmann. Eu ficaria estarrecida com a quantidade de gente que apareceria.

Em compensação, saí bastantes vezes com Camille e, aos poucos, fui traçando um perfil psicológico para a mãe de Dion. Ela era uma mulher triste que só se alegrava quando era regada com bebida alcoólica. Por outro lado, nossos encontros eram sempre agradáveis.



— Eu quero que você passe o fim de semana comigo — Dion falou depois de sair do banho. Dei uma olhada interrogativa pra ele, afinal sempre passávamos o fim de semana juntos. — Mas não aqui.

Concordei sem pedir maiores explicações. Afastei-me depois de fitar a sua fisionomia masculina da melhor espécie. Os cabelos molhados, a postura de macho alfa, os olhos famintos de algo insaciável.

Deus! Ele não deveria ser assim tão bonito!

Ele me olhou de soslaio, percebendo algo em mim enquanto eu ia para a cozinha esquentar comida congelada como pretexto para me afastar dele.

Dion tinha aparecido de manhã e eu sequer tinha conseguido dormir direito na noite anterior. A minha cabeça parecia querer explodir. Eu sempre ficava assim depois da noite de um pesadelo. Resumindo, eu estava bem impaciente.

— Por favor, Ava... — falou com uma voz arrastada.

— Por favor, o quê?

— Até quando vai ficar desse jeito? Você está me punindo por eu não te dar algo que eu nunca te prometi.

Cometi o erro de olhar diretamente pra ele e me deparar com uma expressão chateada, como se fosse um cachorrinho sem dono. Ele era perfeito até naquilo.

Foco, Ava!

— Eu não estou te punindo, Dion. De onde tirou isso? — Troquei o peso da perna, me fazendo de desentendida.

— Você me olha diferente, me trata diferente... — argumentou.

— Mas e quanto ao sexo?

— O que tem?

— Continua bom?

— Isso nunca mudou.

— Ótimo, porque isso é tudo que importa — finalizei com um sorriso que não refletia nos meus olhos.

Bang!

Dion ficou sem ter o que dizer. Aquela era uma das raras vezes que eu o deixava sem palavras em uma conversa. A única coisa que escutei foi a sua respiração pesada.

— Esse fim de semana é importante pra mim. Se você quiser ficar aqui, tudo bem, mas eu vou precisar sair.

Abri o micro-ondas e enfiei uma lasanha congelada nele.

— Não, eu vou com você — fitei minhas unhas. — Esse é o meu trabalho.

Ele me observou por um longo tempo sem dizer nada. Seus olhos pareciam assustados.

Bang! Bang!

— Então tá. Te pego à tarde — disse, não muito satisfeito, e foi embora.



Dion não especificou para onde iríamos, sendo assim fiz uma pequena mala com roupas básicas e uma de festa, não queria estar despreparada. Saí do prédio trajando um vestido de verão branco com estampa em azul *royal*.

Avistei Dion encostado em sua BMW esportiva. Realmente, o carro era muito bonito, no entanto eu só tinha olhos para a máquina que usava jeans surrado e óculos aviador. Não tinha jeito, eu era louca por aquele homem, mesmo com todas as incertezas que nos rondavam.

Toda vez que eu o via, sentia uma energia grandiosa passando pelo meu corpo, como uma supernova explodindo no meu coração, estremecendo minhas estruturas. Eu admitia que estava completamente apaixonada por ele e, falando sério, seria muito estranho se eu não estivesse. Contudo, cair de amores por Dion era a mesma coisa que desejar uma bolsa de grife na vitrine e não ter dinheiro para comprar. Estava ali bem pertinho, mas eu não podia ter.

— É só isso? — ele perguntou, pegando a bolsa da minha mão, e eu respondi que sim. — Você é uma mulher estranha, qualquer outra teria enchido duas malas.

— Só para um fim de semana?

— Uhum.

Aquilo me pegou de surpresa, será que eu deveria ter enchido duas malas também? Refleti brevemente.

Depois de guardar a mala, Dion abriu a porta do carro pra mim.

— E tem gente que diz que o cavalheirismo morreu — comentei brincando e ele sorriu.

— Enquanto houver cavalheiros, haverá cavalheirismo. — Analisei a sua estatura, ele estava cheio de si.

— Menos, Dion, bem menos — gesticulei pra ele baixar a bola.

Alegrei-me por saber que o bom humor estava entre nós novamente. Dion estava certo, eu queria puni-lo e, no processo, eu acabei punindo a mim mesma.

O trajeto foi tranquilo. Dion comentou, durante a viagem, que estávamos indo para a casa da mãe dele, o lugar onde ele havia crescido. O que me fez sonhar acordada. Em outra vida, nós poderíamos ser pessoas normais que namoravam e conheciam a casa dos pais um do outro.

Ele me explicou mais tarde que a propriedade, na verdade, era um rancho, pois a casa de Camille tinha um terreno de larga escala onde antes foi um domínio rural.

O aspecto cinza da cidade ficou para trás, dando espaço para uma paisagem verde. Dion passou pela portaria e manobrou o carro, me permitindo ter um belo vislumbre do local.

Pude ver a mansão principal, duas casas adjacentes, um campo de golfe, piscinas para todo lado, mais afastado tinha um lago muito bem cuidado e mais afastado ainda se via a costa marítima.

— Ah, meu Deus — comentei, impressionada com a vista quando chegamos. — Esse lugar é muito lindo!

Ele pegou a minha mão, provavelmente sem perceber, e me levou para a vasta varanda de onde Camille acenava freneticamente para nós.

— Estou muito feliz que veio, querida — ela disse, me abraçando fortemente.

— Sim, eu também estou feliz por vir — respondi, olhando diretamente para Dion como forma de mostrar a minha gratidão.

Camille me apresentou toda a mansão. Mostrou-me onde Dion dormia quando era pequeno e onde o colocava de castigo quando ele desobedecia. O quarto em que ele viveu depois de adulto era o mesmo de um universitário nerd e ainda tinha o seu cheiro. Logo depois, voltamos para a varanda e ficamos observando Dion e Carl interagindo perto do lago, como se fossem pessoas próximas. Um tio e um sobrinho talvez.

Dion tinha virado outro homem desde que pusemos os pés na casa da

mãe dele. Ali parecia ser o seu refúgio, onde mal nenhum podia tocá-lo.

— Amanhã, Dion vai te mostrar como é lá fora, hoje não temos mais tempo.

O sol ainda não havia se posto. Sem conter minha curiosidade, eu tive que perguntar a Camille o que o filho dela estava aprontando.

— Dion me disse que esse fim de semana era especial — puxei o fio da meada.

— Olha, eu não sei por que você e ele ainda insistem em dizer que são patrão e empregada.

— Pode acreditar que não, mas eu sou, sim, a assistente dele — nem a pessoa mais tola acreditaria em mim apesar de que, para todos os efeitos, eu era realmente a assistente pessoal dele.

— E como uma assistente pessoal não sabe o dia do aniversário do próprio chefe? —colocou-me na parede.

— É hoje? — perguntei espantada, sem me importar com as insinuações de Camille.

— Sim. Nem consigo acreditar que, nesse mesmo dia, trinta e um anos atrás, eu estava tendo a maior alegria da minha vida — declarou emocionada.

Avistei Dion ao longe, ele estava de costas para mim. Era o aniversário dele e ele queria me ter por perto. Como reagir a isso?

Um sorriso surgiu no meu rosto de forma involuntária.

— Desde que me separei do pai dele, sempre passamos essa data sozinhos. Somente nós dois, mas hoje Dion trouxe você.

Olhei assombrada para Camille e ela sorriu percebendo o choque em meus olhos.

— Ele não trazia nem a ...

— Amber? — Ela balançou a cabeça em negativa, me deixando ainda mais sem reação. — Parece que ela não era especial o suficiente.

Bem, isso deve significar alguma coisa.

Tem que significar alguma coisa.


Capítulo 29

AVA

— E, então, ele chegava da escola apaixonado por uma garota diferente todos os dias.

— Mãe, eu tinha sete anos! — Dion se defendeu, envergonhado diante das revelações engraçadas que a mãe dele fazia.

Eu ria sem parar com as histórias de Camille sobre Dion quando este era apenas um garotinho. O jantar estava sendo servido; aquela era uma noite muito agradável. Dion e Camille me deixavam confortável, nem parecia que eu estava ao lado de um CEO podre de rico e da sua mãe *socialite*.

— E quanto a você, meu bem? Aposto que seus pais têm ótimas histórias para nos contar.

Antes que eu dissesse alguma coisa, Dion capturou minha mão por cima da mesa como forma de me tranquilizar. Olhei para ele dizendo obrigada.

Eu não sabia direito o que estava acontecendo, mas eu apreciava a forma como tudo estava se construindo naquela noite.

— Eu não tenho mais meus pais, Camille.

— Oh, sinto muito, Ava. Eu não fazia ideia — o tom de voz dela era carregado de desculpas.

— Está tudo bem.

Abri um sorriso sem graça, eu não queria ninguém com pena de mim.

A partir dali a conversa tomou rumos mais alegres. A hora da sobremesa chegou e as cozinheiras trouxeram um bolo de aniversário enorme, escrito "Parabéns" em cima. Os funcionários saíram de onde eles estavam e todos se aproximaram da mesa para celebrar mais um ano de vida de Dion. Percebi que ele estava sem graça, mas ainda assim feliz.

Cheguei mais perto dele e o abracei fortemente, desejando felicitações como todos estavam fazendo. Dion me apertou em seus braços, me abraçando mais forte ainda. O gesto foi prolongado e um coro de "humm" entoou ao nosso redor. Afastei-me dele, sentindo o meu rosto queimar de vergonha.

A impressão que eu tinha era de que todos sabiam do nosso segredinho e Dion parecia não se importar nem um pouco.

Empanturrei-me com bolo e refrigerante, eu adorava aquelas gordices. Enquanto isso, formou-se uma pequena festa com música e grupinhos de bate-papo. As pessoas da mansão eram todas entrosadas; patrão e empregado falavam sobre assuntos aleatórios. Até eu me socializei com um grupo de mulheres mais velhas que diziam ter segurado Dion no colo quando ele era bebê.



— Crianças, eu vou me retirar — a mãe de Dion falou tranquilamente, nos deixando sozinhos na sala de estar.

A festa já havia acabado e todos já haviam dispersado. Observamos Camille se afastar com sua alegria alcoólica, depois de nos brindar com suas histórias hilárias.

— Você já está com sono? — Dion me perguntou e eu disse que não.

— Por que você não me contou?

Queria saber por que ele não me informou sobre o seu aniversário antes para eu não o induzir a pensar que eu estava ali pelo contrato.

— Eu não sei, fiquei com remorso de vir comemorar meu aniversário e você ficar lá no apartamento sozinha. Ao mesmo tempo, eu não queria que você se sentisse obrigada a vir, já que o clima não estava muito legal entre a gente. — Ele apanhou uma mecha do meu cabelo e a colocou atrás da minha orelha como se fosse a coisa mais natural do mundo.

Permanecemos agindo como se estivéssemos em uma versão paralela de nós mesmos, mas a sensação de que algo não se encaixava era bastante incômoda. Eu tinha medo de trabalhar algumas hipóteses de por que ele me trouxe na casa da mãe em seu aniversário, uma semana depois de praticamente me desprezar por ter perguntado por que nós ainda não havíamos nos beijado.

Dion continuou com os seus olhos em mim e o clima foi ficando cada vez mais claustrofóbico. Era um saco não conseguir respirar direito só por tê-lo me olhando daquela forma predatória. Fechei os olhos, me livrando do seu feitiço, e voltei à nossa pequena conversa.

— Acho que você não me contou que hoje é seu aniversário para eu não comprar as sandálias da humildade pra você.

Vi ele concordar.

— É, você está certa — ele me deu o seu melhor sorriso. — Foi por isso mesmo.

— Você conseguiu se safar por enquanto — avisei.

Depois de contar brevemente sobre a história da família Volkmann, Dion me levou para o quarto de hóspedes. Camille já havia guardado a minha mala lá. O cômodo era amplo e decorado de madeira branca. Um sonho de quarto.

Quando Dion entrou, eu fui em direção à porta, a tranquei e fiquei encostada nela como se eu estivesse a protegendo.

— Você está me trancando aqui? — questionou de uma forma engraçada, tentando entender a situação.

— Não, eu só estou forçando você a ficar aqui comigo — respondi, como se o que ele perguntou anteriormente fosse uma acusação muito grave. — Mas... a sua mãe tem sono leve? — Vi um sorriso safado cruzar o rosto dele.

— Dorme como uma pedra.

— Ah...

Dei um passo em sua direção, alcançando o zíper do vestido e deslizando-o para baixo. Dion me olhou silenciosamente, acompanhando os meus movimentos.

— Deite-se aí — pisquei pra ele.

— O que você vai aprontar, senhorita Banks? — queria saber, levantando uma sobrancelha em desafio.

— Hoje é o seu aniversário — virei de costas para tirar o sutiã, ouvi a respiração pesada de Dion atrás de mim — e você não me deu a chance de te dar um presente, então vou ter que improvisar.

Fiz com que ele afastasse as pernas e coloquei as minhas entre as dele. As mãos de Dion se apressaram em me tocar.

— Só de ver esse seu corpo maravilhoso é um belo presente.

— Muito gentil da sua parte, mas digamos que eu quero te *dar* mais que um simples vislumbre do meu corpo, *Sr. Collins.*



Escutei batidas na porta, logo depois Dion entrou. Ele me viu mexendo na minha bagunça. O conteúdo da minha bolsa estava todo espalhado em cima da cama, mas não falei nada.

Não dormimos juntos e, mesmo assim, eu não tive nenhum pesadelo. Quando Dion foi para o quarto dele, o dia já estava amanhecendo.

— Eu não consigo achar — disse distraída.

— Não consegue achar o quê? — Dion questionou intrigado.

Eu jurava que tinha colocado a cartela de anticoncepcional dentro da bolsa, mas agora não achava em lugar nenhum. Pensei em talvez não explanar a situação para Dion, porém talvez ele pudesse me ajudar, me levando para comprar uma cartela nova. Não queria arriscar perder o horário da pílula e ela não fazer mais efeito.

— É o meu anticoncepcional, não estou conseguindo achar. Pensei que tivesse colocado na bolsa, mas não encontrei até agora — expliquei, ainda mexendo nas minhas coisas.

— Você usa anticoncepcional? — Dion perguntou com estranheza.

— Uso — respondi com mais estranheza ainda.

— Pensei que você não usasse.

— E como acha que eu evito gravidez?

— Eu não sei — replicou dando de ombros.

— Você é bem leigo nesse assunto, hein? Na verdade, acho que todos vocês homens são.

— Posso até ser, mas, Ava, você não precisa tomar pílula comigo. Minha mãe está lá fora nos esperando para tomar café da manhã — ele falou rápido, emendando uma frase na outra.

— O que você disse? — indaguei, sem entender a parte do "você não precisa usar pílula comigo".

— A minha mãe está nos aguardando para tomar café — percebi que ele estava fugindo do assunto.

As minhas suspeitas ficaram mais evidentes quando ele colocou as mãos no bolso da bermuda cargo e ficou olhando para o chão.

— A outra parte. Você disse que eu não precisava tomar anticoncepcional com você. — Cruzei os braços. — Dion, a gente já não usa preservativo e, se não fizermos sexo seguro, você sabe as consequências disso, não sabe?

Ele olhou pra mim e balançou a cabeça dizendo que sim, ele sabia do que eu estava falando.

Subitamente a fala de Bruce me veio à tona, ele e Camille já haviam me alertado para a ambição de Dion em tentar conceber um filho.

"Algo como um sonho, o que Amber não conseguiu dar a ele. Um herdeiro, por exemplo."

Aproximei-me dele, tocando em seu peito.

— Dion, isso quer dizer que...

— Prefiro que você não faça essa pergunta — me repreendeu.

— Mas não é justo! — gritei irritada. — Isso diz respeito a mim também — falei mais baixo daquela vez.

— Eu entendo, mas o assunto da Olga está pendente até hoje. Você me

pediu para confiar em você, agora sou eu quem peço um voto de confiança — ponderou.

Fiquei olhando para ele, tentando entender tudo o que estava se passando ali. Era tudo tão surreal. Ao medir a minha consternação, Dion tentou resolver as coisas de forma sensata.

— Aqui perto tem uma farmácia, depois do café nós vamos lá e compramos seu remédio, está bem?

Ele tocou brevemente o canto da minha boca e se virou, indo em direção à porta.

— Espera, e se eu não quiser mais tomar pílula? — perguntei do nada, pegando a ele e a mim de surpresa.

Dion cruzou os braços, me analisando.

— Essa é uma decisão somente sua.

Como eu queria que ele fosse mais aberto comigo, mas como eu poderia cobrá-lo se eu também escondia coisas dele?

O fato era que eu estava tão apaixonada por aquele homem que me imaginava fazendo diversas loucuras só para que ele me desse um espaço maior em sua vida, mesmo tendo a certeza de que sairia machucada.

Depois daquele bate-papo enigmático, saímos para o jardim, onde Camille estava deslumbrante com um vestido claro e esvoaçante. O clima entre mim e Dion não estava pesado. No entanto, eu sabia que tinha uma importante decisão para tomar.


Capítulo 30

AVA

Eu estava exausta depois de uma longa caminhada pela mansão de Camille. Dion me mostrou tudo, desde a casa dos funcionários até a quadra de esportes. Ele estava feliz, tinha um sorriso de menino no rosto e um brilho nos olhos que nunca percebi antes. Após o café da manhã, passamos um tempo na piscina com a mãe dele. Como eu não tinha trazido biquíni, Camille me emprestou um, alegando que ainda não tinha usado.

Por diversas vezes, eu me preocupei com ela. Parecia mais magra a cada dia e, se não estivesse sob efeito do álcool, Camille parecia deprimida, distante da realidade. Questionei Dion sobre aquilo e ele também demonstrou preocupação ao me falar que a mãe fazia visitas regulares ao médico, porém nunca descobriram qualquer tipo de enfermidade.

Algumas horas depois do almoço, eu e Dion descemos para a costa. Onde Camille morava tinha um acesso exclusivo para o mar. Ali a família de Dion possuía uma praia só pra eles.

Para nosso deleite, estava um dia californiano perfeito. O sol brilhava forte e a brisa vinha de encontro a nós, proporcionando um equilíbrio quase mágico. Dion ao meu lado caminhava com as mãos no bolso, ele estava sem camisa e eu tentava ao máximo evitar olhá-lo demais. Eu chegava a salivar só de ver o seu abdômen à mostra.

Ele começou a me examinar e a trazer sua essência prepotente à tona, depois riu como se tivesse algo de engraçado em mim.

— O que foi? — olhei para ele com bom humor.

— Eu sou um pervertido.

Era mesmo.

— Por que acha isso? — sondei.

— Porque eu estou desejando uma mulher que está com o biquíni da minha mãe no corpo.

Parei de andar e comecei a rir, pensando no embate psicológico que ele estaria tendo.

— Está tão ruim assim? — perguntei, olhando para baixo e observando a peça.

O biquíni tinha um modelo inusitado, como se tivesse duas partes de baixo e duas partes de cima entrelaçadas, misturando as cores branco e preto. Era um modelo sexy, sem dúvida. Camille insistiu para que eu escolhesse aquele e não um mais simples.

— Você continua linda. — Dei de ombros, mas o coraçãozinho foi a mil por hora.

Dion parou na beira da praia e observou a paisagem. A ponte Golden Gate ao longe era um suprassumo para a nossa visão. Sentei na areia que estava quentinha e olhei as ondas quebrarem no mar, me questionando quando eu poderia imaginar aquele momento: eu, uma praia particular e um homem maravilhoso do meu lado. Nunca, mas nunquinha mesmo.

Quando Dion se sentou, eu fui automaticamente para perto dele, hesitando instantes depois, porém ele me puxou de volta, me deixando entre suas pernas e me abraçando por trás. Cruzei os braços tentando evitar nosso toque, porque meu corpo de repente resolveu virar uma britadeira de tão trêmulo.

— Por que você está tremendo, Ava?

Engoli seco. Tinha duas opções: ou falava a verdade ou fingia que estava tudo bem.

Um suspiro deixou o meu peito.

— Acho que porque situações como essa não acontecem com mulheres como eu.

— O quê, nunca ninguém te abraçou assim?

A voz dele tão perto do meu ouvido tinha o poder de arrepiar cada parte do meu corpo.

— Hum, não... — falei sem graça.

— Olha, desse jeito eu vou pensar que você nunca teve namorado. — Fiz uma careta de assustada. — Você nunca teve namorado? — Balancei a cabeça em negativa e não me virei para olhá-lo. Pelo seu suspirar percebi que

aquilo não lhe parecia normal. — Você quer que eu te solte? — Balancei a cabeça novamente.

Ficamos em um clima estranho por alguns minutos, até que eu me permiti segurar os braços dele em torno de mim e, só assim, consegui relaxar.

— Sabe aqueles momentos que você deseja que dure para sempre?

— Sei — senti as mãos dele me segurarem com mais firmeza, como se o mar pudesse me levar se ele me soltasse.

— Eu nunca senti isso, até agora.

Ele não tinha noção do que as suas palavras poderiam causar em mim.

O ar foi ficando pesado e o meu coração errou algumas batidas. Eu teria um treco a qualquer momento. *Que Deus me ajude.* Porque não era justo falar aquilo para uma pessoa que você pode descartar facilmente. Nosso relacionamento era tão firme quanto prego na areia, ele podia me deixar a qualquer momento se assim fosse a sua vontade.

— Você sabe ser muito fofo quando quer — brinquei para tentar quebrar a tensão, fingindo que o que ele acabou de falar não era nada demais.

— Eu posso ser muitas coisas, Ava, apenas me dê oportunidade. A propósito, você está me devendo um pedido.

— Espera, pensei que o seu pedido foi me chamar pra vir pra cá.

— Não, não foi, não.

— Tudo bem, como eu sou boazinha e ontem foi seu aniversário, eu vou deixar passar. Qual é o seu pedido, senhor? — Girei o corpo para olhá-lo, me sentindo mais descontraída.

O rosto dele estava sério e sem precedentes para brincadeiras. Os seus olhos que refletiam o brilho do mar se direcionaram para a minha boca.

— Isso.

As mãos de Dion emolduraram o meu rosto brevemente antes de ele se aproximar mais, até os nossos lábios se tocarem. Fiquei atônita, olhando pra ele enquanto sua boca se movia contra a minha. Naquele momento, eu parecia uma tola que nunca beijou na vida.

Subi minhas mãos e as enrosquei em seu pescoço. Ele me beijou suavemente a princípio, saboreando cada mínimo centímetro de meus lábios, passeando suas mãos pela minha cintura. Segurei a nuca dele, trazendo-o para mais perto, e aprofundei nosso beijo, abrindo passagem para a sua língua esperta.

Conseguia ouvir o meu coração batendo dentro do peito. Não havia autocontrole, não havia dúvidas. Perdermos o ar sem perder o desejo, recuperamos o fôlego sem recuperar a sanidade e começamos tudo de novo e de novo, como se não fosse possível obter o suficiente daquilo.

Dion gemia cada vez que eu puxava o seu corpo para mais perto, tocando-o com ternura e queimando de anseio. Os seus lábios prepotentes exerciam uma pressão perfeita sobre os meus, delicados e ao mesmo tempo ferozes. A sensação de ter aquele homem maravilhoso me cobrindo com seus músculos me fez estremecer, não de prazer, mas porque eu sabia que, se um dia eu perdesse o calor de seu abraço, eu estaria perdida.

Ele parou de repente e me olhou ofegante, como se estivesse me vendo pela primeira vez. Era uma emoção sem igual olhar em seus olhos e perceber neles a mesma coisa que eu estava sentindo.

— Eu sabia que ia me arrepender de não ter te beijado antes. — Agarrei o corpo dele, sentindo seus pelos se arrepiando contra a minha pele.

Sentei sobre as pernas e abaixei os olhos quando Dion continuou me olhando. Ele logo pegou o meu queixo, fazendo com que eu levantasse a cabeça. Eu já sabia que ele faria isso, Dion não gostava de submissão. Ele me deu mais alguns selinhos e eu apoiei as mãos no seu peito, tentando controlar a minha respiração que continuava pesada e para ter certeza de que aquilo estava realmente acontecendo.

Contemplei-o, focando em seus olhos estritamente azuis; o que eu via me assustava. Nos instantes seguintes, eu soube que não importava o que aconteceria entre a gente, eu o amaria até o último dia da minha vida.

Ficamos em silêncio nos entreolhando enquanto as ondas nos envolviam por todos os lados, porém logo eu estava nos braços dele de novo, recebendo sua afeição em forma de beijos.

— Dion, é a sua mãe! — a voz de Carl soou atrás de nós, fazendo Dion levantar com um sobressalto.

Ele saiu correndo em direção à mansão e, pela voz do motorista, eu fiquei temendo pelo bem-estar de Camille.



Naquele dia, Carl me levou de volta ao apartamento enquanto Dion acompanhou a mãe ao hospital. Quando cheguei em casa, a primeira coisa que vi foi a cartela de anticoncepcional em cima da cama. Analisei a embalagem, pensando se eu seguiria o plano de fazer do meu ventre o abrigo para o filho de Dion. Ele me disse que eu não precisava tomar pílula com ele e, pela primeira vez, eu coloquei a minha confiança cem por cento em alguém. Então, após um tempo, fui ao banheiro e descartei todos os comprimidos dentro do vaso sanitário, dando descarga logo em seguida.

Só consegui dormir quando Dion me enviou uma mensagem dizendo que a mãe estava bem e que tinha sido apenas um susto. Dion ainda me pediu desculpas pelo nosso momento interrompido e, claro, respondi que a saúde de Camille vinha em primeiro lugar.

Pensei que seria uma noite tranquila, até o pesadelo vir me perturbar.


Capítulo 31

DION

É ela!

Definitivamente é ela!

Aquele pensamento não me saía da cabeça. Eu não conseguia analisar um relatório ou responder as dezenas de e-mails no computador. Só conseguia relembrar o fim de semana fantástico que havia passado com Ava e minha mãe.

O sorriso me fugiu dos lábios quando meus pensamentos se desviaram para a saúde da mulher que me deu a vida. Aparentemente, estava tudo bem com ela, porém, em questão de meses, eu a vi definhar bem na minha frente e ninguém foi capaz de achar o motivo.

Mal ouvi Andrew abrir a porta.

— Cara, o que está acontecendo? Estou recebendo uma ligação a cada minuto procurando por você.

Continuei olhando para a paisagem lá fora.

— Alô, Terra chamando... — Andrew continuou. — Consegue me dizer o que está acontecendo?

Olhei para ele calmamente, depois desviei os olhos. Eu não sabia como falar aquilo.

— Você se lembra de quando estávamos na faculdade, você me disse "eu espero que você se apaixone um dia e só assim você vai colocar o seu coração em jogo para ser partido da mesma forma que...".

— "...que você parte o coração dessas garotas". — Ele me fitou, ficando pensativo. — Você está apaixonado?

Era aquilo que eu também queria saber.

— Estou aberto a segundas opiniões.

— Hum, me deixe adivinhar, é aquela prosti... — Repreendi-o com o olhar. — Ava?

— Quem mais seria? Você sabe que eu nunca fui apaixonado por

Amber. Isso é bem constrangedor, na verdade — ponderei.

Pensar que eu havia me casado sem um sentimento concreto me fez lamentar, porque, no fim, eu havia gastado cinco anos de vida para cumprir uma vontade que não era minha.

— Realmente — concordou. — Há quanto tempo você e a Ava estão juntos?

— Fez três meses agora, no último dia 7. — Andrew arregalou os olhos como se estivesse assustado, a sua boca miúda acompanhou o movimento.

— Você sabe até o dia correto? — a voz dele era de incredulidade. — Essa porra tá séria mesmo!

— E aí? O que eu faço agora?

Andrew nunca foi bom em me aconselhar, mas naquele momento eu realmente precisava do meu amigo. Não sabia como prosseguir naquela situação.

— O primeiro de tudo é você não deixá-la perceber que você está caidinho por ela. Quando acabar o contrato, você vai levá-la de volta a Tenderloin e vai esquecer que ela existe.

Cocei a barba. Não era aquele tipo de conselho que eu estava esperando.

— Mulheres são pegajosas, elas te enlouquecem e te manipulam. São o demônio em forma de gente. Se você der mole, Ava vai te jogar no fundo do poço depois de pisotear o seu coração com salto quinze, o suficiente para você não conseguir mais se reerguer.

Analisei a figura sem fôlego de Andrew depois do relato assustador. Ele parecia querer externar as suas frustrações amorosas com o sexo oposto.

— Ainda estamos falando de mim? — Ele concordou com a cabeça sem muita certeza.

— Sintetizando, mulheres são todas iguais. — Dei de ombros, sabendo que não deveria levá-lo a sério. — E Camille como está?

— Já está em casa, conversei com ela agora pouco. Ah, já estava me esquecendo. Eu quero que você peça a gravação das câmeras do prédio onde Ava está.

— Quer? Por quê?

— Eu tenho a impressão de que Bruce tem ido lá. Tenho medo dele ameaçar ou querer fazer alguma coisa com ela.

— Tudo bem, então.

Liberei a linha do telefone e aguardei a enxurrada de ligações que viria a seguir enquanto Andrew se encaminhava para a porta.

— Pois não, Stacy — falei com a recepcionista. — FBI? Mande entrar agora. — Fiz um gesto para Andrew aguardar.

Levantei-me e fiquei aguardando o agente, muito ansioso para saber o que ele tinha descoberto.

— Senhor Volkmann — o policial me cumprimentou, logo depois ele cumprimentou Andrew.

— Quais são as novidades?

— A senhorita Webber acaba de ser presa — respirei fundo, tentando administrar as proporções a que aquilo chegaria.

— Ela foi presa aqui?

— Foi presa enquanto tentava sair da cidade.

— Então tudo aquilo de que vocês suspeitavam foi confirmado?

— Sim, senhor.

Meu Deus! Cobri os olhos com as mãos.

Olga Webber já estava sendo investigada há alguns anos, porém as investigações nunca saíam do lugar. Precisei estimular – com alguns montantes de dólares – a polícia federal a seguir a fundo os rastros que ela e sua quadrilha deixavam.

A mãe adotiva de Ava estava envolvida desde redes de prostituição infantil até tráfico de pessoas e ela era apenas uma das cabeças daquele

conluio nojento.

Uma sensação de soco no estômago me pegou quando comecei a imaginar tudo o que Ava sofreu até o ponto de não aguentar mais e fugir. Naquele momento, tudo o que eu queria era cuidar das suas feridas, entendendo por que ela nunca falou daquele assunto comigo antes.

Eu seria a sua salvaguarda se ela quisesse. Independente do nosso contrato, eu a deixaria saber que nunca a deixarei desamparada. Agora eu precisava colocá-la a par da situação.

— Agente Foster, eu realmente aprecio tudo o que você e sua equipe fizeram. Eu só preciso de mais um favor. Eu preciso que uma pessoa seja deixada de fora do julgamento e peço que não levem em consideração qualquer chantagem que Olga Webber fizer — olhei para Andrew. — Você sabe de quem eu estou falando, por favor, cuide disso pra mim.

Peguei o paletó pendurado na minha cadeira e pedi licença para os dois homens, que ficaram desconcertados com a minha saída. Liguei para o meu motorista, avisando-o que eu estava descendo. O trajeto até o prédio onde Ava ficava não foi demorado.

Antes de pegar o elevador, eu percebi uma silhueta que não me era estranha. O nariz arrebitado e os olhos tão azuis quanto os meus desceram pelas escadas. O elevador chegou antes de eu ver quem era aquele homem; eu tinha assuntos maiores para resolver.

Peguei as chaves do apartamento quando cheguei ao andar, elas nunca saíam do meu bolso.

— Ava?

Permaneci na sala, ainda procurando as palavras certas para dizer tudo que rodeava a minha mente. Cheguei à conclusão de que a forma direta era mais limpa e não deixava espaço para outras interpretações.

Ava apareceu, trazendo consigo o cheiro doce do seu sabonete de banho que já tinha virado o meu cheiro preferido no mundo todo. Ela vestia apenas um roupão e seus cabelos estavam pingando água. Meu coração sofreu um pequeno abalo quando ela sorriu ao me ver.

— Chegou mais cedo... não conseguiu parar de pensar em mim de novo, Senhor Collins?

Tentei dissipar a sensação calorosa que, só de ouvir a voz dela, me dava.

Claro e limpo, Dion.

— Olga acabou de ser presa.


Capítulo 32

AVA

Dion aguardou a minha reação. Demorei alguns segundos para me dar conta de que eu era incapaz de emitir algum ruído e as lágrimas pareciam ter secado. A única coisa que consegui fazer foi olhá-lo totalmente imóvel.

— Eu tomei a liberdade de procurar os podres de Olga depois que ela veio aqui vasculhar nossa vida e sou capaz de jurar que nunca vi um ser humano tão repulsivo — era notável o asco em sua voz.

— O que você sabe sobre ela? — perguntei com receio.

— Eu sei de tudo, Ava. Eu já tinha uma ideia, mas hoje tudo foi confirmado. — Abracei o corpo fortemente, sem conseguir olhá-lo. *O que ele vai pensar de mim agora?* — Eu só queria ouvir a sua história.

Balancei a cabeça fortemente.

— Não, você não quer ouvir.

— Eu quero, sim. Tudo o que diz respeito a você diz respeito a mim também. — Olhei ao redor, sem enxergar uma saída. — Ava, se vamos fazer isso, eu preciso e quero saber tudo sobre você, inclusive as partes ruins.

Engoli em seco, sentindo meu corpo esmorecer. A vida havia me ensinado, da pior forma, que eu estava sozinha no mundo, pois a única pessoa que sobrou para me proteger fez do meu corpo moeda de troca. E aquela pessoa me ensinou a ter medo, me fez temer que todos ao meu redor fossem como ela.

Só que ele apareceu. Um homem que me fazia estremecer da cabeça aos pés somente com um olhar. Suas órbitas azuis eram como um farol, me colocando de volta no caminho certo.

— Você quer perguntar como se fosse parte do nosso jogo? — Observei as suas feições e percebi que falei uma grande besteira.

— Não, eu quero que você seja espontânea comigo e, depois disso, você pode me pedir até o Taj Mahal que eu vou ficar feliz em te dar.

Fui em direção ao sofá maior próximo à televisão e sentei na beirada. Olhei o chão, pensando no que eu falaria primeiro. Levei as mãos até a boca,

percebendo, pela primeira vez, que elas estavam trêmulas. Logo senti as mãos de Dion envolvê-las e foi como se o seu toque me acalmasse, um toque capaz de acalentar a tormenta dentro de mim. Olhei em seus olhos pacientes e deixei transparecer todo o meu desespero.

— Desculpe, eu não sei como começar.

— Está tudo bem, eu sequer consigo me imaginar no seu lugar. Você não precisa passar por isso sozinha, você já aguentou demais. Preciso que entenda que nada do que você disser vai diminuir o meu afeto, certo? — Concordei. — Você quer um copo d'água? — Respondi que não, então Dion se acomodou no *puff* à minha frente e aguardou meu corpo relaxar. — Quando foi a primeira vez que... Olga te obrigou a fazer aquelas coisas?

Respirei fundo para não me afundar no pesadelo se formando aos meus pés. A pergunta catalítica havia sido feita.

Eu queria poder dizer a ele que, com doze anos, eu era uma miniadulta. Queria poder dizer que eu concordei com tudo que Olga me induziu a fazer. Queria poder dizer que não doeu e que eu não fiquei madrugadas ao relento, pensando em mil maneiras de tirar a minha própria vida.

Não foi apenas abuso do meu corpo, a minha alma também foi violentada sucessivamente enquanto eu não tinha a mínima noção da gravidade daquilo.

— Eu tinha acabado de completar doze anos. — Olhei para o chão para não ter que encarar a face de horror de Dion. — Antes disso, Olga já me perturbava com seus discursos, falando que não tinha dinheiro para comprar comida ou pagar as contas. Ela exigiu que eu desse jeito na situação, sempre reclamando que já estava velha demais para trabalhar.

Percebi que Dion desviou sua atenção de mim, diminuindo um pouco da tensão.

— Não sei quando eu mudei de ideia, mas eu simplesmente fiquei cansada de dizer não, achando que ela tinha se conformado. No início, eu sempre batia de frente com ela e dava um "não" incisivo, — enxuguei as lágrimas com a manga do roupão, que ainda estava molhado do banho — porém, com o passar do tempo, Olga foi entrando na minha cabeça com seu

discurso desagradável; as coisas que ela dizia começaram a fazer sentido. E quando ela me propunha, eu apenas ficava calada e ela entendia aquilo como um consentimento. — Sorri, não um sorriso de alegria e sim de vergonha e desespero. — Certa noite, um homem entrou no meu quarto, — as mãos de Dion apertaram as minhas — eu sabia o que ia acontecer mesmo antes do amigo de Olga começar a me tocar. Eu não gritei. Eu não saí correndo. Eu achava que, de alguma forma, aquilo era necessário.

Doía muito ter que reviver aquela noite, mas, se por pra fora tudo o que eu passei com Olga significasse superar, então era aquilo que eu faria.

— Passei muitos anos em conformidade com aquela situação. Eu não vivia naquela época, apenas sobrevivia, mas, em um certo dia, eu achei a foto dos meus pais que Olga havia tirado de mim e, naquela imagem, eu encontrei um motivo para lutar. Depois disso, eu comecei a juntar dinheiro sem Olga perceber. Eu me dei conta de que não merecia ter uma vida daquela. Então, eu fugi e, mesmo que nada tenha sido da forma que eu achava que seria, eu ainda tenho alguma esperança de ter uma vida normal de novo. Com Olga eu não tinha nada, nem a mim mesma — fechei os olhos com a triste constatação.

Dion se levantou e foi direto para a janela da sala, parecia um chefe de estado tendo que definir o futuro de seu país. Devia ser duro pra ele ouvir aquilo de mim e não poder fazer mais nada a respeito. Pouco tempo depois, ele voltou e me encontrou da mesma forma que havia deixado. Olhando para o seu semblante, era fácil perceber que ele não estava sabendo lidar com a situação e eu realmente não esperava que ele soubesse.

— Vem aqui. — Dion me puxou para cima e envolveu o meu corpo em um abraço afetuoso sem segundas intenções. As lágrimas voltaram ao meu rosto quando eu me senti totalmente segura em seus braços; eu me sentia em casa. — Me desculpe por não saber o que dizer, tudo o que eu queria agora era poder consertar isso. Infelizmente, é impossível lutar contra o passado, mas quero que saiba que eu não vou deixar Olga te machucar de novo e que Deus me ajude para não fazer nenhuma besteira no processo. — Ele distribui beijos suaves no topo da minha cabeça. — Te prometo, Ava. Eu não vou deixar mais ninguém te machucar.

Abracei-o mais forte, quase que querendo que as nossas peles se fundissem, talvez assim eu tivesse algo dele pra sempre.

Afaguei o rosto de Dion com as mãos, olhando-o fixamente. Sua visão era de um homem angustiado, afundado em determinação. Seus dedos longos limparam as minhas lágrimas. Ficamos daquela forma por um breve momento. Ele cuidando de mim e eu tentando demonstrar uma força que não tinha.

Pensei ter ouvido o interfone tocar, mas Dion parecia não ter ouvido nada, então acreditei ser ilusão da minha cabeça.

— Você não tem que fazer isso — expliquei com calma.

— Tenho, sim. Minha mãe sempre diz que devemos proteger as pessoas que amamos. — Abri um sorriso, agradecida, sem me apegar ao significado simbólico daquela frase. — Eu vou cuidar de você, você querendo ou não.

Continuamos nos entreolhando com afeição, como se tudo tivesse se resolvido. Eu ficava cada vez mais hipnotizada pelos olhos dele e pela forma como ele contornava o meu rosto com a mão levemente. Dion me beijou, massageando o meu cabelo como se eu tivesse uma dor ali que precisava ser curada. Eu amava tanto aquele homem.

A campainha do apartamento tocou, daquela vez tive certeza de que não era imaginação da minha cabeça.

Dion se esquivou de mim e eu segurei o seu braço. Queria que ele não fosse atender, estava um momento tão bom entre nós dois e, sempre que alguém aparecia no apartamento, as coisas ficavam nebulosas.

Ele foi atender mesmo assim; fui logo atrás. Dion abriu a porta e fomos surpreendidos por Amber, que entrou enfurecida, vindo na minha direção. Mal consegui me preparar para o seu ataque, apenas me dei conta quando senti a minha face queimando depois do tapa que ela me deu.

— Você me jurou, Ava! — gritou magoada.

Seus olhos correram pelo meu corpo. Eu estava usando apenas um roupão e o ex-marido dela estava sem o paletó. Ela sabia juntar dois mais

dois.

Dion segurou Amber ao perceber o que estava acontecendo.

— Como você chegou aqui? — ele perguntou exaltado, puxando a ex-mulher para longe de mim.

— Bruce tinha razão, você é igualzinho seu pai!

Foi a última coisa que ela falou antes de sair pela porta suspirando ódio. Eu e Dion nos olhamos confusos depois que ela se foi.

Ele me deu uma olhada triste e murmurou algo sobre tomar as rédeas da situação. Com alguns passos, ele se aproximou de mim e deixou um beijo na minha testa. Não disse nada, mas meus olhos imploraram que ele não saísse, porém só Deus sabia o que Amber poderia aprontar com a constatação de que eu e Dion não éramos patrão e empregada.

— Tranque essa porta e não deixe ninguém entrar.

Ele saiu atrás dela, me deixando sem norte.


Capítulo 33

DION

— Agora não precisa mais vir atrás de mim, Dion.

Corri para tentar alcançar Amber, já que ela saiu gritando todo o seu descontentamento pelos corredores. Só consegui alcançá-la perto do elevador.

— O que Bruce disse a você?

Na mesma hora, a lembrança de ter visto um homem muito parecido com ele no prédio me veio à tona.

Inferno!

Só o fato de ele não ter ido perturbar Ava no apartamento já me deixava um pouco tranquilo.

— Ele disse que você tinha contratado uma vagabunda e que a mantinha a pão de ló nesse apartamento — os olhos dela eram puro fogo, queimavam de fúria. — Pensei que você mantinha esse lugar porque queria espaço e não que usava para me trair.

Comecei a organizar as coisas na minha cabeça. Eu teria que resolver a lambança de pessoas entrando no prédio sem serem anunciadas, provavelmente comprar outro lugar pra Ava ficar. Contudo, no momento, deixei de lado as acusações de Amber e foquei no que mais me assustava naquela história. Bruce sabia mesmo de Ava. A informação avançou pelo meu cérebro com o toque de uma sirene.

Apertei o botão do térreo enquanto Amber despejava todo seu aborrecimento em cima de mim.

Respirei fundo para lidar com aquela situação da melhor maneira possível. A minha ex-esposa era o menor dos meus problemas. Eu estava sedento para ter uma conversa particular com Bruce e mostrar a ele porque ele não deveria se meter no meu caminho.

— Primeiro de tudo, Ava não é uma vagabunda. Nós nos conhecemos e... aconteceu.

— Eu não me importo. Ela dormiu com você enquanto ainda éramos

casados e teve a audácia de me jurar que não. Além de vadia, é uma mentirosa!

— Já chega, Amber! — vociferei, deixando-a espantada. — Se você precisa de alguém para culpar, então culpe a mim. Ava não sabia que eu era casado quando ficamos pela primeira vez.

Acompanhei seus gestos, a zanga dela só aumentava.

— Você quebrou a sua promessa, então, e não teve a mínima decência de me contar? — O olhar negro dela logo foi tomado por lágrimas de rancor.

Soltei um suspiro lentamente, sem saber como tudo aquilo poderia chateá-la tanto. O nosso casamento havia terminado há meses; não era como se eu tivesse dito que a amava em um dia e no outro procurado Ava. Eu me lembrava de ter falado com ela que não sairia com nenhuma mulher até o divórcio ser finalizado, mas não prometi nada.

Amber usou a parede do elevador de suporte enquanto murmurava seus desalentos.

— O que eu poderia fazer para te manter comigo, Dion? O que ela tem que eu não tenho?!

Olhei para o teto, balançando a cabeça. Uma discussão como aquela era tudo o que eu não precisava.

A porta do elevador se abriu na recepção do prédio.

Quando chegamos ao lado de fora, eu orientei Amber a entrar no carro onde Carl aguardava. Percebendo a situação delicada, o motorista não questionou o nosso destino, apenas partiu e perambulou o precioso Maybach pela cidade.

O clima tenso foi se desfazendo aos poucos.

— Éramos jovens demais, Amber — comecei com a voz mais suave que conseguia fazer. — E você pode tentar se convencer que não, mas nós dois nos casamos apenas para suprir a vontade de nossos pais.

Ela concordou com a cabeça sem olhar pra mim.

— Você é uma mulher maravilhosa, mas... o que eu posso dizer... eu

não te amei durante os cinco anos do nosso casamento e não te amo agora — admiti.

As fungadas dela durante o choro eram sufocantes, mas eu precisava dizer o que tinha que ser dito.

— Eu estou disposta a ser quem você quiser que eu seja. Você não me ama, mas eu te amo, Dion. Sei que nunca te disse isso, mas eu te amo. Me diz se vale a pena lutar por você?

Virei-me para a janela, ignorando aquela súplica tardia. Percebendo a minha indiferença, ela retirou o cinto de segurança e se atirou aos meus pés.

Merda!

— Amber! Por favor, não faça isso consigo mesma — repreendi sua atitude. — Não vale a pena, não existe a menor possibilidade de nós reatarmos. — Peguei em seu braço e a puxei de volta para o banco. Ela escondeu o rosto atrás das mãos, provavelmente se sentindo humilhada. — Eu não posso sentir nada que o meu coração não queira sentir. O amor é mais do que promessas, Amber. Ele queima, às vezes machuca, mas ele acontece. Consegue entender o que eu quero dizer? O amor não aconteceu para nós dois e eu realmente espero que você encontre alguém para ser correspondida. Agora, olha pra mim. — Relutante, ela fez o que pedi. — Você vai encontrar uma pessoa com as peças certas que se encaixam no seu coração e essa pessoa não sou eu.

Eu, com certeza, falei aquilo mais pra mim do que pra ela. Eu definitivamente não sabia muito sobre amar outra pessoa como mulher. Lá no fundo, eu desconfiava que estava prestes a aprender.

Aquele pensamento sobre amor me deixou com mais dúvidas do que respostas. Eu já tinha em mente quem procurar para falar sobre aquilo, mas no exato momento pedi que Carl deixasse Amber em sua nova casa e, depois, ele me levou até a casa do meu pai.

Bruce estava com gana de irritar os meus dias. Ele queria jogar comigo, mas naquele jogo eu já era mestre.



— Cadê ele? — falei, invadindo a mansão do meu pai.

As empregadas dele andavam apressadas atrás de mim, dizendo que eu não deveria estar ali.

— Dion, o que faz aqui? — a voz de Paul surgiu de uma das portas.

— Eu vim ter uma conversinha com o seu bastardo.

— Olha a forma que você se refere ao seu irmão, essa é a casa dele.

— Ele está lá em cima? — questionei, olhando para a escada.

— Claire, peça que Bruce desça aqui agora, — meu pai pediu para uma das empregadas — mas, se você veio aqui atrás de confusão, fique sabendo que...

— Ficar sabendo do quê? Só estou fazendo o que ele sempre fez comigo. É ele quem gosta de invadir a propriedade das pessoas.

Vi meu pai suspirar fortemente, mas no fundo ele concordava.

— Como está sua mãe? Soube que ela tem ido bastante ao hospital — falou baixo, como se não quisesse que ninguém mais ouvisse.

— Agora ela está bem; você nunca se preocupou com ela, não vai ser agora que vai, não é...

Procurei a janela mais próxima para não respirar o ar pesado que ficava sempre que nos encontrávamos.

— Eu queria ter feito mais por vocês — Paul comentou, abaixando a cabeça. — E aquela garota bonita da festa, ela é sua namorada? — questionou, mudando de assunto.

— Isso não é da sua conta.

Ele resolveu se afastar e passou a me olhar de longe com um ar infeliz.

Eu só queria entender porque eu me sentia tão mal bloqueando o meu

pai nas nossas conversas. Não deveria me arrepender, afinal ele foi um grande babaca durante uma boa parte da minha vida, mesmo assim, era desconfortante ignorar o meu próprio pai. Eu não me sentia bem quanto aquilo.

— É uma pena, porque ela parecia ter te deixado feliz naquela noite. — Fitei-o com uma expressão interrogativa. — Você pode pensar que não, Dion, mas a minha única preocupação até o dia da minha morte será a felicidade dos meus filhos.

Abri um sorriso debochado.

— Não vem com essa, isso serve perfeitamente pra Bruce, não pra mim.

E por falar nele...


Capítulo 34

DION

— Olha só quem veio me ver — a voz irônica de Bruce surgiu no topo da escada.

Ele desceu com a aparência de alguém que passou o dia inteiro em cima da cama sem fazer nada produtivo.

— Eu preciso do seu escritório emprestado — avisei Paul e fui em direção ao cômodo onde meu pai ainda fazia algumas reuniões.

Entrei na sala que era bem ampla e confortável. Meu pai veio junto e logo atrás, Bruce.

— Essa conversa não inclui você, pai.

— Da última vez que vocês conversaram, Bruce saiu com alguns dentes a menos. — Sorri internamente de satisfação.

— Não vai ter agressão hoje — deixei claro.

A não ser que ele mereça.

Paul deixou o escritório e fechou a porta. Bruce já estava atrás da mesa, sentado na enorme cadeira executiva, tentando manter uma pose confortável, mas conforto era tudo o que ele não tinha quando eu estava por perto.

— Me deixe adivinhar, você está aqui por causa de uma bela moçoila de olhos verdes acastanhados ou seriam castanhos esverdeados? — Colocou a mão no queixo, fingindo dúvida.

Aproximei-me da mesa e coloquei uma palma da mão sobre ela, a outra permaneceu no bolso lutando para não ir de encontro ao rosto do meu irmão. Não gostei das palavras que saíram de sua boca, muito menos de como elas foram proferidas.

Se controle!

— Quem diabos você está pensando que é? Achei que tivesse deixado claro que eu não queria saber de mais nenhum vestígio da sua existência, e o que você faz? Invade o meu escritório, a festa do meu banco e o meu prédio. Queria tentar entender por que você ainda insiste nessa história ridícula de

querer me desafiar. — Uma sobrancelha dele se ergueu em sinal de audácia. — Você sabe que a única coisa que consegue com isso é me irritar.

— A gente se contenta com o que pode, irmão.

— Bruce, o que você faz durante o dia além de fofocar como uma velha? Aposto que deve ter um alvo com a minha cara no seu quarto, onde você tenta me acertar com um dardo pra diminuir a sua frustração. — Ele não disse nada, parecia ter murchado completamente. — Onde está a sua coragem agora?

— Você acha mesmo que a minha vida gira em torno de você, não é?

— Então me diz o porquê de conversar com Amber dando a entender que eu dormi com outra mulher antes do nosso divórcio?

— E por que não contar? — Cerrei os olhos para observar até onde iria aquela insolência. — Você traiu sua esposa com uma prostituta. Tem sorte de eu ter contado só pra ela.

— Você achou que iria conseguir o quê? Me difamar? Você já tentou fazer isso em outras ocasiões e não deu certo.

Bruce fez uma pausa e me olhou de forma misteriosa.

— Você vai se dar mal se continuar olhando apenas a superfície — ele suspirou e olhou para o teto, filosofando. — O estrago maior pode já ter sido feito, mas você ainda não se deu conta porque não enxerga um palmo abaixo do seu nariz.

— Diz logo onde você quer chegar — pedi impaciente.

— Não, Dion... você é o filho prodígio. Logo vai entender.

— Por que você tem que ser assim? — Abri os braços, lutando para manter o equilíbrio. — Sabe muito bem que eu não fui mais privilegiado do que você. Tivemos as mesmas oportunidades.

— Você nunca foi filho bastardo, então não, não tivemos as mesmas oportunidades.

— Mas tem o sobrenome Volkmann, não é disso que você se orgulha? — Ele assentiu sem raciocinar muito. — Então por que você se tornou... isso?

— Apontei em sua direção. — Por quê, Bruce? Nosso pai nunca te ensinou o que é certo e errado?

Enquanto ele se levantava e contornava a mesa, me lembrei que, quando éramos apenas adolescentes, Paul achou uma boa ideia tentar nos aproximar de novo. Aquela foi a última tentativa e fracassou como sempre. Bruce teve o apoio do meu pai em momentos que eu não tive e, mesmo assim, ele cresceu com uma inclinação para a maldade.

Captei a visão dele circulando e se apropriando dos gestos e do tom de voz que fazia dele uma das pessoas que eu menos suportava no mundo inteiro.

— Tudo isso por causa de uma puta que você pegou no bairro mais podre da cidade?

Minhas mãos reagiram àquele veneno e, momentos depois, eu estava com Bruce na parede, apertando o seu pescoço como se fosse um animal pequeno e fraco. Ele tentou escapar, mas empurrei o corpo dele na parede e voltei a segurá-lo pelo pescoço.

— Do que você tem medo que eu faça com ela, Dion? — perguntou com dificuldade. — Me responda! Do que você tem medo?!

— Nunca mais apareça na minha empresa, no meu prédio ou em qualquer outro lugar que eu coloco os meus pés — aumentei meu tom de voz. — Eu já estou cansado dos seus joguinhos. Da próxima vez que você pisar na bola, eu vou te colocar no lugar de onde você *nunca* deveria ter saído.

Escutei a porta ser aberta e nosso pai entrar feito um furacão.

— Por que você está fazendo isso, Dion? Ele já foi inocentado, não deve mais nada pra justiça — ele gesticulou com o indicador no alto. Quando viu que eu estava estrangulando seu precioso filho, ele arregalou os olhos. — Solte ele! Você quer matar seu irmão?!

Soltei Bruce e o deixei de lado para responder meu pai.

— Foi inocentado porque o dinheiro que você me pediu emprestado foi usado para calar a boca de todas aquelas vítimas. Você foi tão culpado quanto ele e ainda teve coragem de me arrastar junto — explanei, desenterrando

todos os podres que aqueles dois viviam tentando esconder.

— Eu não te arrastei pra nada, por isso que não te contei naquele dia.

— Mas eu sabia, desde o momento que você colocou os pés no meu escritório, que esse daí tinha feito algo de muito grave, senão você não iria me procurar — coloquei a mão na cabeça, sabendo que trataria de um assunto que ainda me tirava o sono. — Simplesmente não posso acreditar em como você consegue deitar à noite e dormir sabendo que tem um criminoso sob seu teto. — Cerrei os olhos. — Cadê a sua esposa, Paul, para me dizer como ela se sente apoiando um maníaco dentro da própria casa?

Era difícil até pra mim acreditar naquelas palavras, não entrava na minha cabeça que o meu pai armou toda uma situação para que o seu filhinho querido não fosse preso, utilizando o meu dinheiro como escudo. Era intragável.

— Já chega, Dion!

Nesse momento, Bruce se levantou e tentou mostrar alguma valentia.

— Eu ferrei você! — gritou detrás do nosso pai, soltando uma risada mórbida. — Eu ferrei você!

As palavras saíram pesadas, havia um certo tom de exaltação.

— Fantasie isso quantas vezes quiser, porém a realidade é que eu estou no melhor momento da minha vida e você nunca, escute bem, nunca saberá o que é isso.

— Dion, saia daqui e nunca mais apareça aqui de novo! Não quero mais você aqui na minha casa.

— É, eu vou mesmo. Não suporto respirar o mesmo ar que vocês por muito tempo. Você já está avisado que, da próxima vez que chegar perto da minha casa, do meu apartamento ou de qualquer pessoa com quem eu mantenho contato, eu não vou ter piedade em mover céus e infernos pra te colocar dentro de uma cadeia, que é onde você deveria estar agora. Não deveria ter me provocado, Bruce. — Virei novamente para Paul. — Quanto a você, fique sabendo que a sua parcela de culpa é tão grande quanto a dele por deixar esse cara à solta.

Deixei a sala com a impossibilidade de permanecer mais um segundo na mesma atmosfera que eles.

Saí da casa do meu pai ainda transtornado por ter que tirar do baú uma história que eu deveria ter enfrentado há alguns anos e fui direto para a casa da mulher que poderia me aconselhar sobre qualquer assunto, da melhor maneira.

Minha cabeça latejava, ainda sentindo os efeitos da conversa na casa do meu pai. Quando avistei minha mãe na varanda à minha espera, o desconforto se desfez.

— Eu preciso conversar com você — informei antes de ela dizer qualquer coisa.

— Sobre?

Respirei fundo.

— Amor. — Um sorriso atravessou o rosto dela, como se já esperasse aquilo.

Depois de me aconchegar em uma poltrona na sala de estar, a minha mãe me deu sinal verde para começar. Senti-me um pouco tonto ao lidar com dois assuntos completamente diferentes em um curto espaço de tempo.

— Eu me sinto estranho, mãe. Há um monte de coisas na minha cabeça... Preciso de ajuda pra fazer a coisa certa.

— O que você quer dizer com isso, filho?

— Não sei ao certo, só sei que desde que... — não soube como continuar.

— Ava entrou na sua vida, você se sente diferente — ela completou, organizando as minhas ideias em palavras.

— Mãe...

— Dion, me diz o que é tão complicado? Você está perdidamente apaixonado por ela, por que não aproveitar isso?

— Ava é o tipo de mulher que não é muito bem aceita na sociedade, muito menos na nossa.

Eu não queria dizer diretamente que Ava era prostituta.

— Seja claro comigo. Por que a nossa sociedade não aceitaria um relacionamento entre vocês?

Remexi-me na poltrona, pensando no que eu diria.

— Eu paguei para ir pra cama com ela.

— Oh! — A expressão de assustada da minha mãe já era esperada. Ela olhou de um lado para o outro e deu sorrisinho nervoso. — Olha, se você não tivesse me dito, eu nunca imaginaria que Ava fazia essas coisas para sobreviver.

— Ela gosta tanto de você, mãe. Por favor, não a trate diferente a partir de agora.

— E como eu poderia não gostar da mulher que faz os olhos do meu filho brilharem desse jeito? — Ela se levantou e veio até mim, ergui-me diante de seus braços estendidos. — Eu sou tão grata por ela ter entrado em sua vida. Nada vai mudar, Dion.

— Ela provavelmente está me esperando e eu não sei o que fazer.

— Filho, você já supriu as vontades dos seus pais para se sair bem diante dos outros empresários dessa cidade. Você se casou, não por amor, mas por achar que uma aliança com a família de Amber era tudo o que precisava para fazer a sua empresa crescer. Você já ouviu essa parte — cutucou a minha testa suavemente — e não deu certo. Agora, você precisa dar voz ao seu coração — disse, por fim, tocando o meu peito. — Diz pra mim o que ele está dizendo, o que o seu coração está pedindo para você fazer?

Eu não estava acostumado a falar dos meus próprios sentimentos, por isso optei por ter aquela conversa com a minha mãe. Ela me conhecia como ninguém e poderia preencher as lacunas de dúvidas que eu tinha, sem que eu precisasse sequer questionar.

— Eu sei exatamente o que ele quer fazer.

— Então faça! — reforçou ela.

Abracei-a com cuidado, sentindo o seu corpo mais debilitado do que

deveria.

— Mãe, já não está na hora de procurarmos outro médico? A senhora parece tão fraca.

— Está tudo bem, querido. Só estou precisando de algumas vitaminas. Agora, vá. — Analisei as suas feições, ela parecia despreocupada com qualquer coisa.

Peguei o celular do bolso enquanto me despedia dela, mandando uma mensagem para Carl logo em seguida.


Capítulo 35

AVA

Faziam algumas horas que Dion havia saído. Horas de incerteza.

Ele sabia agora sobre o meu passado. Dion merecia mais do que eu poderia oferecer e talvez Amber tenha mostrado aquilo a ele. O próximo passo era me jogar para escanteio, afastar-me como se eu fosse uma sujeira que podia ser facilmente varrida para debaixo do tapete.

A minha insegurança era algo fora do comum, mas era tão difícil acreditar que coisas boas aconteceriam comigo depois de tudo.

Abrir-me com Dion deveria ter sido um processo reconfortante, parecia ter sido no começo, só que agora não tinha certeza de mais nada. Eu abri o meu coração e esperei que Dion o curasse, que o fato de eu ter sido abusada desde a adolescência fosse pequeno diante de um sentimento maior. Eu o ouvi dizer que tudo ficaria bem, mas ele sequer estava ali comigo.

Na medida em que o tempo passava, o sentimento de rejeição foi tomando cada vez mais espaço dentro do meu coração e aquilo fazia com que eu voltasse a me sentir suja como antigamente, suja de algo que nunca se limparia.

A cada minuto passado, eu olhava no relógio para ver o quanto eu tinha conseguido ficar sem Dion. Eu precisava dele mais que tudo; eu murchava sem tê-lo por perto; ele me tirava o ar até quando estava longe.

A noite caiu sem que eu pudesse aquietar o caos em meu coração.

Enquanto olhava pela janela e deixava meus pensamentos flutuarem para longe, percebi meu celular tocando; era uma mensagem de Carl. O motorista de Dion me aguardava para me levar até ele. Fiquei olhando para a tela um bom tempo, tentando adivinhar o que iria acontecer.

Coloquei uma roupa e desci. Cumprimentei Carl enquanto ele ligava o motor do carro.

Nem me virei para admirar a estrada, parecia que o chão foi tirado de mim e eu estava a caminho da confirmação. Levou aproximadamente dez minutos para o carro estacionar diante da portaria de uma mansão exorbitante. Carl falou brevemente no telefone e o portão foi aberto.

Por favor, que não seja o que eu estou pensando.

O veículo parou bem perto da porta principal, logo depois, o motorista pediu para eu descer. Minhas pernas bambearam ao deixar o carro, fiquei parada esperando o que viria a seguir.

Meus olhos captaram a estrutura moderna do lugar. Como já era noite, eu não conseguia pegar muitos detalhes, mas a mansão era toda branca e tinha inúmeras janelas de vidro refletindo a luz que vinha da lua.

Carl foi em direção à porta, fui junto.

— Que lugar é esse?

— É a casa do Sr. Volkmann.

Ah, droga!

— Ele está aqui?

— Sim, ele me pediu para buscá-la.

Engoli seco, tentando imaginar o que de tão grave devia ter acontecido para Dion pedir pra me trazer até sua casa.

Entramos e, logo depois, Carl me orientou a ir com outra mulher. Ela estava na meia idade e se vestia como as empregadas de novela mexicana. Evitei fazer perguntas ou reparar no lugar ao meu redor, a única visão que tive foi os meus pés enquanto eu subia as escadas.

— O Senhor Volkmann pediu para que você o aguardasse aqui. — A mulher abriu a porta do cômodo, me incentivando a entrar. Após isso, ela fechou a porta e saiu andando sem ao menos me dar a chance de questionar algo.

Legal, Dion escolheu o quarto dele para me dar um pé na bunda, lamentei em meu subconsciente.

Cinco minutos se passaram, mas pareceram uma eternidade. Cansei de ficar em pé e sentei na cama, na mesma hora uma porta se abriu e Dion saiu por ela, usando uma calça moletom e uma toalha em volta do pescoço.

— Oi — falei, levantando-me rapidamente.

Fiz minhas pernas ficarem quietas para eu não correr até ele.

— Não sabia que você chegaria tão rápido — ele deu uma última enxugada no cabelo e se livrou da toalha, parecia cansado. — Ava, desculpe não ter te ligado antes.

— Não se preocupe — olhei para baixo, depois o encarei de novo. — Acho que precisamos conversar.

— Eu sei. Eu não apareci antes porque eu precisava ajustar meus pensamentos e, de alguma forma, resolver tudo isso que está acontecendo.

Ele foi se aproximando à medida que eu também fui me aproximando dele, sendo atraída feito ímã. Dion parou quando estávamos a um palmo de distância.

— Me deixe falar primeiro, porque eu preciso por pra fora tudo o que está na minha cabeça, senão vou enlouquecer. — Ele colocou as mãos dentro dos bolsos da calça, depois tirou e olhou pra mim, parecendo desconfortável. Comecei a pensar no pior. — Ava, você talvez não perceba, mas, toda vez que estou com você, eu sinto como se nada pudesse me atingir ou nada pudesse me fazer mais forte. — Olhei para ele confusa, pendendo a emoção. — E toda vez que você me olha como está olhando agora, eu não sei como agir. Ao mesmo tempo que é uma sensação encorajadora, eu tenho medo, porque eu nunca me senti assim antes. — Abri a boca para tentar dizer algo, mas ele encostou um dedo em meus lábios delicadamente. — Por favor, me deixe terminar — suspirou. — Eu decidi comigo mesmo que, a partir de agora, eu vou fazer as coisas que eu quero e não o que as pessoas exigem de mim. E eu quero estar com você, ser o homem que você merece, o homem que vai te respeitar, te compreender, entender os seus limites, te impulsionar, te inspirar... Eu já queria isso antes, mas agora está tão claro pra mim.

Estremeci com a verdade sendo transmitida em sua voz e em seus olhos. Eu não estava pronta para ouvir algo daquele tipo de Dion.

— Não sei o que isso significa ou o que será de nós daqui pra frente — ele continuou parecendo espantado ou encantado. — Só sei que isso é algo que eu quero descobrir. Resta saber se você aceita descobrir comigo — perguntou, parando na minha frente.

Percebi minhas sobrancelhas se contraindo, eu tinha mesmo escutado tudo aquilo ou estava apenas sonhando?

Se fosse sonho, eu gostaria de viver nele.

Diminuí a distância entre nós. De forma tranquila, acariciei sua nuca e ele reagiu suspirando, puxando a minha cintura. Nossos lábios estavam perigosamente perto, tomei a iniciativa e avancei, mesmo ele se mostrando relutante, querendo uma resposta.

Dion afundou suas mãos em meus cabelos e, antes de nossas bocas se fundirem, ele me parou e fixou o seu olhar em mim.

— Consegue ver? — Segurei mais forte em seu corpo. — Você está me deixando louco e, *porra*, eu gosto disso.

Meus olhos aflitos não conseguiriam suportar as lágrimas por muito mais tempo, a minha voz não saía.

— Por favor, diz alguma coisa — ele me pediu com humor.

— O que você quer que eu diga? Eu nunca nem pensei na possibilidade de que isso acontecesse algum dia e agora eu não sei o que dizer.

— Só diz que eu não estou ficando louco em imaginar nós dois juntos independente do contrato.

Neguei incessantemente.

— Não, você não está louco — suspirei, abrindo um sorriso. — Dion, você foi o único homem que fez o meu corpo e o meu coração sentirem algo verdadeiro. Eu quero a mesma coisa que você.

Ele segurou o meu rosto entre suas mãos de uma forma que mostrasse toda a sua devoção.

— Eu vou te beijar agora e, quando isso acontecer, não haverá mais escapatória, senhorita Banks. Tem certeza que não quer fugir? — Balancei a cabeça dizendo que não. Ele acariciou o meu rosto, traçando seus dedos de cima abaixo.

— Fugir é a última coisa que quero agora. — A ansiedade em seus

olhos se transformou em ternura, então, ele me beijou com carinho. Um beijo carente, molhado e demorado.

O choro descendo pela minha face deixava nosso beijo com um leve sabor salgado, mas nada daquilo importava. Eu o amava.

Sua língua se movimentou mais ferozmente contra a minha e o calor que subiu em mim era fruto do nosso desejo. Dion me ergueu do chão e eu abracei a cintura dele com as pernas.

Nossos lábios não se separaram – quem precisava de fôlego? Eu só precisava dele.

Dion me colocou na cama e retirou a minha blusa. Corri as mãos pelo seu peitoral ao mesmo tempo em que ele acariciava meus seios por cima do sutiã.

Ele me devia um pedido, mas pensei que podia pedir algo mais elaborado devido a interação que estávamos tendo aquela noite, sem fazer parte do jogo.

Capturei o rosto dele, forçando-o a me olhar.

— Faça amor comigo. — Fitou-me confuso.

Eu não queria só sexo. Eu queria sentimento, gestos carinhosos e tudo mais que eu achava que tinha direito.

— Por quê?

— Porque... — senti uma lágrima brotar. — Porque eu quero me sentir pura de novo.

Dion me analisou, captando a minha expressão corporal, entendendo que aquilo não foi um pedido e, sim, uma súplica.

Será que era cedo demais para aquele pedido?

Após alguns olhares enigmáticos, os seus lábios cobriram os meus e se movimentaram lentamente. O toque de sua boca percorreu todo o meu corpo, eram suáveis e cheios de carinho. Enfim, ele se pôs entre as minhas pernas e entrou em mim devagar, capturando meus gemidos com seus beijos enquanto eu fechava meus olhos dolorosamente por nunca ter sentido nada como

aquilo. O ardor daquele momento sublime explodiu em minhas veias e transbordou pelos meus olhos.

As mãos de Dion moldavam o meu corpo, como se ele fosse capaz de tirar todas as minhas incertezas por onde o seu toque percorria em minha pele, transformando o meu medo em amor. Eu jamais imaginei que poderia sentir algo tão poderoso quanto estava sentindo no momento. Jamais imaginei que seria amada daquela forma.

— Dion, eu amo você — falei, sabendo da minha necessidade de externar os meus sentimentos enquanto ele estocava suavemente. — Amo tanto...

Ele pairou sobre mim, mantendo o contato dos nossos corpos e direcionando o seu olhar azul para o meu. Seus lábios tocaram os meus novamente, depois de dar um sorriso satisfeito, e ele me fez transbordar de prazer. Nossos corpos entrelaçados, suados, tornando-se um só.

Cheguei a pensar que, com ele ao meu lado, eu não precisava de mais nada. Ele me completava, me fazia acreditar que a minha história não estava perdida e eu poderia voltar a ser a Ava de antes, uma que tinha fé nas pessoas.

Passamos a noite nos dedicando um ao outro com sorrisos bobos e declarações de amor. Eu estava no céu. Entre beijos sonoros e carinhos trocados, eu acabei deitada sobre o corpo dele enquanto Dion alisava o meu cabelo delicadamente. Eu sempre imaginei nós dois daquele jeito, como nos filmes românticos, e agora tinha chegado o momento.

Meu olhar e o dele não se desencontravam e não nos sentíamos intimidados com aquilo.

— Como vai ser daqui pra frente? — sussurrei.

— Ainda não sei. — Olhei para ele com receio. — O que foi?

— Eu tenho uma coisa importante pra te dizer.

— Então diz.

— Eu fiz a minha escolha e não estou mais tomando anticoncepcional. — Houve um silêncio antes de Dion virar meu corpo para ele ficar por cima.

— Você confia em mim, então? — Balancei a cabeça positivamente, percebendo um sorriso grandioso tomar seus lábios. — Ava, isso é tudo o que eu queria. Sua confiança.

Dion deu um beijo no dorso da minha mão antes de voltar a relaxar. Deitei a cabeça abaixo de seu pescoço, ainda sem acreditar nas coisas que aconteceram.

— Eu tenho medo de dormir e acordar sabendo que foi tudo um sonho — confessei, sem ter motivos para esconder meus sentimentos dele.

— Durma e não se preocupe. Quando você acordar, eu vou estar bem aqui. — O silêncio reinou durante um tempo, até a voz de Dion se sobressair. — Ava?

— O quê?

— Eu também te amo.

Ele me deu um último beijo antes de eu cair no sono com um sorriso no rosto, embalada pelo som das batidas do seu coração.



Ao abrir os olhos, a primeira visão que eu tive foi Dion de cueca box carregando uma bandeja de café da manhã.

É aqui o paraíso?

— Bom dia. — Ele deixou a bandeja no meio da cama e me beijou, alisando meu rosto e abrindo um sorriso gigante. — Dormiu bem?

— Perfeitamente bem, e você? — Espreguicei-me.

— Como um recém-nascido. — Ele ainda tinha um sorriso prepotente quando foi em direção ao armário e pegou um terno. — Eu preciso trabalhar. Você quer ficar aqui ou quer voltar para o apartamento?

— Eu quero ir aonde você for. — Tirei uma torrada e passei geleia de morango, sentindo-me boba ao extremo.

Faria qualquer coisa desde que fosse com ele. Na verdade, eu queria sentar e conversar sobre aquela nossa nova situação e esclarecer tudo o que ainda não tinha ficado claro.

Depois de colocar a roupa, Dion se pôs ao meu lado. Tomamos café e ele sempre me olhava de soslaio, parecia preparar terreno para fazer uma grande revelação.

— O que é? — questionei já um tanto preocupada.

— Eu vou precisar viajar para Nova Iorque. Ficarei lá por algumas semanas.

— Semanas?

— Sim. — Olhei para baixo, tentando me encaixar naquela equação.

Dion suspirou, fazendo suspense.

— Você não conhece Nova Iorque, conhece?

— Não. — Balancei a cabeça freneticamente. — Só nos meus sonhos.

— Então vai conhecer.

Coloquei as mãos na boca para abafar o gritinho que soltei.


Capítulo 36

DION

Beijei o rosto de Ava antes de sair da cama. Por mais que eu tentasse fazer do nosso voo o mais confortável possível, ele foi bastante cansativo, principalmente pra ela que nunca tinha viajado de avião.

Enviei uma mensagem para o motorista pedindo que ele fosse a alguma loja comprar algo para tomarmos café, já passava das quatro da tarde. Não demorou muito até que Robert, o motorista que eu havia contratado para me servir ali em Nova Iorque, chegasse com o meu pedido. Depois de dispensá-lo, eu peguei um copo de café e fui apreciar a vista de Nova Iorque através da janela panorâmica.

Podia parecer estranho, mas nunca gostei muito da cidade. Sempre preferi São Francisco por ser o meu lar, a cidade em que eu cresci e que vi se transformando. Havia semelhanças entre as duas, em São Francisco tinha a ponte Golden Gate, ali em Nova Iorque tinha a Brooklyn Bridge. Ambas tinham sua porção costeira e o ar de cidade grande, mas Nova Iorque conseguia ser mais em tudo. Populosa demais, caótica demais, fria demais. Mesmo assim, era praticamente inevitável trazer a administração do banco para lá.

Havia tempo que eu vinha recebendo propostas indecorosas dos empresários da cidade e eu não tinha muitas opções além de fechar negócio. No mundo empresarial existia uma regra muito simples: ou você cresce ou você recua. Recuar não fazia muito meu estilo.

Bebi mais um gole do café, observando Ava se revirando na cama. Pensei em acordá-la para comer alguma coisa, já que ela não comeu nada durante o voo.

O meu telefone bipou na mesa da cozinha. Fui até lá e vi que era uma mensagem de Andrew. Deixei o copo em cima do balcão e peguei o celular.

"Consegui as gravações do prédio, devo enviá-las para o seu e-mail?"

Soltei o ar devagar.

Eu sabia que Bruce andara rondando o nosso prédio, mas perguntei diversas vezes a Ava se alguém além de Olga e Amber apareceu no apartamento e, em todas as vezes, ela negou. Olhar a gravação do prédio era

realmente necessário?

Queria acreditar que ela não esconderia algo assim.

Enquanto me perdia em pensamentos, senti as pequenas mãos de Ava abraçarem meu corpo por trás. Virei-me e encaixei-a no meu abraço.

— Bom dia, dorminhoca — brinquei.

— O quê? Já é outro dia? — perguntou alarmada com sua habitual voz de sono, olhando para a janela de vidro.

— Não, eu estava brincando. — Beijei o topo de sua cabeça suavemente. — Está com fome? — Observei ela fazer uma careta.

Seus lábios encontram os meus, circulei os meus braços em sua cintura, aceitando o beijo.

Minha mãe nunca poderia estar mais certa. Há alguns dias, quando eu perguntei-lhe sobre o que eu deveria fazer quanto a Ava, ela foi enfática ao dizer que eu deveria seguir o meu coração. Eu fiz o que ela me orientou, eu segui o meu coração. A cada batida era como se ele gritasse por Ava. E, em apenas uma noite, a primeira noite que ela passou na minha casa, eu mostrei a ela todo o amor que eu sentia.

Percebi suas mãos fomentando o desejo insaciável que eu tinha por ela e parei antes mesmo de cair em seu jogo.

— Não é desse tipo de fome que eu estou falando. Vem comigo.

Segurei em sua mão, trazendo-a para o balcão da cozinha, e a fiz sentar. Quando sentei na cadeira ao lado, ela andou sorrateiramente até sentar no meu colo, me fazendo sorrir. Ava sabia que eu adorava aquele tipo de molecagem.

— Acho que você vai gostar do que o motorista trouxe.

Empurrei a caixa contendo alguns paparicos para perto dela.

— *Pretzels*? Impressão minha ou você está querendo me agradar, senhor Collins? — Ela lambeu os lábios, abocanhando o pobre biscoito logo em seguida.

Será que amor era aquilo? Querer agradar outra pessoa o tempo todo?

Porque definitivamente era aquilo que eu vivia fazendo desde que me declarei pra ela.

— Coma e fique bem satisfeita. — Aproximei meu nariz de seu cabelo e me entorpeci com o cheiro. — Vamos sair mais tarde.

— Pra onde?

— A boate de um amigo. Não vamos ter muito tempo para sair enquanto estivermos aqui, então vamos aproveitar que ainda é sábado.

Enquanto Ava se deliciava com o café da tarde, eu respondi a mensagem de Andrew pedindo pra ele descartar as gravações do prédio. Durante a semana, ela demonstrou de diversas formas que confiava em mim, então eu deveria confiar nela e eu confiava.



— E aí, cara — Dylan veio nos cumprimentar. — Que bom poder receber o homem que tornou esse lugar possível.

— Bom te ver também — apertei a mão do meu amigo. Observei ao redor da Fênix Club e entendi o porquê de a boate ter virado referência para badalação dos riquinhos de Nova Iorque. — Você fez um bom trabalho aqui.

Dylan foi meu amigo de curso na faculdade e ajudei a financiá-lo na abertura de sua boate. Tinha que admitir, ele fez valer o investimento.

Percebi Ava desconfortável ao meu lado, peguei a mão dela e a puxei mais pra perto.

— Essa é a Ava. Ava, esse é o Dylan.

— É um prazer conhecê-la — ele esticou a sua mão grande para o lado dela, mas eu o repreendi com o olhar enquanto Ava aceitava o cumprimento. — Oh, eu entendi cara. — Brincou sem graça, levantando os braços em rendição. — Tem uma sala VIP reservada para você, suba quando quiser e fique à vontade.

— Sala VIP? — Ava perguntou confusa quando ele se afastou. —

Pensei que a gente veio aqui para dançar.

— Não se preocupe, meu amor. Essa noite foi feita para realizar todos os seus desejos — falei bem próximo ao seu ouvido.

Aqueles lindos olhos esverdeados vieram de encontro aos meus.

— Tudo o que eu desejo está bem aqui na minha frente. — Respirei fundo, sabendo que eu era o cara mais sortudo do universo.

Ava me puxou pela multidão enquanto a batida suave continuava ao fundo. Havia corpos dançantes para todos os lados, pessoas demais para uma boate exclusiva. Aquilo não era bom. Não quando eu tinha uma bela jovem com um vestido tão apertado que parecia uma segunda pele rebolando o quadril bem na minha frente.

— Ava, acho melhor nós subirmos — pedi, quase implorando, sentindo uma animação irrefreável dentro da calça.

— Só cinco minutinhos, por favor. Preciso de uma bebida. — Eu não deveria colocar os meus desejos na frente dos dela. Ava adorava dançar e eu a trouxe ali exatamente pra isso. — Pode me trazer uma? — pediu por último.

Parei o primeiro atendente que vi e pedi dois copos de uísque, sem tirar Ava da minha vista. Com as duas bebidas na mão, eu me aproximei do estofado em que ela estava sentada e lhe entreguei um dos copos.

— Você não vai dançar? — questionei, vendo-a bebericar o uísque.

— Prefiro só olhar por enquanto.

Analisei-a por um instante, captando seu olhar enigmático. Depois de terminar a bebida, ela se levantou e se virou para me olhar.

— Hora de dançar? — Ava balançou a cabeça dizendo que sim, eu a encorajei a encarar a pista de dança.

— Não quero mais dançar aqui. Agora eu... quero dançar só pra você.

Puta que pariu! Nunca pensei que ficaria excitado com uma frase.

Sem perder tempo, orientei-a na direção da escada para o segundo piso, onde havia algumas salas particulares. Tentei me manter passível, mas a

minha vontade era jogá-la sobre os meus ombros tal qual um homem das cavernas, só para subirmos mais rápido.

Fechei a porta da sala VIP e fui a passos pesados ao encontro de Ava. Puxei-a para o lugar que ela pertencia, que era perto de mim. Minhas mãos correram pelo seu corpo até pararem na protuberância acima das coxas. Entre beijos, apertos e carícias, eu senti falta de algo.

— Ava, você continua perdendo as suas calcinhas? — a pergunta saiu séria, mas compreendi a risada dela.

— Esse vestido não combina muito com calcinhas — sentenciou.

Àquela altura, achava que nenhum vestido combinava, ela sempre dava a mesma desculpa.

— Isso não importa, não precisamos dela. — As mãos de Ava trabalharam na retirada das minhas calças. — Espere aí, você não disse que queria dançar pra mim? — provoquei assim que ela me deixou nu da cintura para baixo, enquanto eu retirava a camisa.

— Sim, eu quero dançar com o meu corpo sob o seu.

Daquela forma, ela me colocou em inteira confusão, não era à toa que ela estava me deixando louco. Seu rostinho angelical em contraste com os convites luxuriosos que saíam de sua boca era algo que fazia a minha imaginação bombar com visões pornográficas.

A sala tinha um bar, sofá e vários assentos, mas naquele momento não precisávamos de nada daquilo. Apertei o corpo de Ava contra o meu, friccionando o meu pau entre suas pernas. Ela gemeu nos meus braços, me abraçando forte.

Vi ela tirar o vestido sem qualquer cuidado e literalmente pular em cima de mim. Agarrei-a e, com o contato de nossos corpos nus, eu a penetrei de uma única vez. E, assim mesmo, em pé, nós nos satisfizemos em um desejo que crescia a cada dia, como uma fonte inesgotável.

A pressão que eu exercia poderia machucá-la, mas como eu podia parar quando ela continuava me pedindo por mais e os seus gritos de prazer estavam cada vez mais ensandecidos?

— Você quer morar em Nova Iorque comigo? — gritei em meio à confusão dos nossos corpos.

Dormir com ela parecia loucura até pouco tempo atrás, agora viver sem ela era o que tinha se tornado algo que fugia do normal.

— O quê?

— Se eu me mudar pra cá, você vem comigo? — questionei novamente com dificuldade, sentindo meu corpo se incendiar com a aproximação de um orgasmo.

Estoquei ainda mais rápido e minhas pernas bambearam quando me libertei dentro dela. Ava continuava se balançando sobre o meu corpo, dançando sobre o meu pau, assim como havia prometido. Apoiei suas costas enquanto ela se deliciava com o próprio orgasmo, fitei encantado a sua expressão de dor e satisfação.

— Eu não acho sensato um empresário andar pra cima e pra baixo com uma prostituta — desdenhou e eu sabia que ela estava jogando verde.

— Não como uma prostituta. Como minha mulher!


Capítulo 37

AVA

Acordei com flocos de neve caindo atrás da janela. Estávamos há mais de um mês na cidade mais imponente do mundo. As três semanas acabaram virando cinco e sem previsão de retorno. Olhei no relógio do celular, eram mais de dez horas da manhã. Dion avisou que não almoçaria ali.

Antes de sair da cama, eu abri a galeria do telefone e revi as nossas poucas aventuras pela cidade, como o nosso passeio ao parque e o dia em que navegamos pelo Rio Hudson. Eu cheguei a revelar dois álbuns inteiros. Momentos maravilhosos que foram eternizados em fotos.

Estava tudo perfeito. Eu não tive mais pesadelos. Dormíamos e acordávamos um em cima do outro, sem conseguir nos desgrudar. Eu estava feliz por fazer o homem que amava feliz.

As coisas só melhorariam.

Dion pediu que eu me mudasse para morar com ele ali em Nova Iorque, porém não como prostituta. Não que ele tenha me pedido em casamento, ele realmente não pediu, mas deixou claro que não viria se eu não viesse junto.

Seria um desafio gigantesco. Eu estudaria, depois encontraria um emprego legal. Eu finalmente teria a vida que sempre quis. Claro que eu aceitei. Entretanto, ainda tínhamos tempo para cuidar dos detalhes, a mudança aconteceria somente no próximo ano.

Depois de tomar banho, eu circulei no apartamento que pertencia a Dion vestida apenas com uma camiseta dele. O local era semelhante ao apartamento de São Francisco, porém mais luxuoso e com uma vista privilegiada do Central Park, que estava com a sua tonalidade normalmente verde tingida de branco pela neve.

Parei no balcão da cozinha, pensando no que faria hoje.

Não tinha ideia de como continuar fazendo nada enquanto Nova Iorque fervia do lado de fora, aquilo já estava me deixando louca. Talvez eu já estivesse louca, porque o que eu decidi fazer era uma maluquice. Um sorrisinho travesso marcou meus lábios. Eu não tinha culpa se o homem dos meus sonhos saía para trabalhar e me deixava em casa como se eu fosse uma

dondoca.

Primeiro, eu mandei uma mensagem para Robert, o motorista que Dion contratou especialmente para atendê-lo na cidade. Perguntei a ele em qual prédio Dion estava trabalhando. Quando a resposta chegou, eu o avisei que estaria pronta em breve pra ele me levar a um determinado lugar.

Pesquisei na internet qual era o número de atendimento da empresa do prédio, liguei para ele, mas fui transferida e retransferida para vários setores, como se os atendentes estivessem brincando de batata quente.

Advinha quem era a batata?

Eu estava prestes a desistir quando uma voz feminina extremamente educada me atendeu. Fingi que era alguém importante e ela me passou o local onde os executivos em reunião almoçariam.

Com o endereço anotado, eu coloquei a minha melhor roupa, que era um vestido branco colado, escarpins e um sobretudo de couro na cor creme. Uma rápida olhada no espelho me fez pensar que eu parecia uma nova iorquina descolada.

O motorista me levou até o local que eu solicitei, avisando que o estabelecimento que eu procurava ficava no décimo andar.

Entrei em um restaurante luxuosíssimo, desses que até o ar devia ser cobrado. Um atendente veio até mim e pegou o sobretudo, depois me dirigiu até a bancada do bar, onde eu avisei que estava ali apenas para tomar um drinque.

Pedi uma batida de frutas sem álcool, já que eu não havia comido nada até então, e aguardei. Minutos depois, o barman retornou com a bebida. Fiquei olhando para a taça e a única coisa em que consegui pensar foi "eca". O emaranhado de frutas vermelhas degradadas e o cheiro de refrigerante fez o meu estômago dar piruetas e pular como se fosse carnaval.

Ai Deus, eu devia ter tomado café antes de sair.

Empurrei a taça na direção contrária, com repulsa, sentindo uma ânsia de vômito ascender. Minhas mãos começaram a soar frio, porém, após eu respirar fundo por quatro vezes, a sensação horrível passou e eu consegui ver

Dion e sua trupe chegar ao restaurante.

A mesa deles já estava preparada. Eram cinco executivos no total, jovens e homens de negócios experientes e o meu homem no meio. Ele estava incrivelmente maravilhoso, parecia prestes a dominar o mundo.

Esperei os empresários se instalarem e pedirem seus pratos. Mexi no celular, percebendo que Dion me mandou pelo menos três mensagens. Ele avisava que estava liberado depois do almoço e não via a hora de me encontrar.

Soltei um suspiro apaixonado.

Eu estava nas nuvens, como um pássaro reaprendendo a voar. No entanto, eu sabia que quanto mais alto o voo mais alta era a queda. Por isso, sempre que Dion estava no trabalho, eu ponderava e pesava a nossa relação. Se estivéssemos indo rápido demais, eu colocava o pé no freio e, quando estávamos juntos, eu deixava a racionalidade de lado e me entregava a ele de corpo e alma, sentindo o mesmo da parte dele.

Calculei mais ou menos o tempo que Dion gastaria para comer e pedi que o barman entregasse um *Dry Martini* para ele. Solicitei também que o garçom não falasse o meu nome, somente que ele apontasse para mim quando levasse o drinque até Dion. Como eu estava de costas para a mesa em que ele estava, ele teria que vir até mim.

Não demorou muito para eu senti-lo se aproximar, como um sexto sentido, uma coisa de pele.

— Eu agradeço a gentileza, senhorita, mas eu tenho uma bela garota em casa e ela não vai gostar nem um pouco de saber que estou recebendo drinques de outras mulheres — ele falou, já olhando pra mim.

— Ah, me desculpe, senhor. Eu saí de casa e resolvi que iria distribuir drinques aleatórios para homens bonitos.

— Então você me acha um homem bonito? — puxou uma cadeira e se sentou ao meu lado, interessando-se pelo meu joguinho.

— Eu diria que você é acima da média. Mas, me conta, você vem sempre aqui? — Levantei uma sobrancelha e ele caiu em uma risada

deliciosa.

— Não, mas, por você, eu estou disposto a vir mais vezes — disse, tomando um gole do seu drinque sem tirar os olhos de mim.

Depois de uma longa brincadeira em que eu e Dion flertávamos como se não nos conhecêssemos, ele se despediu de seus colegas de trabalho e partimos para casa.



Dion abriu a porta do apartamento com um autocontrole incrível, porém, quando ele a fechou, tratou logo de me prensar contra a parede, puxando o vestido para cima enquanto eu trabalhava desabotoando sua calça.

— Espere — reuni forças para separar nossos lábios e espalmei minhas mãos no peito de Dion, que subia e descia velozmente. — Quem respondeu por último?

— Você — ele me agarrou novamente.

— Ah sim, verdade. — A última pergunta de Dion para mim foi: "Qual é o seu maior sonho?", lembrei que respondi que o meu maior sonho era ter uma vida normal. — Bem, eu tenho um pedido pra você.

Desvencilhei-me dele, depois me joguei no sofá e me sentei como a Cleópatra sentaria. Passei o indicador por meus lábios ao observar Dion parado na minha frente, totalmente pilhado.

— Devo ficar com medo? — perguntou em um tom engraçado.

Ele cruzou os braços e me olhou de um jeito que qualquer outra pessoa poderia achá-lo perigoso, porém eu só conseguia achar sexy. Hoje, eu exploraria um pouco mais os seus talentos.

— Digamos que, em alguma realidade paralela, eu sou uma mulher riquíssima recém-separada de um marido que não me dava atenção. — Fiz cara de coitadinha e Dion já foi captando aonde eu queria chegar. — Então, em mais um dia solitário, eu decido sair à procura de um corpo jovem e

sarado para curar a minha frustração amorosa e, então, essa Ava de uma realidade paralela, é claro, bate na porta de Senhor Collins, um garoto de programa muito, muito esforçado.

Ele se segurou para não rir, eu mesma me segurei para não estragar a diversão.

— Então, Senhor Collins, você pode começar retirando esse seu terno quente e pesado.

Observei, com êxtase, os seus olhos escurecerem.

— Seu pedido é uma ordem, Senhorita Banks — ele respondeu, já entrando na brincadeira.


Capítulo 38

AVA

Assisti Dion desabotoar os botões, cheio de estilo, sem tirar os olhos dos meus. Quando ele retirou a camisa por inteiro, eu fiquei fascinada com seu abdômen sarado. Ver aquele tanquinho nunca era demais. Lambi mentalmente cada curvatura daquele peito musculoso.

As mãos dele foram para a calça terminar o serviço que eu havia começado; ele deslizou o zíper da calça social para baixo, mas parou no meio do caminho, me fazendo reclamar.

— A senhorita ainda está com roupa demais — falou, cruzando os braços.

Não seja por isso.

Abri o zíper lateral do vestido e fiquei seminua. Dion observou, sem fôlego, a minha quase nudez; ele poderia babar ali mesmo se não fosse tão impassível.

— Sua vez agora, mas tira logo tudo — pisquei pra ele.

Dion enfiou as mãos dentro da calça e a empurrou para baixo, levando junto a cueca boxer.

— Uau! Senhor Collins... — comemorei abobalhada, olhando para a coisa maravilhosa no meio de suas pernas.

Pisquei, absorvendo sua visão; mordi o lábio inconscientemente, salivando por todos os lugares possíveis. Foram raras as vezes que eu pude vê-lo assim, totalmente pelado e em exibição. As coxas dele eram torneadas e grossas na medida certa. O corpo todo era resultado de esforço e dedicação na academia. Ele sempre pedia para que eu o acompanhasse nos exercícios físicos e eu sempre respondia que o único exercício que eu gostava de fazer era com ele, na cama.

Coloquei os pés no chão depois de tirar o salto e fui na direção dele, rodeando, beijando cada lado de seu ombro, tocando levemente sua cintura.

— O que você vai fazer comigo agora? — já estava cheia de expectativas.

— Eu vou te comer — respondeu sem jeito.

— Não é assim que os prostitutos sacanas falam, Senhor Collins. Tente de novo — parei na frente dele.

Dion segurou minha cintura, trazendo-me para mais perto, colando sua boca na minha. Eu o afastei, porém mantive certa proximidade. Eu queria que ele sentisse a mesma vontade que um dia eu tive de beijar a sua boca.

Ele desceu os seus lábios prepotentes até o meu pescoço.

— Eu vou te foder tão forte que você vai ter dificuldade de andar nos próximos três dias — meu corpo todo se arrepiou em resposta àquela carga de virilidade.

Sim, por favor!

Dion me segurou por trás e me empurrou até o sofá. Ele me deixou de joelhos e eu agarrei a borda do móvel, me contorcendo em razão das possibilidades que viriam a seguir.

Antes de tudo, ele trilhou o meu pescoço e minhas costas de beijos ardentes.

— Quero que me sinta dentro de você, Senhorita Banks. Quero que perceba o quão duro você me deixa — a voz grave dele parecia um feromônio que agia diretamente na minha intimidade. — Quero que veja até onde eu posso ir só para te ter gritando em meus braços.

Quando ele conseguiu me deixar do jeito que queria, Dion acariciou o meu bumbum de maneira possessiva, o que fazia a minha pele pedir por mais. As mãos eloquentes dele correram pelas minhas costas e desabotoaram o meu sutiã, depois me desnudou por completo, puxando a minha calcinha para baixo.

Apreciei as suas carícias indo e voltando, tomando a minha boca no processo. Gemi quando os dedos dele alcançaram o meu sexo. Dion distanciou o rosto e me observou morder os lábios e implorar com os olhos para que ele continuasse. Ele ficou ali, estático, portando um sorriso atrevido e curtindo a minha necessidade dele e de seu toque flamejante.

— Onde você quer o meu pau? Aqui primeiro — ele esfregou o seu

membro pelo meu centro molhado — ou aqui? — daquela vez, ele foi de encontro a outra abertura que quase sempre era deixada de lado nas nossas brincadeirinhas.

— Eu tenho certeza que estou te pagando o suficiente para você fazer o serviço completo, Senhor Collins — provoquei.

— Confie em mim quando digo que vou fazer esse dinheiro valer a pena, senhorita.

Enquanto me olhava intensamente, Dion agarrou minha cintura e meteu tudo de uma única vez, me fazendo gritar de êxtase. Segurei mais forte no encosto do sofá para não desabar, aquele seria o dia em que testaríamos nossos limites.



O sofá da sala ficou pequeno para tanta putaria.

Horas depois, eu ainda pulava feito louca no colo de Dion, me sentindo uma leoa no cio. O meu desejo sexual havia crescido de forma considerável nos últimos dias e o maior beneficiado era ele.

Senti o suor escorrendo pelas minhas costas ao mesmo tempo em que ele segurava suas mãos firmemente na minha cintura. Nevava lá fora, mas fazíamos a temperatura subir ali dentro. Nossos corpos se chocavam frequentemente e o som de gemidos reverberava pelo apartamento.

Minhas pernas começaram a tremular e, antes que eu tivesse um espasmo, Dion me segurou e me puxou pra ficar junto dele, mas eu continuei; meu corpo não parava, parecia movido a sexo. Arranhei tudo o que estava ao alcance da minha mão, sentindo mais um orgasmo me abater.

Passei a olhar para Dion e ele pra mim enquanto nossos corpos voltavam ao estado normal. Minha boca encontrou a dele várias vezes entre as diversas juras de amor e palavras sacanas que dizíamos.

— E então, você me chamaria de novo para um programa? — ele perguntou em tom de brincadeira.

— Eu faria melhor, eu redigiria um contrato — respondi, arrancando-lhe uma risada.

E eu não menti. Se os nossos papéis se revertessem, eu iria querer aquele homem todinho só pra mim.

Deixei um beijo provocante na boca dele antes de levantar para ir ao banheiro.

— Onde você vai? — Dion me olhou mendicante.

— Acho que podemos fazer uma pausa — comentei, beijando-o de novo. — Caso não tenha percebido, já está anoitecendo.

Dion me liberou e, no momento que eu me levantei, senti uma onda de tontura que quase me derrubou se não fosse por ele.

— Ava, está tudo bem? — perguntou preocupado, me colocando em seu colo.

— Eu não comi nada até agora — respondi com um sopro de voz, envergonhada.

— O quê? — Dion gritou alarmado, olhando para o relógio na parede. Já passavam das cinco da tarde. — Meu Deus, Ava! Você estava em um restaurante e não comeu nada? — ele estava realmente bravo. — Eu vou pedir alguma coisa pra você agora.

— Eu não estou com fome.

— Mas você precisa comer.

— Ok — concordei depois de um longo silêncio. — Só preciso de um banho agora — projetei um biquinho chateada.

Dion acabou atendendo meu pedido e preparou um banho de banheira pra nós dois; aquilo não poderia ter sido melhor. Meu corpo relaxou gradativamente no tempo em que eu estava deitada de costas sobre o corpo dele, com minha cabeça encostada em seu peito.

Ele brincava com a superfície da água e eu somente descansava entre de seus braços.

— Quando voltarmos pra São Francisco, eu quero que tudo seja

diferente. Eu quero que você comece uma vida nova.

— Do que você está falando?

— Eu não quero mais esconder isso que nós temos. Nem quero que você pense que estamos juntos por causa do contrato. Eu quero te apresentar a todos, sócios e amigos próximos, como minha namorada assim que chegarmos na Califórnia.

Nós já havíamos conversado sobre o assunto. Eu tinha um enorme receio quanto a Dion tornar o nosso relacionamento público, por causa do meu passado. A possibilidade de aparecer um ex-cliente para desmoralizá-lo não era lá muito pequena. O irmão dele também seria um grande empecilho.

— Isso é tudo que eu mais quero, mas, Dion, você sabe que é arriscado. As pessoas são ruins e chantagistas, Olga é a prova disso.

— Eu não estou preocupado, meu amor. Se tivermos que enfrentar alguma coisa, faremos isso juntos.

— Tem certeza? — perguntei, olhando pra ele. Dion confirmou beijando meu ombro. — Eu te amo demais.

Virei-me um pouco mais para abocanhar seus lábios, arrancando beijinhos sonoros.

— Também te amo muito. — O nosso beijo se tornou quente em um piscar de olhos. — Opa, nem vem, sua safada — ele me repreendeu depois que eu esfreguei o meu corpo no dele. — Eu preciso te alimentar primeiro. — Rolei meus olhos.

As mãos de Dion começaram a ensaboar o meu corpo e, sem querer – ou não –, ele fez aquilo utilizando de segundas intenções.

— Eles parecem maiores.

Ele estava hipnotizado, manipulando os meus seios com as mãos. Parecia uma criança descobrindo um brinquedo novo.

Franzi a sobrancelha. Pensei que só eu tinha percebido o quanto eles estavam maiores e pesados.


Capítulo 39

AVA

Inchaço, vontade incontrolável de fazer xixi, alteração de humor – que só Dion percebia –, cólica e náuseas em vários momentos do dia. Aqueles sintomas poderiam ter sido facilmente diagnosticados por qualquer mulher, já eu não. Eu não conseguia acreditar que o sonho de Dion tinha finalmente se tornado realidade.

— A senhora vai pagar no dinheiro ou no cartão?

— Cartão de débito.

Observei atentamente o homem atrás do balcão ensacar as quatro caixinhas de teste de gravidez que eu solicitei. Decidi comprar de quatro marcas diferentes para evitar erro.

Passei meu cartão e logo estava liberada para ir pra casa e tirar aquela dúvida perversa da minha cabeça.

Caminhei pelas ruas de Nova Iorque, que ficava mais fria a cada dia. Era época de Natal e as lojas estavam perfeitamente enfeitadas em seu tom vermelho típico e a cor branca da neve.

Minutos depois, cheguei em casa e retirei quase toda a minha roupa, ficando apenas com um vestido de linho e meias sete oitavos. Apesar do frio, o aquecedor do apartamento tinha um climatizador perfeito.

Fui na geladeira, enchi um copo de água e tomei para me ajudar na micção. Abri a embalagem de cada teste e os espalhei em cima da cama. Li brevemente as instruções de cada um, não demorou muito para eu querer ir ao banheiro e, assim, a execução dos testes foi rápida.

Após algum tempo, eu já tinha todos os quatro testes prontos.

Entre traços e painel digital, a interpretação dos resultados foi unânime.

Grávida, grávida, grávida e grávida.

Joguei-me na cama sem compreender totalmente o que aquilo implicaria. O meu ventre estava gerando uma vida, o filho do homem que eu amava, o herdeiro ou herdeira que ele tanto sonhou.

E, assim tão de repente, nós construímos uma família.

Minha mente trabalhava para tentar encaixar uma criança na nossa rotina. Uma ponta de arrependimento me pegou quando me lembrei que eu e Dion nos conhecemos há cinco meses e, há apenas um mês e meio, nós passamos a viver plenamente como um casal.

O celular vibrou na cama, tirando-me dos meus devaneios. Atendi a ligação de Dion com um sorriso enorme no rosto, mas a minha alegria logo se desfez.

— Com calma, Dion. Eu não estou conseguindo entender. O que houve com Camille?

— *Eu não sei, eu acabei de receber uma ligação de Andrew informando que minha mãe está internada há dois dias e só agora eu fiquei sabendo* — ele estava desesperado, nem tentava esconder, e eu apreciava aquilo, a sua fragilidade quando o assunto era a mãe dele.

— Ah *querido*, por favor, fique calmo.

— *Comece a guardar suas coisas, eu vou passar aí somente para te pegar, já mandei prepararem o jatinho.*

— Tudo bem, vou agilizar as coisas. Logo você estará com ela, ok?

— *Ok* — ele respondeu depois de um suspiro cheio de incerteza.

A nossa viagem de volta não poderia ser mais tensa. Fiquei o tempo todo tentando acalmar os ânimos de Dion, que pensava em todas as coisas ruins que poderiam ter acontecido com a mãe, e lutando contra a minha ânsia de vômito. Estar a não sei quantos mil pés do chão não ajudava muito.

Chegamos na Califórnia ao amanhecer. Dion insistiu para que eu fosse direto para o apartamento descansar, mas eu não conseguiria fazer aquilo sem ter notícias de Camille. Ela era a mãe dele e era minha amiga também.

Andrew estava na clínica quando chegamos. Fiquei na recepção e Dion foi a seu encontro para conversarem brevemente sobre o estado de saúde de Camille enquanto aguardavam serem liberados para visita.

Percebi os olhares desprezíveis de Andrew para mim. Ele tentava me dizer de todas as formas que eu não era bem-vinda ali, mesmo sem usar

palavras. Apenas o ignorei, pensando na reação dele quando Dion me oficializasse como sua namorada.

Mais tarde, a visita foi autorizada. Dion me pediu para ir junto. Eu respirei fundo e tentei abstrair de como aquele ambiente estéril e o cheiro típico de hospital me nauseavam, porém de nada adiantou. A cada passo dado, eu me sentia cada vez mais fraca.

— Ava, olha pra mim. Ava? — Minha visão escureceu vagarosamente. Senti minha testa molhando de suor, mesmo com uma sensação gélida passando sob a minha pele. — Ajuda! Eu preciso de ajuda! — ouvi o desespero na voz de Dion e instantaneamente percebi um falatório no meu ouvido, mas sem entender o que era dito.

Havia braços me puxando pra lá e pra cá, até me sentarem em uma cadeira. Não conseguiria dizer se Dion estava por perto, somente tive a impressão de que eu iria ter um treco no hospital em que a mãe do meu namorado estava internada.

Pensei em Andrew na mesma hora. Ele com certeza acharia que eu estava competindo com Camille pela atenção de Dion.

Outra sensação de ânsia de vômito me pegou e quase não consegui segurar. Parecia que a comida no meu estômago estava sendo empurrada de volta pela minha garganta.

— Pressão arterial sete por cinco — uma voz disse. Eu ainda sentia a minha boca salivando, mas fiz de tudo para evitar sujar o belo piso branco espelhado do hospital. — A pressão da senhora é sempre baixa?

Balancei a cabeça em negativa.

— Ela vai ficar bem? — distingui a voz de Dion no meio do burburinho.

— Ela precisa de um pouco de espaço agora, senhor — ouvi a mulher responder.

— Deixaremos a senhora deitada com as pernas pra cima para melhorar a circulação do sangue — uma voz masculina falou dessa vez.

Fui encaminhada para uma maca e, após deitar, alguém colocou uma

almofada debaixo dos meus joelhos.

— Logo o mal-estar vai passar, mas eu aconselho a investigar melhor a situação, tudo bem, senhora? — a mulher continuou.

Não estava nada bem. Fechei os olhos, desejando que aquela sensação passasse logo.



Abri os olhos, percebendo que Dion estava do meu lado segurando a minha mão e me olhando com inquietude. Devia ter cochilado. Não me lembrava dele se aproximar, contudo eu já me sentia melhor.

— Você me assustou — ele afagou o meu cabelo e me deu um beijo na testa.

— E a sua mãe? — coloquei a mão na cabeça, recordando-me dos fatos. — Nossa, quando nós entramos no corredor, tudo escureceu.

— Não se preocupe. Minha mãe está bem! — Suavizei a minha expressão.

— Quando ela poderá ir embora?

— Amanhã já terá alta. Ela disse que queria te ver e, quando eu falei que você estava no quarto ao lado, ela não se aquietou até eu trazê-la aqui, mas você estava dormindo.

— Desculpa — falei, com a visão ainda se acomodando à claridade da lâmpada. — Eu não queria que isso acontecesse logo aqui, quando nós dois estávamos preocupados com sua mãe.

— Não se desculpe por passar mal. Aliás, você está estranha ultimamente. Como a enfermeira disse, seria interessante investigar o que está acontecendo.

Um pensamento me veio à tona. Eu tinha me esquecido que havia um bebê dentro de mim, mudando a fisiologia do meu corpo. Eu já tinha decidido que contaria sobre a gravidez para Dion depois que me consultasse com um

obstetra para atestar que tudo estava ocorrendo bem.

A enfermeira que ficou me acompanhando mediu a minha pressão novamente e me liberou depois de ver que tinha normalizado.

Antes de me descer da maca, Dion me abraçou, me questionando se eu realmente estava bem. Quando eu lhe assegurei que sim, ele me levou até o quarto ao lado.

— Ah, querida, que bom te ver bem.

Fui atraída por Camille sentada em seu leito como se estivesse na sua própria cama. As grossas olheiras e a falta de charme que não lhe eram características, indicavam que ela tinha passado por maus bocados.

Aproximei-me mais e abracei-a, sentindo sua fragilidade.

— Bom te ver também — respondi com um sorriso.

— Vou ali buscar um café e vocês duas podem conversar abertamente sobre o próximo plano que colocará a minha sanidade mental em cheque. — Dion arrancou algumas risadas de nós duas. — Você quer alguma coisa? — perguntou, tocando na minha cintura. Neguei com a cabeça. — Mãe? — Camille também negou.

Logo, ele se afastou para buscar o café.

— Ava, você está grávida? — Camille olhou pra mim com as mãos contornando o rosto, ela estava incrivelmente entusiasmada.

Olhei de um lado para o outro, sem entender como ela sabia.

— Como você sabe, Camille? Foi Dion? — questionei desesperada por sua resposta.

Será que estava tão evidente assim? Nem barriga eu tinha ainda.

— Não, querida. Qualquer mãe que olhar pra você vai perceber que você está esperando um filho. Meu neto.

— Sim — minha voz saiu embargada. — Eu estou grávida.

Experimentei passar a mão no meu ventre da mesma forma que eu via outras grávidas fazerem, apesar da minha barriga continuar reta. A sensação

que eu tive só Deus poderia explicar.

Meu bebê.

— Dion ainda não sabe, né? — Assegurei que não e expliquei como planejava lhe contar. Camille também encostou a sua mão na minha barriga e alisou-a de leve. — Ele vai ser o melhor pai do mundo.


Capítulo 40

DION

Poucos dias após a nossa volta para São Francisco, o natal chegou. A festa que acontecia todo ano na casa da minha mãe aconteceria na minha mansão daquela vez e eu tinha um motivo para tal. Abri a pequena caixinha aveludada, encontrando o anel de noivado que eu colocaria no dedo de Ava naquela noite. O anel em ouro puro tinha um diamante lapidado em forma de floco de neve; o brilho que sobressaía dele dava ao acessório inúmeras nuances.

Desci as escadas, passando pela árvore de natal gigantesca que havia sido montada com a ajuda de Ava. Ela optou por uma árvore tradicional, cheia de papais noéis de pelúcia, bolas brilhantes penduradas e, no topo, uma bela estrela reluzente.

A transição de uma vida engessada, moldada de forma que tudo fosse impecável, para uma nova onde eu me sentia à vontade para viver os meus próprios sentimentos sem me preocupar com a opinião alheia não poderia ter sido mais gratificante.

Tirei o celular do bolso e disquei o número dela.

— Bom dia — falei, sorrindo ao telefone.

— *Bom dia*.

Absorvi com uma careta a voz mal-humorada dela.

— Te acordei de novo?

— *Não, eu só estava deitada* — respondeu, tentando esconder sua irritação.

— Tá tudo bem, não precisa ficar brava — amenizei, afinal Ava estava com um pavio curto nos últimos dias.

— *Mas eu não estou brava!*

Bem, se ela não estava brava antes, agora com certeza estava.

De fato, Ava aderiu a um comportamento estranho ultimamente. Dormia mais que a cama, vivia emocionalmente estável, às vezes ficava brava sem motivo, às vezes chorava sem motivo. E o sexo, *meu Deus*, em

alguns momentos, pensei que precisaria de um reforço vitamínico para dar conta do fogo da minha própria mulher.

Uma probabilidade para aquilo tudo passou pela minha cabeça, deixando-me um pouco ansioso.

Não, impossível, concluí comigo mesmo.

— Será que eu poderia te ver mais tarde? — pedi esperançoso.

— *Claro que sim* — ouvi a resposta, imaginando seu sorriso. Era aquilo que eu precisava para saber que estava tudo bem.

Ava mudou o rumo da minha história pouco a pouco. Quando fui me dar conta, eu já estava obcecado para ter cada minuto ao seu lado. Eu precisava dela mais do que eu gostaria de admitir.

Eu consegui me abrir e Ava foi a primeira mulher para quem eu disse "eu te amo" sem ser minha mãe. Após nossa volta de Nova Iorque, eu pedi que ela viesse morar comigo. Ela recusou, para o meu desespero, porém aquilo não impediu que ela passasse um bom tempo do seu dia aqui.

Retomei o foco quando notei a empresa que eu contratei para fazer a decoração da festa de natal trabalhando a todo vapor ao meu redor. Imaginando uma noite agradável de comemoração, parti para o lado de fora da mansão onde Carl me aguardava.



— Por quê? — perguntei confuso e totalmente desanimado ao escutar a recusa de minha mãe em ir à festa. — É porque Paul vai estar lá?

— Eu não tomo decisões baseada nas escolhas de seu pai, Dion — o tom dela foi duro.

Aquilo não diminuiu as minhas incertezas.

— Você sabe que todos os anos nós convidamos ele por uma questão estritamente comercial, de aparências — comentei. — Eu não gosto da presença dele tanto quanto você.

— Não fale assim do seu pai, meu filho. Ele errou totalmente conosco, mas ninguém pode tirar o mérito dele de ser seu pai.

— Por que você está defendendo-o?

— Porque um dia você vai ser pai e vai entender isso.

— Não, acho que nunca vou entender.

— Olha pra mim, Dion. Você tem uma bela garota que te ama e você a ama de volta. Apenas aproveite isso enquanto vocês podem.

A conversa permanecia um quebra-cabeça que eu não conseguia compreender.

— Eu vou assumir Ava, mãe. E, se tudo der certo, em breve ela será a minha esposa — disse sério, com a minha decisão já tomada.

Um sorriso surgiu em seu rosto e ela logo se aproximou para me abraçar e felicitar.

— Você não poderia deixar a sua mãe mais feliz, querido. Estou tão orgulhosa — soltou um suspiro emocionada. — Sinto que fiz um ótimo trabalho na sua criação.

— Essa noite é muito importante pra mim, por isso eu preciso que você esteja do meu lado.

Eu sentia uma sensação apavorante. As pessoas saberiam a partir de hoje que eu tinha um ponto fraco, uma demônia de rosto angelical e olhos que faziam o meu coração bater mais forte. Eu mostraria para as pessoas que, assim como eles, eu também tinha fraquezas.

— Você precisa se acostumar a viver sem a minha orientação, Dion. Não vai me ter para sempre.

— Não foi você quem disse que precisamos aproveitar enquanto podemos?

Minha mãe fechou os olhos e balançou a cabeça, me fazendo parecer ingênuo diante de uma situação da qual eu não estava ciente.

— Sua mãe está tão cansada — ela pegou as minhas mãos, apertando-as um pouco. — Eu posso não parecer tão velha, mas estou cansada. Chega

um momento em nossas vidas que a única coisa que queremos é descansar.

Olhei com adoração para a mulher mais forte que eu conhecia, mesmo que naquele momento ela parecesse mais frágil que um bebê. Nenhum médico sabia dizer o que estava consumindo sua saúde daquela forma e ela nem parecia querer lutar.

Tendo em mente que a saúde da minha mãe não era das melhores no momento, decidi respeitá-la e não a expor a um maior desgaste físico e mental.

Depois de me convencer que não iria à festa, minha mãe se despediu e eu senti uma coisa estranha, uma sensação incomum que tirou todo o meu otimismo após aquela conversa.

— Eu te amo, mãe — beijei ternamente o seu rosto.

— Eu também te amo, filho. Nunca se esqueça disso.



— Você está melhor hoje? — falei, abraçando a cintura de Ava por trás enquanto ela passava um bife na frigideira.

Depois de sair da casa da minha mãe, eu fui direto para o apartamento obter uma dose da mulher da minha vida.

— Estou, só estou nervosa — respondeu insatisfeita. — Muito nervosa.

Observei ela se virar e me dar dois beijos carentes.

— E eu estou ansioso para que todos saibam que a mulher mais linda do mundo é minha.

— Que bobo — Ava me correspondeu com o seu sorriso mais inocente.

— Você não quer ir pra minha casa, levar suas coisas e se arrumar lá? Aí, enquanto a noite não chega, eu ajudo você com seu nervosismo e você me ajuda com a minha ansiedade.

Seus olhos cerraram em minha direção, captando as minhas segundas intenções. Cerrei os meus de volta para informá-la que era realmente aquilo que ela estava pensando.

— Eu já combinei de encontrar uma cabeleireira e uma maquiadora aqui, mas, quanto a sua ansiedade e o meu nervosismo — as mãos dela subiram para o meu peito —, nós podemos tentar resolver isso agora mesmo.

— Eu achei uma ótima ideia — sinalizei, tocando sua perna, ascendendo até suas coxas abaixo do robe rosa.

Ava esticou o braço para desligar o fogo da frigideira, agarrando-se ao meu pescoço logo depois. Uni-me ao corpo dela para ela ficar sabendo o quanto me deixava excitado só por tocá-la.

Desamarrei o robe e apreciei os seus seios que pareciam maiores dia pós dia. Tomei um de cada vez com a boca enquanto levantava o corpo de Ava para cima da bancada, deixando o robe cair no chão.

— Eu quero isso todos os dias, mas eu quero na minha casa. Ou em qualquer outro lugar desde que estejamos juntos.

— Esse é o meu único desejo, mas temos que tomar cuidado.

— Algum dia você vai querer que sejamos mais que namorados secretos, não vai?

Eu só precisava de um “sim”.

Abaixei a calça, revelando o meu pênis tão duro que doía. Passei meu pau por entre sua entrada, que já estava tão molhada quanto poderia estar.

— Por favor, Dion. Isso é jogo baixo! — reclamou docemente.

— É, eu sei.

— Você pode e vai ter tudo o que quiser de mim, mas, por favor... — Ava choramingou um pouco mais.

— Você quer isso dentro da sua bocetinha linda?

— Sim... sim... — apreciei ela se esfregar em mim para aumentar a fricção entre nossa pele sensível.

Tentei torturá-la mais, porém eu mesmo não conseguia me aguentar.

— Que se foda! — grunhi.

Enterrei-me nela ainda sem entender como ela poderia ser tão perfeita. Parecia ter sido criada sob medida especialmente pra mim. Um presente que nem de longe eu merecia.

Percebi suas mãos agarrem minha camisa de botão e abri-la com apenas um puxão.

— Eu te amo, Sr. Collins. Desde o primeiro dia, eu amo você — disse, apreciando os músculos do meu braço se contraírem cada vez que eu entrava nela.

Deitei meu tronco sobre ela, como se estivesse a prendendo em cima daquele balcão, para que ela entendesse de uma vez por todas que ela me tinha por completo e passei a estocar mais forte. Ava falava que me amava baixinho, entre gemidos, com nosso corpo se desfazendo em prazer.

Em um desses momentos, eu segurei seu rosto em minhas mãos, acariciando seus traços.

— Nunca pare de me amar, Ava. Porque eu nunca vou parar de amar você.

Naquele instante, eu não poderia ser mais sincero.


Capítulo 41

AVA

As nove semanas de gravidez começavam a deixar o meu corpo mais redondo. Há dois dias, eu fui ao ginecologista e ele confirmou a gestação, atestando que estava tudo bem comigo e com o bebê. Daquela forma, eu me sentia mais segura pra contar a Dion.

O médico me pediu para voltar a consultá-lo após o período de festas, pois ele desconfiava que eu teria uma pequena surpresa depois de um segundo ultrassom. Às vezes, eu me perguntava o que ele queria dizer com aquilo, mas não me preocupei.

No mesmo dia, eu passei em uma loja e fiquei um bom tempo na sessão infantil, apreciando os modelos de cada cor. Suspirei só de lembrar das roupinhas maravilhosas que vi. Naquela ocasião, eu comprei apenas um par de sapatinhos de crochê amarelo.

Hoje eu daria a notícia para Dion; aquele era o meu presente de Natal pra ele.

Após a visita da equipe de maquiadora e cabeleireira, eu estava pronta para encarar a minha nova realidade. Namorada de um banqueiro lindo de morrer e que me fazia enlouquecer na cama, no sofá, no chão ou em qualquer outro lugar.

O vestido da vez era um vermelho de decote quadrado e alças largas que se cruzavam nas costas, dando um charme todo especial. O modelo era colado e eu conseguia perceber um pequeno abaulamento no meu ventre, mas era praticamente imperceptível aos olhos alheios.

Antes de sair, eu peguei a caixinha prateada em cima da cama envolvida com um laço dourado. O presente do meu namorado.

Quando entrei no carro, percebi que não era Carl. Dion havia me avisado que seria outro motorista, pois naquele dia ele liberava todos os seus empregados para participarem da festa de natal.

No caminho até o bairro de Dion, eu comecei a refletir sobre como as coisas mudaram. Ano passado, eu estava neste mesmo instante vestida vulgarmente de mamãe Noel enquanto os meus ex-clientes se divertiam comigo antes de voltarem para suas famílias.

Toda aquela mudança ainda me assustava. As coisas aconteceram tão rápido. Hoje, eu seria apresentada como namorada, e não prostituta ou assistente. Hoje, eu seria alguém na vida. Alguém normal.

Saí do carro com o motorista segurando a porta para mim. Do lado de fora da mansão, as luzes de natal piscavam, iluminando a noite. Andei pela pequena estrada de ladrilhos até os braços de Dion que estava no último degrau da escada à minha espera.

Depois de me beijar calorosamente e me apreciar por longos instantes, ele me olhou orgulhoso.

— Meu Deus, como você é linda —observou-me mais um pouco. — Vamos, então?

Dion me notou com mais cuidado. O frio na minha barriga de antes se transformou num iceberg. Eu estava tão nervosa que, por um momento, não sabia se seria capaz de me mover, mas, durante aquela conexão, Dion se mostrou confiante para enfrentar qualquer coisa que viesse a seguir e eu decidi fazer o mesmo.

— Vamos.

Segurei forte em suas mãos, permitindo que ele me conduzisse para dentro. E, então, o pontapé inicial para deixar o passado pra trás e construir o meu futuro havia sido dado.

Fui contagiada instantaneamente pelo espírito natalino assim que vi a decoração grandiosa que foi feita. O tema usado foi um tom de prata lustroso, o verde e o vermelho foram pouco utilizados. Havia duas grandes mesas de jantar postas lado a lado e outra que guardava uma enorme variedade de petiscos e tira-gostos, tudo no tema natalino. Em destaque, estava a árvore que eu havia ajudado a montar, a primeira que eu montava desde a morte dos meus pais.

Passamos por cada grupinho de pessoas e Dion nem precisou falar que nós tínhamos um relacionamento diferente agora, as pessoas conseguiam ver nas entrelinhas a nossa química.

Paul Volkmann chegou perto de mim, fazendo Dion fechar a cara instantaneamente, mas me apresentou ao pai com o mínimo de cordialidade

apesar da relação deles não ser nem um pouco cordial. O homem queria saber mais sobre mim, porém Dion reprimia todas as tentativas dele.

Depois que Paul saiu de perto, Dion passou a observar a caixinha nas minhas mãos com curiosidade.

— Esse presente na sua mão é pra mim? — Balancei a cabeça e ele se mostrou muito interessado em descobrir o conteúdo.

— Eu estou orgulhoso de você, não pense que não —assustei-me ao ouvir Andrew puxando Dion para um abraço. — Ava, eu estou feliz por você também — ele pegou a minha mão, tentando transparecer sinceridade. Não caí na dele em nenhum momento, mesmo assim abri um sorriso sem graça.

— Posso abrir agora? — Dion se voltou pra mim, já que Andrew havia se afastado, mas não ficou longe o suficiente.

Eu não queria que Dion soubesse da minha gravidez no meio de todo mundo, principalmente perto do melhor amigo dele que me odiava.

— Podemos ir para o seu escritório primeiro? — pedi, desejando que ele não perguntasse o porquê.

Ele me levou para a sua sala no segundo andar. Entrei e me encostei na mesa executiva. Na hora que Dion fechou a porta, ele se aproximou de mim, me medindo com os olhos. Logo depois, senti sua pegada alucinante enquanto uma dorzinha gostosa tomava o meio das minhas pernas.

Ele me beijou, acariciando o meu rosto de forma tão suave que eu me senti uma santa imaculada.

Logo eu.

— Eu me sinto como um garoto do colegial apaixonado. — Ri com os lábios dele próximos dos meus.

Peguei a caixinha em cima da mesa atrás de mim e lhe entreguei. Ele se afastou, tirando o laço e, antes de tirar a tampa, abriu um sorriso delicioso.

— Não sei se você sabe, mas eu sou bem exigente com presentes. — Amava quando ele se fazia de prepotente. — O que é isso? — perguntou, tirando os sapatinhos de dentro da caixa com os dedos.

— Tem certeza que não sabe o que é isso?

— Eu sei o que é, só não estou entendendo o porquê de você ter me dado — ele parecia realmente confuso.

— Se fossem azuis seria menino; rosa, menina; mas esse é amarelo porque ainda é cedo para saber o sexo.

Observei seus olhos fitarem a caixa ainda hesitantes.

— Sexo de quê?

— Do bebê, Dion — falei com obviedade. — Nós vamos ser pais.

Meu Deus, como ele pode ser tão ingênuo?

— O quê? — a forma como a sua voz saiu foi avassaladora. A expressão era de humor, mas havia algo mais, uma obscuridade. — Me diz que isso é uma brincadeira de mau gosto. Pelo amor de Deus, Ava, você não pode estar falando sério!

A minha confiança e alegria foram reduzidas a cinzas. Se ter um filho era o sonho dele, como ele poderia estar tão assustado?

— Pelo amor de Deus, você, Dion — falei ainda com um pouco de esperança de que ele estivesse brincando com a situação. — Todo mundo me disse que o seu sonho é ter um filho e você me pediu para parar de tomar anticoncepcional. Por que você está agindo dessa forma?

— Não, você não entendeu. Está tudo errado, Ava. — Raiva e desespero era tudo o que eu via em seus olhos, que começaram a marejar, e só aí que eu me dei conta de que algo estava muito errado. — Eu não posso ter me enganado esse tempo todo com você.

Olhei tudo aquilo atônita, querendo saber onde estava o meu erro.

— Do que você está falando? Dion, eu não estou entendendo...

— Andrew me disse que uma hora ou outra você faria algo assim, e eu fui tonto em acreditar que você não era igual às outras mulheres da *sua* classe.

Soltei um suspiro exausto.

— Minha classe? — a voz saiu estrangulada.

Próximo à mesa, Dion permanecia me olhando como se eu fosse uma espécie de monstro asqueroso. As palavras pareciam presas em sua garganta. Tudo o que eu enxergava em sua imagem era ódio e dor.

Houve uma batida na porta e o rosto de Andrew apareceu na fresta.

— Já está quase no horário da virada de Natal, quando você vai descer? — No fundo, nós sabíamos que ele apareceu ali para bisbilhotar.

— Não vai mais ter festa. Avise a todos.

Dion me deu as costas, assumindo de vez um semblante obscuro.

— Você não vai me dizer nada? — Puxei ele pelo braço para fazê-lo me olhar. — É só isso? Me diz por que ficou tão bravo. O que eu fiz de errado, Dion?

— Não errou em lugar algum, o erro foi meu esse tempo todo — a decepção fluía de sua voz. — Leva ela daqui, Andrew.

— O quê? Me diz o que foi e resolveremos isso — aproximei-me dele, percebendo seus olhos vermelhos.

O advogado entrou na sala e esperou que o amigo tomasse uma decisão mais concreta. Alcancei Dion e ele se desvencilhou facilmente.

— O que aconteceu? Você simplesmente me mostrou o que eu sempre me neguei a ver, Ava. Uma pessoa que faz tudo por dinheiro, até o impossível acontecer.

Minhas mãos tremeram violentamente e a minha respiração se tornou ofegante. Não consegui me concentrar em mais nada. A ideia de que eu teria um ataque de nervos estava no centro das minhas atenções.

— Está tudo bem, cara? — Andrew perguntou baixo enquanto inúmeras lágrimas deixavam os meus olhos.

— Leva ela daqui, não temos mais nada pra conversar — Dion disse incisivo, dispensando-me da forma mais covarde possível.

— Não! — reclamei ao sentir a força deixar o meu corpo. — Você não me disse nada!

Queria poder rebater cada acusação, mas eu estava muito frustrada pra isso, ao mesmo tempo eu não queria ir embora sem saber o que houve para Dion falar comigo daquela forma depois de eu dizer que ele seria pai.

Andrew se aproximou e me puxou pelos braços. Tentei exercer resistência, mas não consegui fazer frente diante dele. Observei Dion ficar distante e tampar os ouvidos para não escutar os meus gritos de agonia enquanto eu era arrastada para longe. Uma explicação era tudo o que eu precisava, porque eu não fazia nem ideia do que tinha acabado de acontecer.



O advogado me levou pelo caminho dos fundos. Andei atrás dele como um zumbi, sem conseguir parar de chorar.

— O que você fez dessa vez, Ava? Eu não te avisei que esse negócio entre você e Dion daria merda?

Aquela foi a única coisa que ele disse antes de parar em frente ao prédio do apartamento de Dion. Quando o carro estacionou, eu fui direto para o cesto de lixo da calçada vomitar todo o meu almoço. Fiquei lá por alguns instantes, sem ter forças para parar em pé e, pior, sob o olhar julgador de Andrew.

Ele nem esperou eu me recuperar e me puxou para dentro do prédio, apoiando-me enquanto eu ficava olhando para o nada, sem qualquer coisa em mente que não fosse Dion.

Ao entrar no apartamento, a primeira coisa que fiz foi procurar o banheiro. Andrew ficou encostado na soleira da porta do cômodo, me observando.

— Mas que droga! Você está grávida, não está? — perguntou exasperado. Não lhe dirigi a palavra. — Claro que está, e você acha que o filho é de quem? Do Dion?

Voltei meus olhos para ele com a certeza de que estava me julgando novamente. Depois de um tempo tirando suas conclusões precipitadas, ele

tornou a falar.

— Sabe, Ava, quando eu fiquei sabendo que você cresceu com uma mulher que fazia do abuso de menores um negócio, eu dei uma carta de confiança pra você, mas agora você me faz isso...

No meio de tantos problemas, eu consegui rolar os olhos, tamanha era a minha repugnância.

— Por que é tão difícil pra você acreditar em mim?

— Porque é impossível você estar grávida de Dion. Ele é estéril — respondeu secamente.

Meu cérebro demorou para processar tal informação.

Estéril?

— Não, não pode ser! A única pessoa com quem eu me relacionei nesse tempo foi com ele. Dion me falou que eu não precisava de pílula e Camille disse que esse é o sonho dele.

— Camille, assim como Amber, não sabe que Dion não pode ter filhos. Ele confidenciou essa informação somente a mim.

— Não — balancei a cabeça freneticamente, finalmente entendendo o desespero de Dion na hora que eu contei sobre o bebê. No entanto, não havia outra possibilidade de a criança ser de outra pessoa que não fosse ele. — Vocês estão enganados. Por esse motivo que eu preciso falar com ele. Um simples teste de DNA pode provar o que eu estou dizendo.

— Será mesmo? — Ele colocou a mão abaixo do queixo. — Você pode dizer o que quiser, Ava, mas eu pedi à administração do prédio a cópia das gravações das câmeras de segurança, a pedido do próprio Dion. Caso não tenha percebido, esse prédio está cheio de câmeras. O intuito dele era verificar quem Bruce veio visitar em um certo dia. Ele estava com medo do irmão maluco dele ter vindo até aqui para te ameaçar, chantagear ou coisa pior, e, quando eu enviei pra ele, Dion disse que eu poderia descartar as gravações porque ele confiava no que você tinha dito — fez uma pausa e eu, até o momento, não entendi o porquê daquilo. — Mas eu assisti. E eu vi Bruce entrar por sua porta, madrugada após madrugada, por duas semanas

consecutivas e você tem a coragem de me dizer que Dion é o único homem que pode ser o pai do seu filho?

As coisas começaram a ficar claras na minha mente como um quebra-cabeça doentio.

Bruce. Madrugada. Olhos azuis.

Pesadelo.

Meus pelos se arrepiaram dolorosamente com uma constatação.

Não foram pesadelos!

Meu estômago se contraiu, no entanto já não havia mais nada nele. Encostei na parede do banheiro e deixei meu corpo trêmulo deslizar até estar sentada no chão ao lado do vaso sanitário, absorvendo o choque.

Eu tinha dúvidas se o ar ainda entrava nos meus pulmões. Senti-me paralisada, incapaz.

Minha visão captou a saia do vestido de grife que havia comprado para a noite mais feliz da minha vida. Como as coisas acabaram daquela forma?

Saí de casa para comemorar a minha mudança de vida e agora eu estava jogada no banheiro como um lixo mal descartado, completamente destruída.

Talvez eu entendesse de uma vez por todas que contos de fadas não foram feitos para "garotas da minha classe".

— Faça um favor pra gente, Ava, some daqui. Some dessa cidade ou vai dar o golpe da barriga em outro. — Andrew abriu sua carteira e jogou algumas notas no chão. — Use esse dinheiro para pegar um ônibus ou algo assim, mas deixe Dion em paz. Ele não merece passar por isso.


Capítulo 42

DION

— Outra festa associada ao banco terminando repentinamente, o que aconteceu, filho? — voltei-me para a porta ao ouvir a voz do meu pai, nem prestei atenção na aproximação dele.

— Que merda você está fazendo? Dê o fora daqui você também — rugi.

— Eu também? — perguntou confuso. — Com quem você estava brigando, Dion?

Cruzei as mãos em frente ao rosto enquanto a minha mente continuava trabalhando para entender como eu pude ter sido enganado daquela forma.

— Cadê a sua namorada que você trouxe aqui pra cima? — respirei fundo, sabendo que ele estava falando de Ava. A minha vontade era de gritar.

— Não tenho paciência pra você agora, pai. — Bastou um olhar maligno em sua direção para ele perceber que a sua presença ali era totalmente inútil.

O homem tomou o rumo da porta, só que antes ele se virou para me observar com cara de poucos amigos. Paul não tinha por que me culpar por tratá-lo assim. Eu apenas estava fazendo o que ele fazia comigo quando eu era criança.

— Espere — pedi. — Onde está Bruce?

— Seja lá do que você vai culpá-lo agora, ele não está na cidade já há alguns dias. Bruce se mudou.

Meu pai saiu porta afora depois de eu deixar um olhar intimidante nele.

Bruce continuava dando sorte. Eu não poderia nem imaginar o que faria com ele se o visse por aí.

A imagem de Ava veio na minha mente novamente. Nunca poderia prever uma traição por parte dela, aquilo não entrava na minha cabeça de forma alguma; porém como seria possível ela estar grávida de um filho meu se eu não podia ter filhos?

Queria poder ter dado aquela informação pra ela antes, mas me

acovardei porque sempre ouvi dizer que um homem que não tinha filhos não era homem de verdade. Já era difícil o bastante saber que eu nunca seria capaz de deixar um herdeiro no mundo. Muito menos um herdeiro com a mulher que eu amava.

Peguei meu celular inconscientemente e disquei para o Doutor Sullivan, o médico que me indicaram para cuidar da minha situação. Ignorei totalmente que daqui a pouco era a virada de Natal e que ele devia estar com a família comemorando.

O celular chamou duas vezes antes de atender.

— Dion?

— Ei, Doutor Sullivan. Desculpe pelo horário e me desculpe pelo dia, mas eu preciso urgente do seu auxílio.

— Pois não, me diz como eu posso ajudá-lo?

Fiquei um pouco aliviado com sua solicitude.

— Você já disse que é improvável eu conseguir engravidar uma mulher, mas eu queria saber se existem chances, mesmo que mínimas, de eu conseguir ter um filho por meios tradicionais.

O homem do outro lado da linha demonstrou que não esperava aquele tipo de questionamento.

— Bem, a genética não é uma ciência exata, por isso existem margens de erro. No seu caso, a proporção te dá uma desvantagem de 99,9% contra 0,1% de chance. É impossível você ter um filho biológico por meios tradicionais, Dion. Sinto muito ter que te falar isso, de novo.

Um sorriso nervoso despontou no meu rosto.

— Obrigado, doutor, e desculpe.

0,1%!

É tão ruim quanto parece?

Liguei no celular de Ava, no entanto o aparelho tocou bem em cima da minha mesa. Ela havia esquecido ele.

Ao ouvir ela me dizer que estava grávida, só me veio uma palavra em mente: traição. Não consegui pensar em mais nada. Minha cabeça só trabalhava com a possibilidade de que Ava tinha me traído e o bebê em seu ventre era a prova daquela traição. Meu lado iludido pesou mais naquele momento e, no fim, refleti que aquilo tudo poderia ter outra explicação. Sendo assim, eu precisava ouvir o outro lado.

Iria confrontá-la pessoalmente para saber o que ela tinha a dizer em sua defesa. E eu não tinha por que querer me enganar, tudo o que eu mais desejava no momento era que ela estivesse certa.

Andrew surgiu em meu escritório assim que eu me levantei para ir à procura de Ava. Tentei me esquivar dele, pois sabia exatamente o que ele iria dizer.

— Aonde você vai?

— Você levou Ava para meu apartamento? — perguntei em contrapartida.

— Levei, nesse momento ela está fazendo as malas. Pedi pra ela nunca mais aparecer aqui de novo — havia um certo tom de orgulho em sua voz.

— E por que você fez isso? — vociferei, desejando juntar minhas mãos em torno do pescoço dele.

— Você estava indo atrás dela, não estava? — Andrew fez uma careta de vergonha. — Sente-se aí, você não sai dessa sala sem ver o que eu vou te mostrar.

Tapei o meu rosto, já aguardando o pior.

Porra, o que será agora?

Andrew abriu uma sequência de vídeos em seu celular e me mostrou um por um. Lá estava ele, Bruce, entrando em plena madrugada no apartamento que eu batia ponto quase todos os dias. Ele não enfrentava qualquer dificuldade, tinha inclusive a própria chave da porta.

Andei pela sala por alguns momentos, agora tudo fazia sentido. O meu sangue ferveu ao mesmo tempo em que eu imaginei Bruce encostando suas mãos imundas em Ava ou como era o tom de suas risadas enquanto me

faziam de tolo.

Por mais que eu tentasse me manter pacífico, a minha fúria estourou como um vulcão em erupção.

— Desgraçados! — esbravejei, mandando o meu celular na parede.

Bruce me disse uma vez que acabaria com a minha vida, devia parabenizá-lo porque ele acabou de conseguir.



O sono demorou a vir enquanto minha cabeça tentava fugir da realidade. Eu precisava encontrar uma maneira pra conseguir seguir em frente depois daquela noite.

Não sonhei nem tive pesadelos, minha mente era só escuridão.

Senti um toque brusco no braço.

Ava?

— Dion, acorda. Preciso que venha comigo — era a voz de Carl.

— São quantas horas agora?

— Quase quatro da manhã.

Meu coração parou dentro do peito. As coisas ruins costumavam acontecer de madrugada. Coloquei uma camiseta e questionei para onde ele estava me levando, Carl me deu apenas desculpas. Rapidamente, entramos no carro.

— O seu pai me ligou depois de tentar diversas vezes te contatar sem sucesso.

Aquilo tinha fundamento. Meu celular estava espalhado aos pedaços no chão do escritório.

— O que ele quer comigo de madrugada? — As coisas nublaram na minha mente quando o motorista se aproximou do hospital em que minha mãe ficou internada diversas vezes. — É a minha mãe? — Ele não respondeu

nada.

Passei a mão no rosto, tentando tirar qualquer vestígio de sono, e pulei do carro indo em direção à recepção do hospital.

— O que você faz aqui? — perguntei, olhando para meu pai que estava sentado em um dos bancos.

— Eles me chamaram quando não conseguiram contato com você — sua voz era mórbida e os olhos estavam vermelhos como se tivesse chorado.

— Onde está a minha mãe? — perguntei, tentando tirar uma dúvida que se agarrava a mim com mais força a cada segundo.

— Dion Volkmann? — um homem chamou às minhas costas.

Segui os passos do homem até uma sala, sem perceber que Paul vinha comigo. Quando me acomodei no sofá de canto, o homem me olhou com receio e começou a falar.

— Sua família tem uma parceria conosco e sinto em dizer que falhamos. Sua mãe foi tratada por um excelente médico, mas ele não demonstrou ter a ética que todo profissional deveria ter.

— Desculpe, quem é você e do que você está falando? — gesticulei para ele ser mais claro.

— Eu sou o diretor do hospital. — Ele olhou para os papéis em sua mão, parecendo desconfortável. — Camille chegou até nós com um quadro de câncer de mama. Ela foi submetida a radioterapia, mas a doença não regrediu e ela não quis seguir com tratamentos mais invasivos.

— Não, minha mãe não *tem* câncer — afirmei piamente. — Diversas vezes, nós viemos aqui e o médico nada encontrava que justificasse o mal-estar dela.

— O médico que tratava de Camille foi demitido justamente por ele não ter informado o quadro da paciente para a família, ele ainda alegou que fez isso porque a própria paciente pediu.

— Me deixe conversar com ela, eu realmente não estou entendendo nada. — Levantei-me, sentindo um suor frio descendo pelo meu rosto.

Meu pai me puxou de volta.

— Senhor Volkmann, sua mãe deu entrada no hospital às 2:28 com parada cardiorrespiratória, não houve sucesso ao tentar reanimá-la — o diretor continuou falando, mesmo eu implorando para que ele parasse. — Confirmamos o óbito somente às três da manhã.

Aquela frase não fazia sentido nenhum pra mim. Parada cardíaca? Reanimação? Óbito?

Meu pai espalhou seus braços em torno de mim, como se quisesse me proteger de algo.

— Não — falei, tentando me livrar dele. — Eu não acredito em você! — gritei para o médico, apontando um dedo ameaçadoramente pra ele. — Me deixe vê-la agora!

— Dion, meu filho... a sua mãe se foi.

Relutei com aquela informação batendo na minha mente, sem deixá-la entrar.

— Não, não. Não ela, pai. Não a minha mãe!

— Sinto muito, filho — senti os braços dele me cobrirem. Resisti, observando as paredes brancas, me questionando que tipo de pesadelo era aquele que parecia tão real.

— Não, pai. Não pode ser! Me diz que é tudo mentira — implorei enquanto meu rosto era tomado de lágrimas e dor.

Ele apertou o seu abraço; continuei resistindo até o meu corpo não aguentar mais. Somente quando as minhas defesas caíram de vez que eu me permiti chorar pela minha segunda perda da noite.


Capítulo 43

AVA

E, quando as coisas ficaram ruins pra mim, eu fiz o que eu fazia de melhor: eu fugi.

Saí de São Francisco deixando tudo pra trás, pegando apenas a lata de biscoito em que eu guardava algum dinheiro pra emergência, junto com algumas fotos e uma mochila com poucas roupas.

O dinheiro me permitiu chegar até San Carlos, uma cidade pequena, mas que não ficava longe o suficiente de São Francisco. Sem dinheiro para pagar um hotel ou sair da cidade, eu fui acolhida em um abrigo feminino.

Havia duas semanas que eu passava o dia inteiro revezando entre a cama e o banheiro. Os vômitos frequentes despertaram a curiosidade da supervisora que descobriu minha gravidez logo em seguida. Ela foi bem clara quando disse que mulheres na minha condição não eram aceitas ali.

A mulher em questão me deu duas escolhas: retirar-me ou cortar o problema pela raiz.

Foi como voltar ao passado, no tempo em que outras pessoas tomavam as decisões por mim.

Naquele exato momento, eu estava em uma clínica de controle de natalidade, uma clínica de aborto para ser didática. Olhei para a mesa à minha frente, a médica estava atrasada. No fundo, eu achava bom que ela se atrasasse, pois quando ela chegasse, não haveria mais espaço para arrependimentos.

Eu vivia desde o natal bem distante da realidade, evitando ver noticiários ou acessar a internet para me forçar a não procurar informações sobre ele. A vontade que eu tinha de ver Dion e descarregar todo o meu rancor era grande, mas como eu poderia fazer aquilo se nada do que estava acontecendo era culpa dele?

Ele poderia ter me procurado, poderia ter mandado seu motorista me buscar e me deixar fazê-lo me entender, mas eu não dei chance. Eu fui embora tão logo Andrew saiu do apartamento, em plena virada de Natal, deixando apenas um bilhete.

Poderia me sentir covarde por não encarar os fatos, mas não foi aquele o motivo da minha fuga, e sim, medo. Se Bruce entrava no apartamento quando bem entendesse e abusava de mim como se nunca pudesse ser pego, eu jamais continuaria ali. Dion talvez me entendesse, talvez acreditasse em mim quando eu dissesse que eu não permiti Bruce entrar no apartamento nenhuma vez, ou talvez não. Talvez ele estivesse tão cego de ódio pelo irmão que não acreditaria em nada que saísse da minha boca. Na melhor das hipóteses, eu não submeteria Dion à humilhação de ter engravidado da pessoa que ele mais odiava.

A vontade de vomitar veio forte quando eu me lembrei dos pesadelos. Aquela sombra que me imobilizava na cama e se apoderava de mim sem que eu conseguisse me mexer ou gritar. Eu ainda não entendia como ele me deixava sem forças e com a visão turva, o que me impossibilitava de lutar. No dia seguinte, era como se eu estivesse de ressaca.

Se eu não conseguia explicar como o irmão estuprador de Dion agia, como eu faria ele acreditar em mim? Como eu daria a volta por cima se eu me neguei diversas vezes a reportar a visita de Bruce ao apartamento?

Eu nem sabia se o que Bruce fez comigo foi real ou se realmente foi um pesadelo. Entretanto, como se explicaria a gravação dele entrando no apartamento em plena madrugada, praticamente todos os dias?

Eu estava completamente perdida.

— Como está o preparativo para a mudança? Ok. O quê? Por quê?

A médica surgiu, falando ao telefone. Ela devia ter em torno de trinta e poucos anos, tinha olhos azuis e cabelos loiros num tom bem claro.

— Meu Deus, Vivi — pela cara, a notícia não devia ser boa. *— Como encontraremos outra pessoa tão em cima da hora?*

Ela parecia bastante preocupada, enrugando a testa. Quando a doutora se acomodou na cadeira à minha frente, eu consegui ver o seu nome estampado no jaleco "Jenna K. Hall".

— Eu sei, meu amor, nós vamos conseguir resolver isso, está bem?

A doutora Jenna desligou o telefone depois de acalmar os ânimos da

pessoa do outro lado da linha.

— Desculpe por isso. Sou a doutora Jenna Hall — ela esticou a mão pra me cumprimentar, logo depois folheou os papéis em sua mão. — Você deve ser a Ava. — Balancei a cabeça em concordância. — Vamos ver, completou onze semanas de gravidez recentemente, sem gestações anteriores — falou para si própria. — Fez algum acompanhamento pré-natal?

— Não.

Eu não sabia se a minha primeira consulta com o ginecologista contava como pré-natal, então resolvi dizer que não.

— Ok, Ava — ela digitou em seu computador. — Qual a sua idade?

— Vinte e dois. — A doutora conferiu em seu computador, depois deu uma olhada no calendário pregado na parede.

— Aqui no meu sistema consta que seu aniversário é dia nove de janeiro, hoje. — Eu não pude sustentar o olhar da doutora por muito tempo e abaixei os meus. — Você não se lembrava de que hoje é o seu aniversário, Ava?

Não havia a menor possibilidade de eu me lembrar, sendo que eu perdi a noção do tempo, literalmente.

Jenna encostou-se na cadeira, deixando sua caneta de lado.

— Ava, o que te levou a vir até mim? — ela assumiu um tom mais sério. — Foi o pai do seu filho? Ele não queria a gravidez, é isso?

Tentei evitar, mas, toda hora que pensava sobre o bebê, a minha mente se enchia de imagens minha e de Dion nos nossos melhores dias, misturadas a imagens do pesadelo. Encolhi-me, abaixando a cabeça e sentindo as lágrimas molharem o meu jeans.

— Você realmente deseja seguir com o aborto?

Aquela palavra doía tanto em meu coração. A minha parte racional dizia que sim, pois aquele ser dentro de mim foi fruto de um crime, mas meu coração dizia que não, que o impossível tinha acontecido e o serzinho dentro do meu ventre era do homem que eu amava.

— Ava, eu preciso de uma resposta — falou incisiva. — Se você estiver com dúvida, aconselho voltar quando você tiver se esclarecido — ela fez uma pausa e depois suspirou. — Mas eu claramente vejo que você não quer isso. Você não tirou as mãos da sua barriga desde que eu cheguei aqui.

— A supervisora disse que eu não podia voltar pro abrigo se ainda estivesse grávida — soltei as palavras presas na garganta.

Jenna juntou as mãos na boca, parecendo entender a minha situação.

— Eu desconfiei mesmo que sua vida não estava sendo fácil, Ava. Acho que pessoas que já passaram por situações ruins se reconhecem e eu te reconheci. Vamos deixar a consulta de lado e vamos conversar um pouco, tudo bem? — Concordei, sentindo-me aliviada, e aguardei o que a doutora Jenna tinha pra me dizer. — Muitas vezes entramos em caminhos tortuosos para chegarmos até onde sonhamos, no entanto há muitas pessoas que sequer sabem onde querem chegar. Você ainda é jovem e bonita, mas até onde você quer chegar, Ava? E o que você está disposta a fazer para conseguir isso?

Balancei a cabeça, sem ter ideia do que responder. Eu queria ir até onde Dion estivesse e me jogar à sua frente de joelhos, implorando para que ele me ouvisse, mas não tinha certeza se estava preparada para estar frente a frente com ele e explicar que talvez estivesse grávida de Bruce.

— Eu não queria estar aqui, mas entendo que talvez seja necessário — respondi.

— Você trabalha, Ava? — Dei uma resposta negativa. — Quais são as suas qualificações profissionais? — ela continuou, percebendo a minha confusão com o intuito daquelas perguntas.

— Eu não tenho nenhuma.

Ela continuou batendo nas teclas do computador e o som era tão macio que o meu corpo começou a relaxar. Jenna parou o que estava fazendo e me olhou. Pela forma que ela fez aquilo, deixou claro que ela era o tipo de mulher cujas as emoções eram transmitidas pelos olhos. Sendo assim, ela parecia estar com pena de mim, muita pena.

— Você tem experiência com serviços de escritório? — percebi que ela perguntou aquilo de supetão, como se soubesse que a resposta seria não.

— Não, — olhei pra cima, pensando. — Quer dizer, já me ensinaram uma vez a arquivar documentos e algumas outras coisas do tipo.

Respondi, recordando da vez que Dion tirou um pouco do seu precioso tempo para me ensinar a fazer algumas funções básicas de secretária.

— Certo. Você tem família aqui ou alguém próximo com quem você possa ficar?

— Não.

— E como você pretende sustentar você e uma criança, sem trabalho ou algum tipo de apoio? — Olhei pra ela assustada, sentindo mais lágrimas brotando.

Aquele choque de realidade surtiu efeito.

— Eu não... eu não sei — as palavras quase não saíram. Eu tive vergonha de dizer aquilo.

A médica soltou um gemido engraçado.

— Vivian vai me matar — disse distraidamente. — Bem, nesse caso, eu vou te oferecer uma oportunidade. E faço isso porque um dia alguém me estendeu a mão quando eu mais precisei e vou fazer o mesmo por você. Eu e minha esposa estamos nos mudando para Nova Iorque. Vivian recebeu uma proposta irrecusável de emprego. Ela é uma executiva de mão cheia — disparou com orgulho — e estamos nos mudando. Acontece que uma das nossas ajudantes não aceitou ir conosco. Se você quiser, pode fazer um teste para preencher a vaga. — Levantou um dedo em advertência. — Tenha em mente que não contrataremos uma funcionária grávida. Agora, eu preciso saber, você quer realmente seguir com a gravidez, Ava?

Antes de responder, eu fiz uma pequena oração. Não pedi por mim – Deus havia me virado as costas há muito tempo –, mas pelo pequenino que crescia no meu ventre, pois ele, sim, não merecia qualquer tipo de sofrimento e era aquilo que deixava a minha decisão ainda mais dolorosa.

FIM

Livro 2 em abril na plataforma

